

Francisca Mayane Benvindo dos Santos
Lia Machado Fiuza Fialho
José Albio Moreira de Sales

Maria Socorro Lucena Lima

Educadora cearense referência
na formação de professores



COLEÇÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS

Editores

Lia Machado Fiuza Fialho | Editora-Chefe
José Albio Moreira Sales
José Gerardo Vasconcelos

CONSELHO EDITORIAL EXTERNO

Conselho Nacional Externo

Charliton José dos Santos Machado, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Emanoel Luiz Roque Soares, Universidade Federal do Recôncavo Baiano, Brasil
Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, Universidade Tiradentes, Brasil
Jean Mac Cole Tavares Santos, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Brasil
José Rogério Santana, Universidade Federal do Ceará, Brasil
Lia Ciomar Macedo de Faria, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil
Maria Lúcia da Silva Nunes, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Norberto Dallabrida, Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil
Robson Carlos da Silva, Universidade Estadual do Piauí, Brasil
Rosangela Fritsch, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
Samara Mendes Araújo Silva, Universidade Federal do Paraná, Brasil
Shara Jane Holanda Costa Adad, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Conselho Internacional

António José Mendes Rodrigues, Universidade de Lisboa, Portugal
Catherine Murphy, University of Illinois, Estados Unidos da América
Cristina Maria Coimbra Vieira, Universidade de Coimbra, Portugal
Dawn Duke, University of Tennessee, Estados Unidos da América
Hugo Heredia Ponce, Universidad de Cádiz, Espanha
Nancy Louise Lesko, Columbia University, Estados Unidos da América
Oresta López Pérez, El Colegio de Michoacán, México
Ria Lemaire, Universidade de Poitiers, França
Susana Gavilanes Bravo, Universidad Tecnológica Metropolitana, Chile
Emilie Zola Kalufuak, Université de Lubumbashi, Haut-Katanga, Congo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

REITOR – Hidelbrando dos Santos Soares

VICE-REITOR – Dárcio Ítalo Alves Teixeira

EDITORA DA UECE

COORDENAÇÃO EDITORIAL – Cleudene de Oliveira Aragão

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Luciano Pontes • Eduardo Diatáhy Bezerra de Menezes • Emanuel Angelo da Rocha Fragoso
Francisco Horacio da Silva Frota • Francisco Josênio Camelo Parente • Gisafran Nazareno Mota Jucá
José Ferreira Nunes • Lidiuina Farias Almeida da Costa • Lucili Grangeiro Cortez • Luiz Cruz Lima
Manfredo Ramos • Marcelo Gurgel Carlos da Silva • Marcony Silva Cunha • Maria do Socorro Ferreira Osterne
Maria Salete Bessa Jorge • Sílvia Maria Nóbrega-Therrien

CONSELHO CONSULTIVO

Antonio Torres Montenegro (UFPE) • Eliane P. Zamith Brito (FGV) • Homero Santiago (USP)
Ieda Maria Alves (USP) • Manuel Domingos Neto (UFF) • Maria do Socorro Silva de Aragão (UFC)
Maria Lírída Callou de Araújo e Mendonça (UNIFOR) • Pierre Salama (Universidade de Paris VIII)
Romeu Gomes (FIOCRUZ) • Túlio Batista Franco (UFF)

Francisca Mayane Benvindo dos Santos
Lia Machado Fiuza Fialho
José Albio Moreira de Sales

Maria Socorro Lucena Lima:

Educadora cearense referência
na formação de professores



1ª EDIÇÃO
FORTALEZA | CE
2021

**MARIA SOCORRO LUCENA LIMA: EDUCADORA CEARENSE REFERÊNCIA
NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

© 2021 *Copyright* by Francisca Mayane Benvindo dos Santos,
Lia Machado Fiuza Fialho e José Albio Moreira de Sales

O conteúdo deste livro, bem como os dados usados e sua fidedignidade, são de responsabilidade exclusiva dos autores. O *download* e o compartilhamento da obra são autorizados desde que sejam atribuídos créditos aos autores. Além disso, é vedada a alteração de qualquer forma e/ou utilizá-la para fins comerciais.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE
Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – *Campus* do Itaperi – Reitoria – Fortaleza – Ceará
CEP: 60714-903 – Tel.: (85) 3101-9893 – Fax: (85) 3101-9893
Internet: www.uece.br/eduece – E-mail: eduece@uece.br



Coordenação Editorial
Cleudene de Oliveira Aragão

Projeto Gráfico e Capa
Carlos Alberto Alexandre Dantas
carlosalberto.adantas@gmail.com

Revisão Vernacular e Normalização
Felipe Aragão de Freitas Carneiro
felipearagaofc@hotmail.com

Bibliotecária Responsável: Doris Day Eliano CRB-3/726

S237m Santos, Francisca Mayane Benvindo dos
Maria Socorro Lucena Lima: Educadora cearense referência
na formação de professores / Francisca Mayane Benvindo dos
Santos; Lia Machado Fiuza Fialho; José Albio Moreira Sales. -
Fortaleza: EdUECE, 2021.
183p. il.
ISBN: 978-65-86445-98-5
doi: <https://doi.org/10.47149/978-65-86445-98-5>
1. Socorro Lucena – biografia. 2. Educação de mulheres. 3. Fialho,
Lia Machado Fiuza. 4. Sales, José Albio Moreira de. I. Título

CDD 370

SUMÁRIO

PREFÁCIO - 7

Elcimar Simão Martins

MARIA SOCORRO LUCENA LIMA: EDUCADORA CEARENSE

REFERÊNCIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Francisca Mayane Benvindo dos Santos

Lia Machado Fiuza Fialho

José Albio Moreira de Sales

1 APRESENTAÇÃO - 13

2 OS CAMINHOS DA BIOGRAFIA - 23

2.1 Fontes orais: quem foram os nossos colaboradores? - 44

3 A EDUCADORA MARIA SOCORRO LUCENA LIMA - 53

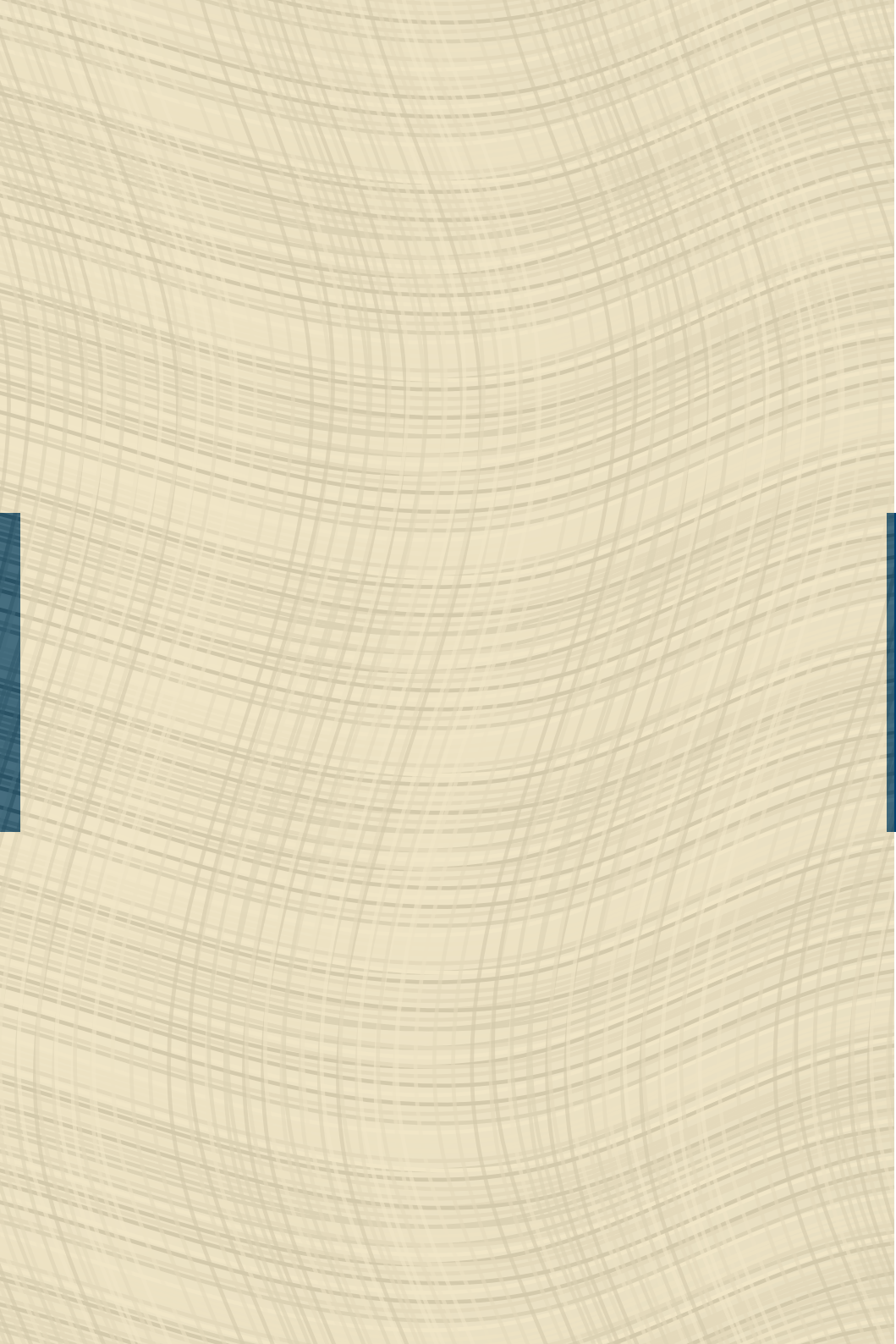
3.1 Conhecendo a formação educacional de Maria Socorro Lucena Lima - 56

3.2 Trajetória de formação e atuação profissional docente: educação e trabalho - 99

4 PROJETO DE VIDA: SUA MARCA FORMATIVA - 146

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS - 155

REFERÊNCIAS - 161



PREFÁCIO

ELCIMAR SIMÃO MARTINS

Pós-Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Doutor e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará. Especialista em Ensino de Literatura Brasileira pela Universidade Estadual do Ceará e em Gestão Escolar pela Universidade Federal do Ceará. Graduado em Letras com Habilitação nas Línguas Portuguesa e Espanhola e suas respectivas Literaturas pela Universidade Federal do Ceará. Pedagogo pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor Adjunto A da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), com lotação no Instituto de Ciências Exatas e da Natureza (ICEN). Professor Permanente do Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis (MASTS/UNILAB), Vice Coordenador do Mestrado Profissional em Ensino e Formação Docente (PPGEF UNILAB-IFCE) e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE). Coordenador Institucional do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID/UNILAB). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação, Diversidade e Docência (EDDocência). Membro dos Grupos de Pesquisas sobre Formação do Educador (GEPEFE/USP) e Docência no Ensino Superior e na Educação Básica (GDESB/UECE).
E-mail: elcimar.martins@uece.br

E uma honra e uma alegria prefaciар o livro **MARIA SOCORRO LUCENA LIMA: EDUCADORA CEARENSE REFERÊNCIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**, dos autores Francisca Mayane Benvindo dos Santos, Lia Machado Fiuza Fialho e José Albio Moreira de Sales, que cuidadosamente teceram a biografia dessa grande mulher, centrando o olhar investigativo em sua trajetória formativa, pessoal e profissional. O texto desvela, em cada uma de suas páginas, aspectos da largueza de sua vida e de ensinamentos vários presentes em sua caminhada, em especial, o gostar de estar junto das pessoas, de inspirá-las a buscar sempre mais, traçando – mesmo que o outro não perceba – um projeto de vida.

Para dialogar com a biografia de Socorro Lucena, recorro ao professor Aluísio Cavalcante Jr. e à sua compreensão de *Duc in Altum*, que

*é uma expressão derivada do latim,
que significa avançar para águas mais profundas
ou seguir sempre para o alto.*

*Penso ser este o objetivo maior da educação.
Inspirar em cada vida que passa por nossa vida
a capacidade de ir ao encontro dos seus sonhos,
e transformar-se neles.*

Mayane Santos e Lia Fialho foram tecendo fios de memória em busca de “investigar a formação educativa, bem como as contribuições profissionais da professora Maria Socorro Lucena Lima para a formação de professores no ensino superior do Ceará”. Nesse entrelace, a partir do contexto sócio histórico, político e econômico, a vida familiar e

a trajetória formativa de Lucena se encontraram tal qual a urdidura e a trama, resultando na tecitura do exercício profissional de formadora de profissionais da educação.

*Há quem diga que gente não pode voar,
Mas nós que ensinamos e aprendemos lições
De transformar o mundo,
Sabemos que isto não é verdade.
Gente pode voar, sim.
Pode ir até a altura dos seus sonhos.
Pode ir ao céu.
Pode ir as estrelas.
Pode ir a outras galáxias e constelações.*

Quantas viagens, Socorro Lucena? Aurora, Barbalha, Juazeiro, Crato, Quixadá, Fortaleza, Rio de Janeiro, São Paulo, Portugal! A filha do comerciante José de Oliveira Lima e da dona de casa Maria Lourdes Lucena “ganhou o mundo” por meio da educação. Inicialmente, em busca de sua formação e depois com o compromisso de formar outras pessoas, seja na sala de aula ou por meio de suas obras, em especial, do livro *Estágio e Docência* (escrito em parceria com a professora Selma Garrido Pimenta), que já se encontra em sua oitava edição e marca o seu compromisso com a formação docente.

*Sabemos também que nesta viagem
Não se pode voar sozinho,
Pois assim como as asas precisam do vento,
Como a melodia precisa de uma letra,
Como as sementes precisam da terra,
Gente precisa de gente,
Para iluminar e ser iluminada pela magia dos sonhos,
E assim continuar a viagem da existência.*

Socorro Lucena guarda uma fidelidade à família e às amigas/aos amigos (comadres e compadres, como uma mãe/ como um pai, acolhendo e sendo acolhidos, em um compro-

misso mútuo de cuidar um/a do/a outro/a). De igual modo, ela preserva os ensinamentos de suas professoras formadoras, que a levaram a criativamente compor a sua linhagem epistemológica e o seu trabalho, marcado pela amorosidade e pelo compromisso do ensino com/como pesquisa, entendido em sua complexidade e refletido criticamente. Sua contextura profissional a levou a iluminar, por meio de suas palavras e ações, outras tantas pessoas a traçarem seu projeto de vida.

DUC IN ALTUM significa ir sempre para o alto
Rumo ao infinito,
Para um dia chegar de mãos dadas com a esperança,
Ao lugar mais alto que gente pode chegar:
– O coração da vida.

Socorro Lucena é a própria vida a bailar em um canto que é seu, mas que só se alegra no encontro e na partilha com o outro para que como “uma teia que se enlaça no tear do sentimento com o fio de bem querer” toque o coração da vida! Isso, ela o faz por meio de seus escritos, de suas aulas e palestras ou de suas produções artesanais!

Que a leitura da obra **MARIA SOCORRO LUCENA LIMA: EDUCADORA CEARENSE REFERÊNCIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**, dos autores Francisca Mayane Benvindo dos Santos, Lia Machado Fiuza Fialho e José Albio Moreira de Sales, seja um lampejo de esperança em tempos tão difíceis e impulsione outras pessoas a tecerem e a narrarem seus projetos de vida, formação e trabalho!

Aracoiaba/CE, agosto de 2021.

Prof. Dr. Elcimar Simão Martins

MARIA SOCORRO LUCENA LIMA: EDUCADORA CEARENSE REFERÊNCIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

FRANCISCA MAYANE BENVINDO DOS SANTOS

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE). Pedagoga pela UECE. Integrante do grupo de pesquisa Práticas Educativas, Memórias e Oralidades (PEMO/UECE). Atualmente pesquisa as seguintes temáticas; Biografia, História Oral e História da Educação.

E-mail: mayanebenvindo@yahoo.com.br

LIA MACHADO FIUZA FIALHO

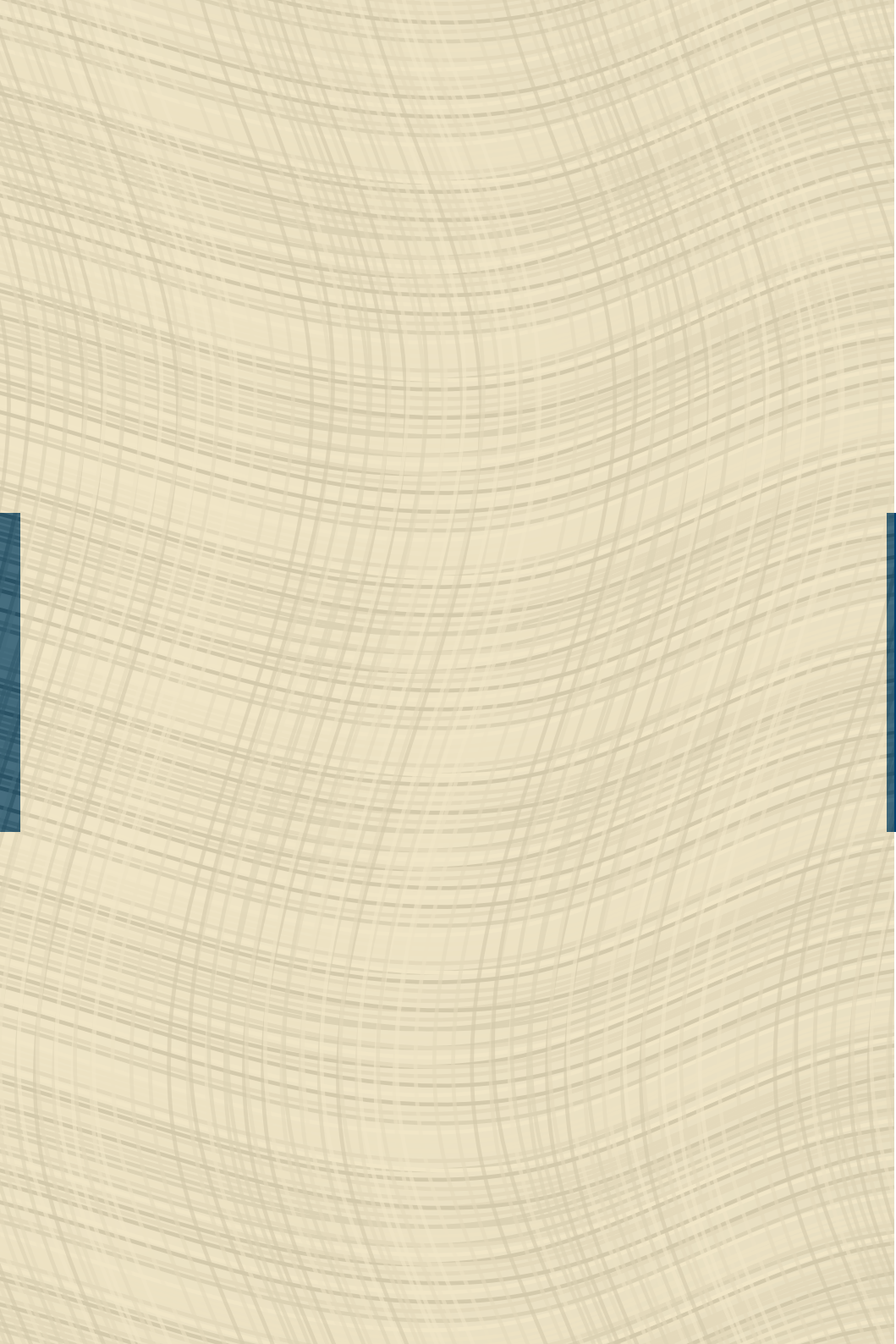
Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará, Pós-doutorada em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Professora do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará (CED/UECE), Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/UECE) e do Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas (MPPP/UECE). Líder do Grupo de Pesquisa Práticas Educativas Memórias e Oralidades. Editora da revista Educação & Formação. Pesquisadora produtividade CNPq.

E-mail: lia.fialho@uece.br

JOSÉ ALBIO MOREIRA DE SALES

Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Pós-Doutor pela Universidade do Porto em Portugal, Professor Associado do Centro de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (CED/PPGE/UECE).

E-mail: albiosales@gmail.com



1 APRESENTAÇÃO



obra versa sobre a biografia da professora cearense Maria Socorro Lucena Lima, mais especificamente acerca da sua formação educativa e da atuação exercida por ela no cenário educacional cearense de 1986 a 2017, na condição de professora de programa de pós-graduação em Educação.

A escrita do livro partiu da seguinte indagação: como a trajetória educativa, a formação e a atuação profissional de Maria Socorro Lucena Lima contribuiu para a formação de professores? Essa inquietação permitiu trilharmos uma pesquisa com o objetivo de investigar a formação educativa, bem como as contribuições profissionais da professora Maria Socorro Lucena Lima para a formação de professores no ensino superior do Ceará. Para alcançar esse escopo, buscamos: compreender a formação educacional da professora Maria Socorro Lucena Lima, considerando os aspectos históricos, sociais, econômicos e familiares; identificar sua atuação docente e os aspectos que a motivaram a atuar na formação de professores; e destacar suas ações educativas voltadas para a formação de professores na pós-graduação no estado do Ceará.

A professora Maria Socorro Lucena Lima dedica-se à educação, há mais de 50 anos, no cenário docente cearense, sendo reconhecida em âmbito nacional, especialmente, por publicações acadêmicas no campo de estágio na docência,

como o livro *Estágio e Docência*, que se encontra em sua oitava edição, escrito junto com Selma Garrido Pimenta. Como pesquisadora e docente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE), seu eixo de maior atuação é a formação de professores, todavia, sua atuação profissional ao longo da vida demonstra experiência nas mais diversas etapas e níveis de ensino.

A escolha da biografada Maria Socorro Lucena Lima ocorreu pelo fato de ela ser uma professora que possui larga trajetória profissional dedicada ao magistério, atuando enfaticamente no ensino e na pesquisa, tendo visibilidade social associada à sua presença marcante, sobretudo, no que concerne à Didática e ao Estágio Curricular Supervisionado, ao trabalho docente, às práticas escolares, à docência no ensino superior e à formação contínua de professores. Ademais essa mulher influenciou a trajetória formativa de inúmeros docente que tiveram a oportunidade de aprender com ela.

Socorro Lucena é responsável por preparar diversos profissionais da educação que atuam como formadores de outros professores, especialmente no Ceará, sendo assim, inspira educadores por meio do trabalho docente como práxis. Sobre esta, Schmied-Kowarzik (1982, p. 21) destaca ser “[...] o processo social global da afirmação humana da vida na natureza e na história, que a teoria precisa refletir em suas leis objetivas, com cuja a utilização consciente o homem pode chegar a um planejamento e um domínio científicos das forças naturais e da convivência social”. Nesse contexto, a professora Socorro exerce a docência universitária realizando reflexão e ação junto aos seus pares.

Nascida no interior cearense, no município de Auroara, a educação de Socorro Lucena recebeu forte influência familiar na valorização dos princípios de trabalho e educa-

ção. Logo, ainda que não seja o escopo desta pesquisa, importou-nos conhecer como foi o processo de educação da professora Socorro, tanto no seio familiar quanto na escola e na universidade, esta última no decorrer de sua formação inicial, visto que tal trajetória está intimamente relacionada aos embasamentos teóricos adotados e às práticas educativas desenvolvidas na sua atuação como docente no ensino superior.

Seu percurso como professora, desde a escola doméstica, lócus de trabalho, quando cursava o Curso Normal Pedagógico no Colégio Nossa Senhora de Fátima, até o ensino superior, atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará, desvela suas experiências formativas que se imbricam em suas ações profissionais. Estas resultaram em contribuições para a educação cearense, ou seja, são os frutos de sua trajetória formativa somados à sua atuação como professora e pesquisadora que contribuíram para a formação de docentes, especialmente por meio dos seus escritos e suas práticas pedagógicas.

No início do ano de 2020, mesmo já aposentada, Socorro Lucena encontrava-se ativa no contexto educacional, trabalhando no Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* da Universidade Estadual do Ceará, realizando estudos, formações e produções escritas. Torna-se, então, pertinente pesquisar a trajetória de ascensão profissional, seu reconhecimento e as contribuições efetivadas para a Educação no estado do Ceará, visto que a professora Socorro dialoga tanto com o espaço formativo da escola como também com o das universidades.

Maria Socorro Lucena Lima, doravante Socorro Lucena, formou-se no Curso Normal Pedagógico do Colégio Nossa Senhora de Fátima, em Barbalha, e fez Licenciatura em Letras na Faculdade de Filosofia do Crato (1968–1971), e em

Pedagogia (1976 – 1978), na mesma instituição. Estudou especialização em Metodologia do Ensino Superior na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, FAFIDAM (1989-1990), cursou mestrado acadêmico em Educação na Universidade Federal do Ceará, UFC (1993-1995), doutorado acadêmico em Educação na Universidade de São Paulo, USP (1996-2001), e Pós- doutorado na mesma instituição (2005-2007). Buscou sempre articular as temáticas educação básica e trabalho docente nas suas pesquisas acadêmicas. Ingressou na Universidade Estadual do Ceará por meio de concurso público, em 1986. Seus mais de 50 anos de magistério nos possibilitam acompanhar as mudanças no cenário educacional local e nacional, pois sua atuação nos séculos XX e XXI influenciou e influencia a Educação, apontando os avanços e retrocessos do país nessa área.

Diante das diversas possibilidades de construir a escrita biográfica da professora Socorro Lucena, observamos a necessidade de delimitar a pesquisa, visto que uma biografia não necessita contemplar a vida inteira de um indivíduo, e o nosso objetivo principal foi investigar a formação educativa e as contribuições educacionais da educadora para a formação de professores no ensino superior do Ceará. Deste modo, a delimitação temporal na qual centramos foco insere-se no recorte de 1986 a 2017, ou seja, o ano de ingresso no concurso público da Universidade Estadual do Ceará e o ano de sua aposentadoria, respectivamente.

Socorro Lucena tem visibilidade pela sua produção acadêmica e em seu campo de atuação, é uma educadora de referência, para muitos brasileiros, por isso, é importante compreender sua trajetória de vida, seus percursos de formação e práticas docentes que lhe possibilitaram galgar vasto reconhecimento na área do Estágio Supervisionado, desvelando sua práxis pedagógica na interface indissociável

com o contexto sociocultural e histórico, pois isso possibilita ressaltar a singularidade da biografada e o contexto regional cearense desde a realização da narrativa biográfica.

Para a realização da biografia, utilizou-se a metodologia da História Oral híbrida (MEIHY; HOLANDA, 2007). “Na História Oral, existe a geração de documentos (entrevistas) que possuem uma característica singular: são resultado do diálogo entre entrevistador e entrevistado” (FERREIRA; AMADO, 2006, p. 14). Nessa perspectiva, utilizando fontes orais entrecruzadas com outras fontes pessoais e documentais, tais como diplomas de formação, carta, memoriais de formação, dentre outros. Buscou-se desvelar uma narrativa histórica considerando as subjetividades de ex-alunos, familiares e colegas de trabalho sobre uma vida individual indissociável do contexto coletivo.

Acreditamos que as trajetórias de formação e atuação na educação básica desenvolvidas pela educadora Socorro Lucena influenciaram na sua atuação docente, no ensino superior, para o desenvolvimento da práxis formativa contextualizada, resultando em contribuições educacionais para a formação de vários professores no ensino superior do Ceará, que levam “sua marca”, ao embasarem-se teoricamente em seus escritos – sendo o mais reconhecido pelos professores da educação básica e seus alunos a obra *A Hora da Prática: reflexões sobre o Estágio Supervisionado e ação docente* (2001) – e replicarem práticas pedagógicas desenvolvidas pela professora Socorro Lucena. O estudo torna-se, então, relevante, não apenas para a valorização das mulheres educadoras, mas também por possibilitar ampliar a compreensão do profissional da educação superior, bem como sua importância socioformativa, a partir da vida de um sujeito com ênfase nas suas contribuições para o cenário educacional.

A escolha do gênero feminino, uma educadora, ocorreu devido às transformações culturais referentes à feminilidade (RODRIGUES, 2015). Por intermédio do estudo biográfico em tela, é possível estudar a vida de uma educadora cearense e, a partir dela, compreender melhor a educação destinada à mulher e seu lugar na sociedade. Inclusive, a biografia em destaque pode ressaltar a figura de pessoas que empreenderam atos que repercutem sobre muitos indivíduos (RODRIGUES, 2015). Logo, interessa trazer a público a relevância social da utilização da biografia no campo educacional, evidenciando-se como uma possibilidade de articulação entre educação de mulheres, memória, história da Educação e formação de professores.

A representação da vida ou de determinados assuntos de cunho social, cultural e político podem ser construídos mediante as narrativas individuais, sendo encontrados subjetividades, representações sociais, lembranças, esquecimentos, silenciamentos, reconhecimento da identidade e ressignificações de vida. Assim, essa pluralização exige uma nova sensibilidade (FLICK, 2009). A formação, nesse sentido, busca a constatação das competências profissionais e das práticas docentes, de modo que isso se torne uma nova experiência, pois a docente biografada e a biógrafa passam a desenvolver tomadas de consciência que podem repercutir em transformações nas suas percepções de mundo, em suas formas de se relacionar com os outros e com os seus modos de se perceberem enquanto profissionais docentes.

No que concerne à história das mulheres, é inegável que o magistério para o ensino de crianças constituiu-se historicamente como espaço de atuação feminina por décadas, mas o mesmo não ocorreu no campo do ensino superior. Aos homens foram destinadas as vagas de docência nesse nível de ensino, já que a escolarização feminina, por muito tempo,

não ultrapassou o Curso Normal. “A educação feminina estava atrelada à busca de uma formação moral, através da cristianização católica da população [...]” (MAGALHÃES JUNIOR, 2002, p. 81). Assim, tornou-se, então, o magistério das séries iniciais uma profissão feminina, afinal, a presença da mulher em sala de aula com crianças era conveniente para uma sociedade que atribuía à mulher o símbolo da maternidade, logo, poderia exercer o ofício do cuidado e da educação de crianças.

Ao mencionar a memória de mulheres, estas incluem nas suas histórias de vida, pedaços das histórias de outras pessoas (ALMEIDA, 1998), sendo, então, muito utilizada a palavra “nós”, diferindo-se, desta forma, das narrativas masculinas, pois os homens, em sua maioria, utilizam o “eu” ao contarem as narrativas de suas vivências. Segundo Louro (2003, p.78), “o magistério precisava ser compreendido como uma atividade de amor, de entrega e doação, para qual faria quem tivesse vocação”. No entanto, essa concepção parcialmente desmistificada nos tempos modernos interferiu na profissionalização de muitas mulheres, até mesmo na da professora Socorro Lucena. Porém, na atualidade, “várias amarras na educação formal e pública foram sendo rompidas.” (ROSENBERG, 2012, p. 334).

É por intermédio da biografia da professora cearense Socorro Lucena que passamos a perceber a existência de outras nuances da história da educação, recusando, assim, o modelo hierarquizado da produção de conhecimento, e traçando novas possibilidades que oportunizam uma participação autônoma e democrática da mulher na história, em especial, a educadora. Como salienta Rosenberg, “Na educação, as mulheres são maioria enquanto estudantes, professores e trabalhadores.” (2012, p. 351).

A discussão tecida nesse livro possui como principais categorias: história da Educação; biografia; mulheres educadoras e formação de professores. Para discuti-las, utilizamos diversificado referencial teórico baseado nos escritos dos seguintes autores: Formosinho (2009) e Garcia (1999), no que tange à formação de professores; Thompson (1992), Carino (2000), sobre a metodologia da História Oral; Bosi (1987), acerca da Memória; Burke (1992), no âmbito da História Cultural, dentre outros. Antes de explicitar tais categorias na interface com a biografia de Socorro Lucena, importa conhecer como aconteceu a escolha por narrar a vida da professora.

Ressaltamos que este empreendimento biográfico foi respaldado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará e do Conselho Nacional, pois inseriu-se no projeto guarda-chuva intitulado “Educação e Educadores(as) no Ceará do Século XX: práticas, leituras e representações”, que já possuía autorização dessas instâncias, sob parecer consubstanciado nº. 60.923/2014, coordenado pela professora doutora Lia Machado Fiuza Fialho, que lidera o grupo de pesquisa “Práticas Educativas, Memórias e Oralidades” (PEMO).

Por intermédio da biografia de Socorro Lucena foi possível evidenciar características coletivas dos sujeitos sociais que são oriundas de uma determinada época e contexto, bem como características individuais e subjetividades, permitindo “[...] mostrar a significação histórica geral de uma vida individual” (LE GOFF, 1986, p. 49). Assim sendo, realizar a pesquisa biográfica da professora Socorro Lucena, conduziu-nos a um olhar sobre a memória e a história da Educação do estado do Ceará, bem como a análises de contextos e conjunturas consoantes ao cenário educacional.

É importante reconhecer, ao longo de narrativas biográficas de educadoras, as influências do período histórico e do contexto social, político, econômico e cultural no qual a biografada se insere, pois durante todo o processo, deve-se considerar os contextos de vida, tanto o individual quanto o coletivo – indissociáveis, pois ambos estão imbricados de tal maneira que permitem ao trabalho biográfico apresentar a relação pessoal da educadora biografada com as questões sociais e sua inserção local e em comunidade, especialmente no que concerne à formação de professores no processo amplo da Educação. Traçar um paralelo entre a biografia da professora Socorro Lucena, com ênfase na formação de professores, juntamente com uma reflexão em torno das adversidades impostas socialmente, pelo fato de se tratar de uma mulher nordestina, merece maior visibilidade social e maior discussão acadêmica.

A interpretação, a partir de narrativas individuais, constitui-se um processo de formação, deste modo, está na essência da própria vida que é “[...] uma perpétua aprendizagem: de cada situação, de cada experiência da existência, não cessa de tirar, ou melhor, de absorver lições” (DELORY-MOMBERGER, 2011, p.337). Ou seja, a relação da biografia com a educação faz-se oportuna para o entendimento de que os modos de proceder a biografização mudaram, conforme os progressos e retrocessos dentro da história de uma época.

A narrativa da vida de alguém, ou de determinados assuntos e acontecimentos, pode ser realizada por meio das narrativas individuais, sendo encontrados reconhecimento da identidade, subjetividade, representações sociais, lembranças e ressignificações de vida. No campo da história da Educação e da formação, nesse sentido, busca-se a constatação das competências profissionais e das práticas docen-

tes, de modo que isso se torne uma nova experiência, pois a docente biografada passa a ter uma tomada de consciência e de transformação da sua percepção de mundo, das suas formas de se relacionar com os outros e o seu modo de se perceber enquanto profissional docente, considerando que o indivíduo é produto de suas experiências múltiplas (DELORY-MOMBERGER, 2008).

No que tange à história das mulheres educadoras, o magistério constituiu-se historicamente como espaço de atuação feminina (ALMEIDA, 1998), pois os homens, em sua maioria, abandonaram a profissão em busca de melhor remuneração oferecida por outras profissões, tornando-se, então, o magistério uma profissão feminina. Ou seja, a presença da mulher em sala de aula passou a ser símbolo da maternidade, do cuidado para exercer o ofício docente junto às crianças.

Nessa conjuntura, é por intermédio da biografia da professora Socorro Lucena que passamos a perceber a existência de outras nuances da história da Educação, recusando, assim, a padronização e a hierarquização da produção de conhecimento e traçando novas possibilidades que oportunizam uma participação autônoma e democrática. A história narrada não é a vivida. (DELORY-MOMBERGET, 2008).

Após essa apresentação, iremos apresentar o capítulo que trata dos caminhos percorridos para conseguirmos elaborar com qualidade a biografia de Socorro Lucena. Para, em seguida, discorrer sobre sua vida com ênfase na reconstituição da sua formação educacional e de suas contribuições na formação de professores no ensino superior do estado do Ceará. Por fim, iremos apresentar o Projeto de Vida, sua marca profissional que está diretamente imbricada com a prática educativa e contribuições educacionais da professora Socorro Lucena para a formação de professores.

2 OS CAMINHOS DA BIOGRAFIA

Durante muito tempo, a história foi de caráter positivista, com narrativa linear, defendendo a ideia de que o conhecimento científico nesse campo era único e considerado como “verdadeiro” e “oficializado”. Desta forma, “embora outros tipos de história, a história da Arte, por exemplo, [...] não fossem totalmente excluídos pelo paradigma tradicional, eram marginalizados.” (BURKE, 1992, p. 11). Assim, a narrativa teria que ser comprovada com fontes escritas e oficiais, nas quais a história era contada linearmente para ser reproduzida sem questionamentos e pela perspectiva política, ou seja, dos “detentores de poder”. Assim, o historiador possuía a atribuição de decifrar documentos oficiais de maneira objetiva, mantendo um distanciamento dos problemas do presente (LE GOFF, 2003). Predominando a abordagem quantitativa nas ciências sociais e humanas, até aproximadamente a década de 1970. As subjetividades não eram reconhecidas nas pesquisas humanas e, em consequência, nas historiográficas, sendo, muitas vezes, questionadas a sua credibilidade e fidedignidade, se ousassem envolver subjetividades, no entanto “[...] o singular se torna uma entrada no geral, revelando ao leitor o comportamento médio das categorias sociais do momento”. (DOSSE, 2015, p. 195).

A história das mulheres, inclusive, era narrada por homens e não ganhava destaque ou visibilidade social, pois a presença de fala feminina era interrompida, sendo o silêncio considerado o comum para as mulheres, já que “o silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento” (PERROT, 2005, p.9). Para que a produção de pesquisas e estudos concernentes à história das mulheres ganhasse ênfase, especialmente no campo da biografia na educação, foi preciso emergir discussões desde a Escola de Annales, que ampliaram a perspectiva do que poderia ser considerado fonte histórica: todo vestígio do homem no tempo. Mais especificamente, a discussão acerca da história cultural trouxe novas possibilidades para o fazer historiográfico, diferindo-se, desta forma, da narrativa factual, sem descartar a história tradicional, pois o que se buscava era uma nova abordagem que valorizasse a cultura do povo, seus costumes e modos de vida; “a nova história começou a se interessar por virtualmente toda a atividade humana”. (BURKE, 1992, p. 11).

Bloch e Febvre fundaram em 1929, na França, a revista *Annales*, que foi “[...] planejada desde seu início para ser algo mais do que uma outra revista histórica. Pretendia exercer uma liderança intelectual nos campos da história social e econômica (BURKE, 1992, p. 15). Deste modo, a criação dos *Annales* que também ficou sendo reconhecido como Escola dos Annales, tinha o intuito de ampliar pesquisas em outras áreas, inovando por meio de uma nova abordagem interdisciplinar da história, diferente da contada pelo viés tradicional e exclusivamente com cunho político. “Os dois fundadores da revista dos Annales, em 1929, Marc Bloch e Lucien Febvre, são, sobretudo, conhecidos por terem am-

pliado o campo da pesquisa histórica ao domínio econômico e social”. (DOSSE, 2004, p. 67).

A nova história criada pelos Annales revolucionou a historiografia, atingindo nível mundial. Assim, foi possível considerarmos esses novos paradigmas para desenvolver uma história mais plural. A História Social lançou visibilidade aos sujeitos anônimos, excluídos ou marginalizados em decorrência da sua classe social ou do seu lugar de pouco prestígio social, já a História Cultural permitiu um olhar mais atento às muitas culturas, pois “[...] o historiador cultural abarca artes do passado que outros historiadores não conseguem alcançar”, desde análises específicas de uma realidade (BURKE, 2005, p. 6).

Importa esclarecer que a terminologia Nova História Cultural ou História Nova foi popularizada pelo livro *La Nouvelle Histoire* (1978), na ocasião, “Braudel havia falado de uma História Nova, em sua aula inaugural, no Collège de France (1950). Febvre, por outro lado, usava frases como “uma outra história para descrever o que o grupo dos Annales tentava fazer, e Burke dissemina um apanhado de ideias do que significava tal categoria” (BURKE, 1992, p. 20). Destarte, o que se pretendia era traçar novos caminhos, para uma produção que dialogasse com a realidade social, cultural, econômica e política da sociedade sem as amarras do positivismo.

Nesse entendimento, passamos a estudar o desenvolvimento da humanidade e a leitura e a compreensão do mundo, considerando a mudança da concepção de fontes e objetos de estudos, sendo bastante utilizados os produzidos no cotidiano – cartas, bilhetes, vestuário, utensílios, diários, etc. As possibilidades de pesquisas se tornaram mais ecléticas, tanto no âmbito coletivo como no individual. Desta forma, a História Cultural, de acordo com Burke (1990), foi dividida em três fases distintas, sendo elas: a primeira, de

1920-1945, na qual foram privilegiados os estudos na perspectiva da história social e econômica; a segunda, de 1945 a 1968, em que o foco era a história econômica; e a terceira fase, de 1968 até os dias atuais, marcada pela fragmentação e diversidade na produção historiográfica. Este período veio ampliar as possibilidades de pesquisa na interface com outros campos da história, a partir, por exemplo – como é nosso foco –, do estudo de mulheres, da educação, dentre outros. No que tange à mulher:

Os historiadores anteriores dos *Annales* haviam sido criticados pelas feministas por deixarem a mulher fora da história, ou mais exatamente, por terem perdido a oportunidade de incorporá-la à história de maneira mais integral [...]. (BURKE, 1991, p. 37).

Observamos que a terceira geração foi mais enfática em ressaltar importância à história das mulheres, mas tal relevância não ocorreu aleatoriamente, havia também a preocupação com as questões do método. Assim, “a história antes centrada nos feitos dos heróis e dos administradores públicos passa a partir de então a ceder lugar para uma história ensinada, preocupada com a compreensão da realidade social e histórica”. (AZEVEDO; STAMATTO, 2010, p.718).

Compreendemos atualmente que o uso da nomenclatura “Nova” deve ser evitado, visto que os acontecimentos e as mudanças não foram tão recentes, apesar de não tão distantes, quando se trata dos acontecimentos históricos.

Fizemos referência à ideia de uma verdade absoluta, à ideia de uma verdade cumulativa, e agora, uma concepção última, que não busca a verdade, mas faz uma leitura do tempo histórico, a partir de uma perspectiva de interesses do presente e, como tal, não tem preocupação de se estabelecer como verdade. Para esta última perspectiva, não há necessidade de evidenciar a verdade, o “científico” ou

outros rótulos. Lida-se com a produção do conhecimento através de uma forma um pouco mais livre de se fazer a leitura do tempo histórico. (FENELLON, 2010, p.145).

Portanto, abordamos e consideramos mais correta a utilização do termo História Cultural, já utilizado aqui. Busca-se, assim, aparato teórico na História Cultural, adentrar a biografia de mulheres educadoras e dar visibilidade ao que é individual, singular e simbólico. Desta maneira, “o terreno comum dos historiadores culturais pode ser descrito como a preocupação com o símbolo e suas interpretações” (BURKE, 1992, p.6), no caso, uma educadora cearense da educação superior.

Compreender a história da Educação e as práticas educativas empreendidas ao longo dos tempos, por meio da biografia de educadoras cearenses, possibilita-nos o reconhecimento não apenas da história de vida de pessoas comuns com suas singularidades e individualidades, mas também a história da Educação, reconstituindo, preservando e problematizando contextos, ampliando saberes e democratizando o conhecimento. Nessa perspectiva, “[...] o indivíduo não se isola do tecido social que é o seu e não pode ser considerado o lócus de uma singularidade”. (DOSSE, 2015, p. 255).

Nos embasamos na perspectiva micro-histórica, que parte de uma educadora, para compreender a interface da sua vida profissional com a formação de professores no Ceará, logo, evita a narrativa histórica, pela perspectiva das grandes histórias, e possui sua relevância social e científica justamente por narrar a história de um contexto educacional específico, o do Ceará.

A micro-história possibilita evidenciar as singularidades e passar a fornecer atenção às especificidades, dando visibilidade às particularidades, sem esquecer do todo, ou seja, como o singular expressa o coletivo. “As criações da

vida coletiva são atormentadas, vividas e realizadas por cada indivíduo, mas escapam a seu controle, abarcando um espaço humano mais amplo que o mais simples espaço biográfico”. (LORIGA, 2011, p.135). Portanto, dar a devida atenção à narrativa de vida de pessoas que foram ou se encontram atuantes na sociedade pode ser relevante, na medida em que estas representam um conjunto histórico maior (BURKE, 1992), no caso, a formação docente de pedagogos no Ceará, ou seja, trata-se do estudo do macrossocial pelo microsso- cial. (LORIGA, 2011).

Sendo assim, a História Cultural, na perspectiva mi- cro-histórica, caracteriza-se por trazer novas concepções da historiografia, valorizando os sujeitos históricos, práti- cas cotidianas, dando visibilidade à construção histórica, a partir de uma única pessoa, por exemplo, intensificando o fazer historiográfico. Portanto, “os tempos atuais são mais sensíveis às manifestações da singularidade, que legitimam não apenas a retomada de interesse pela biografia como a transformação do gênero num sentido mais reflexivo” (DOSSE, 2015, p. 229). Assim, a biografia ressalta o singular que contém o geral, e com base nessa relação, pode-se evi- denciar um diálogo provocador de saberes.

No que concerne à pesquisa biográfica, bem como às contribuições teóricas advindas por meio da História Cultu- ral, todas elas nos possibilitam investigar o objeto da pesqui- sa em tela, que são as narrativas acerca da educadora Socorro Lucena, no que tange à sua própria formação e atuação for- mativa no campo da docência, permitindo a valorização da educadora, questionando seus feitos, afinal, “[...] a biografia é um gênero antigo, que se disseminou tendo por base a no- ção de bio (bios) e não se ocupa de traçar apenas a “vida”, mas também a maneira de viver” (DOSSE, 2015, p. 123), ou seja, descreve a vida indissociada do viver no contexto histórico.

Traçando um debate acerca da trajetória formativa e do campo de atuação de Socorro Lucena na educação do estado do Ceará, partimos da história de vida, desde as pesquisas biográficas de sujeitos reconhecidos ou anônimos, que foram atuantes na localidade a qual pertencam, para se chegar a uma compreensão mais ampla em relação ao contexto formativo docente, indo, assim, na contramão da história universalizada. Deste modo, compreender as contribuições educacionais da professora Socorro para a formação de professores no ensino superior, apresenta-nos uma perspectiva que conta o macro, por meio do micro, ou seja, a biografia da professora Socorro Lucena evidencia o contexto histórico e sua atuação, as práticas docentes e possíveis contribuições.

Além disso, é interessante o estudo das pesquisas regionais e locais que relacionam o todo pela parte, mediante as singularidades e o seu campo específico, distinguindo-se da hegemonia histórica, econômica e social (CHARTIER, 1990). Faz-se necessário salientar que quando uma sociedade é pesquisada à luz da percepção de sua população ou compreendida por intermédio das suas memórias, o estudo passa a ter uma maior relevância social, por oportunizar caráter mais democrático ao ensejar lume à voz das pessoas por vezes desconsideradas de prestígios e status social; mostrando para além dos documentos oficiais e da “memória oficial” obtida por meio da hierarquização social e dos detentores de poder. Acerca da memória, esta “[...] é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”. (LE GOFF, 2003, p. 469).

A memória está na relação indivíduo e sociedade remetendo para além do mundo pessoal (JUCÁ, 2011). Como assevera Bosi (2003), possuindo uma substância social, que

incorpora aspectos do cotidiano e microcomportamentos. Todavia, buscou-se considerar a memória de ex-alunos e colegas de trabalho que conviveram com a biografada Socorro Lucena, além de sua filha, uma colega de mestrado, uma amiga de infância e da própria narrativa da educadora. Afinal “a memória é considerada, de acordo com a dimensão social que representa, uma realidade na qual se mesclam o individual e o coletivo, possibilitando uma compreensão diferenciada daquela transmitida pela documentação tradicional” (JUCÁ, 2011, p. 18-19). Destacamos que não se trata de uma educadora invisível, pois a professora Socorro Lucena já galgou certo prestígio social na subárea que atua – formação de professores – e possui reconhecimento na área da educação, por seus escritos e suas práticas formativas. Assim, a sua vida individual pode apresentar características de um coletivo que é o dos professores e do âmbito da pós-graduação em Educação, lócus em que está inserida.

Reconhecendo a dimensão simbólica da Memória, a sua utilidade como fonte informativa fornece subsídios valiosos, que nos fazem compreender não apenas os indivíduos entrevistados, mas um espaço social mais abrangente onde estão engajados. (JUCÁ, 2011, p. 28).

Logo, realizamos uma narrativa biográfica com o uso da metodologia da História Oral, que entrecruza fontes orais e documentais, além de ter fomentado a biografia da educadora Socorro Lucena, na perspectiva da história da Educação, com viés de potencialidade de diálogo entre o individual e o social. Afinal, “conhecer a sociedade, o indivíduo e a relação entre um e outro interessa a um amplo campo de estudos humanísticos.” (RODRIGUES, 2015, p. 61).

A História Oral pode ser considerada uma relevante possibilidade de campo investigativo, porque devolve a história para as pessoas, a partir das suas próprias pala-

vras, desta maneira, “[...] a escolha da oralidade como opção metodológica tem um alcance compensador, [...] revela diferentes aspectos nem sempre considerados nas fontes tradicionais” (JUCÁ, 2011, p. 13), mostra-nos novos enfoques, contribuindo diretamente para a conservação e valorização da memória dentro do desenvolvimento de pesquisas científicas, pois seu “[...] método é um recurso que indica um procedimento organizado e rígido de investigação, capaz de garantir a obtenção de resultados válidos para propostas desenhadas desde a formulação de um projeto”. (MEIHY, HOLANDA, 2007, p. 71).

Na perspectiva de Meihy e Holanda (2007), as entrevistas em História Oral, em consonância, servem para o conhecimento do meio imediato, pois trazem à tona a voz de indivíduos participantes de situações nas quais estiveram presentes, podendo ser realizadas com as narrativas de indivíduos que presenciaram alguma situação do passado. Alberti ressalta que “a História Oral permite o registro de testemunhos e o acesso a “histórias dentro da história” e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado” (2005, p. 31). Vemos que a metodologia da História Oral está ligada à memória.

[...] A voz consegue, como nenhum outro meio, trazer o passado até o presente. E sua utilização altera não só a textura da história, mas seu conteúdo. Desloca o centro da atenção, das leis, estatísticas, administradores e governos, para as pessoas. Altera-se o equilíbrio: a política e a economia podem agora ser encaradas, e, pois, julgadas a partir da extremidade receptora, tanto quanto a partir do alto. (THOMPSON, 1992, p. 334).

Deste modo, por meio da biografia da professora Socorro Lucena, também foi possível compreender seus erros e acertos, pois não se pretende realizar uma pesquisa consi-

derada “heroica”, positivista, que não valoriza os percalços da vida individual dos sujeitos, considerando as falhas e defeitos comuns ao ser humano.

[...] O viés educativo: tempos heroicos exigem a biografia de heróis; tempos românticos exigem que as vidas retratadas exibam romantismo; épocas históricas regidas pelo condão da fé exigem que as biografias sejam hagiografias, retratando a pureza e a retidão de santos. (CARINO, 1999, p.157).

E tempos modernos exigem biografia crítica. A biografia abre-se a todo tipo de problema dentro de fronteiras bem definidas acerca das questões metodológicas da historiografia contemporânea e crítica. Em relação ao contentamento da tradicional biografia cronológica, um grande equívoco dos historiadores é “[...] obedecer a um modelo de racionalidade anacrônico e limitado” (LEVI, 1996, p. 169). Inclusive, em tempos de luta pela democracia, exige-se uma biografia eivada de subjetividades que problematizam o contexto educacional, questionando dualidades, exclusões, avanços e retrocessos no acesso à formação para a docência.

Contudo, a oralidade e o uso da história oral nem sempre foram reconhecidos e bem vistos pela sociedade, como fontes para pesquisas, essas metodologias começaram a ser mais conhecidas no século XX, devido aos avanços tecnológicos e ao surgimento dos aparelhos de gravação digital, que passaram a contribuir para o maior uso das fontes orais nas pesquisas acadêmicas (MEIHY; HOLANDA, 2007). Sabe-se que a história contada por meio da oralidade não é novidade, mas o uso da história oral enquanto metodologia de pesquisa veio trazer uma nova perspectiva para a história e história da Educação.

Após a invenção do gravador digital, a história oral passou a ser difundida nos Estados Unidos, Europa e demais

lugares. As principais pessoas que começaram a utilizar a história oral em pesquisas científicas foram profissionais das ciências sociais e humanas, como historiadores, antropólogos, cientistas políticos, dentre outros. Partindo, então, das memórias dos indivíduos, foi viável valorizar grupos sociais que, até então, não eram ouvidos e lembrados na sociedade, apesar de a oralidade estar presente na transmissão de costumes e cultura das mais diferentes populações. No entanto, só a oralidade não bastava, pois era preciso reconhecer e gerar conhecimento a partir das narrativas, que em todos os tempos esteve inserida na vida das pessoas.

No Brasil, aos poucos, a história oral foi conquistando espaço dentro das ciências sociais e humanas. Na década de 1970, com a ênfase em relação às pesquisas com oralidade, desde o advento do gravador, o país encontrava-se em um contexto de censura militar, no qual as vozes do povo eram silenciadas. “Embora sua introdução no Brasil date dos anos 1970, somente no início dos anos 90, a história oral experimentou aqui uma expansão mais significativa” (FERREIRA; AMADO, 2006, p.9). No campo acadêmico, os estudantes, a classe de trabalhadores, professores e mulheres eram reprimidos, não podendo exercer participação social e democrática, e se encontravam a mercê da imposição militar. Deste modo, as vozes da população eram caladas e, principalmente, silenciadas as vozes daqueles excluídos de poder, como as pessoas das classes sociais desprovidas financeiramente. Com este contexto sociopolítico no Brasil, a história oral passou a ser legitimada apenas nos anos 1980.

Inicialmente, como uma forma de dar visibilidade à voz dos oprimidos, a história oral foi sendo iniciada e promovida no Brasil. Esta foi uma possibilidade que, na concepção de Thompson (1992), é considerada uma tendência democrática. Do contexto da história social, que lançava luz

aos vindos de baixo, emergiu também a perspectiva da História Cultural, que considera a voz das pessoas com menos prestígios e reconhecimento, sem negar a importância de outras vozes, e afirmando que todos possuem voz, apenas não se efetivava visibilidade às narrativas de pessoas sem prestígio social. Logo, é possível tecer uma história democrática mostrando para além dos documentos oficiais e da “memória oficial”, já que esta é obtida exclusivamente por meio da hierarquização social e dos detentores de poder, enquanto a história social não desconsidera nenhum sujeito.

A vida individual conduz à experiência histórica (THOMPSON, 1992). Nessa conjuntura, buscou-se neste estudo reconstituir não somente os feitos da professora Socorro Lucena, mas, sobretudo, mostrar as dificuldades encontradas em seu percurso, os erros e acertos em torno de sua atuação docente, possibilitando apresentar a sua contribuição formativa de maneira humana, no contexto educacional cearense. Como “do vínculo com o passado se extrai a força para formação da identidade” (BOSI, 2003, p. 16), o texto foi conduzido partindo da oralidade da professora Socorro sobre suas experiências passadas, que foram gravadas, posteriormente, e passadas do oral para o escrito, em uma transcrição literal, sendo, em seguida, textualizada, analisada e discutida na articulação com outras narrativas e outros documentos.

O uso do gravador digital passou a ser um instrumento facilitador na captura e no registro das oralidades para uma posterior análise. Meihy e Holanda (2007) fazem uma crítica acerca da popularidade da história oral, pois muitos pesquisadores confundem o uso de fontes orais na pesquisa com a história oral como metodologia. Isto posto, destaca-se que esta pesquisa não reduzirá a história oral a apenas

entrevistas, ou seja, compilação de fontes; mas como uma metodologia.

No estudo da vida individual, a história oral permite articular as informações narradas da vida do indivíduo com o contexto histórico, pois mesmo sendo retratada a vida de um só indivíduo na entrevista, esta deve ser feita considerando a sua relação dentro de um espaço-tempo com outros indivíduos. Assim, as pessoas narram sobre a vida, podendo contar seus testemunhos de acontecimentos, períodos e lugares. A história de vida individual está relacionada com a vida em sociedade, pois os seres humanos se inserem como parte de um todo, pertencem a uma comunidade. A história oral esteve marcadamente envolvida com as questões da memória humana, tanto coletiva quanto individual. Santos afirma que “esta modalidade de investigação com o valor da exposição pessoal permite analisar aspectos socio-histórico-culturais pouco considerados por outras fontes”. (SANTOS, 2017, p. 196).

Nessa perspectiva, pode-se abarcar registros por meio da oralidade, partindo de variados objetivos. Sendo assim, os entrevistados mediante a história oral narram fatos, a partir do que é proposto, partindo do interesse do investigador sobre quais discussões ele pretende realizar em sua pesquisa. Na lembrança do fato vivido, o indivíduo passa, até mesmo, a ressignificar o presente. Logo, a história oral nos mostra que os percursos de vida dos indivíduos estão ligados ao meio no qual estão inseridos, suas escolhas e vivências os conduzem ao tempo presente e a uma nova interpretação dos acontecimentos. Portanto, “as falas são produzidas por sujeitos em um contexto sócio-histórico, que fazem uso da memória e da palavra, e isso implica o trabalho com o que é dito e com o não dito, com o que é silenciado”. (SANTOS, 2017, p.192).

Referente ao campo da história oral, importa esclarecer que essa metodologia é multidisciplinar, ou seja, pode ser empregada em diferentes áreas do conhecimento, sobre variados tipos de sujeitos sociais, como salienta Thompson: “[...] As possibilidades da história oral estendem-se a todos os campos [...]”. (1992, p.336). Assim, dentre as diversas praticabilidades, optou-se por realizar uma pesquisa com história oral híbrida, de gênero biográfico, com a professora Socorro Lucena, no campo da história da Educação; mulher docente, relativamente conhecida no cenário educacional, em especial, no tocante ao Estágio Supervisionado na formação de professores.

O texto utiliza-se da abordagem da “micro-história” e destaca a importância de pesquisas locais e regionais. O uso da micro-história nas pesquisas na área da história da Educação possibilita novas maneiras de investigar, partindo de um sujeito, no caso, Socorro Lucena, para compreender as práticas docentes e a formação de professores em um determinado espaço e tempo, oportunizando compreender o contexto histórico da educação do Ceará no período, especialmente no que concerne à formação de professores em nível de pós-graduação, bem como contextos formativos de mulheres que enveredaram por essa profissão. Importa um projeto, referente à história da Educação, desde a biografia de uma educadora, visto que durante muito tempo, a trajetória educacional foi contada de modo a dar visibilidade apenas ao cenário nacional, buscando a homogeneização do país.

Pretendeu-se utilizar como principais fontes, relatos orais colhidos por meio da metodologia da história oral com a própria biografada, com ex-alunos e os colegas de infância, de trabalho e familiares da professora Socorro Lucena. Mediante a metodologia da história, é possível obter, por meio

de registros de relatos verbalizados que não sejam encontrados em outras fontes documentais, a contribuição para a preservação da memória e história da educação do Ceará, partindo da vida individual da docente biografada.

Foi escolhida a metodologia da história oral no gênero biográfico, por esta se mostrar compatível com o objetivo proposto na pesquisa, visto que buscamos compreender a contribuição da professora Socorro Lucena para a formação de professores no estado do Ceará. Assim, sua atuação profissional atinge contextos educacionais, desde escolas às universidades, sendo possível dar visibilidade às experiências e desvelar contextos formativos, a partir de informações, práticas e subjetividades exercidas no campo educacional. “[...] Uma vida não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades, mas, ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico que o justifica”. (LEVI, 1996, p. 176).

Por se tratar de uma metodologia capaz de fomentar o trabalho apresentando experiências e percepções, busca-se, por meio da história oral, esclarecer o tema aqui retratado, trazendo, assim, uma possibilidade de pesquisa metodológica que, segundo Meihy e Holanda (2007, p.38), “[...] é sempre de caráter social, e nela as entrevistas não se sustentam sozinhas ou em versões únicas”. A história oral dará o foco à professora biografada, lembrando que não há verdades absolutas, pois são muitos os filtros narrativos, silêncios, omissões, feições, lembranças e esquecimentos na constituição do substrato da memória, que é também seletiva. (LE GOFF, 2008).

Em relação à memória, é preciso ter cuidado para não a confundir com a história. Segundo Bosi (1987, p.39), a memória é “[...] um cabedal infinito, do qual só registramos

um fragmento”. Deste modo, ao utilizar a memória como fonte na pesquisa em história da Educação, precisamos ter a compreensão de que usá-la possui intencionalidades, e na pesquisa biográfica, isso ocorre tanto por parte do(a) biografado(a) como também do(a) pesquisador(a), pois ambos utilizam-se de propósitos e objetivos no uso da memória.

Com base nisso, ao narrar um fato vivido, recorreremos às experiências de vida e selecionamos aquilo que possui significados, no que se refere a momentos que marcaram o(a) entrevistado(a) positivamente ou negativamente. Assim, o que se busca não é a verdade absoluta dos fatos, e sim, o porquê deles serem expostos por meio das lembranças, que ensinam outras lembranças.

Portanto, falar do passado significa rememorar e trazer novas significações ao momento atual; a análise da narrativa passa pelo “filtro” de intencionalidade e considera a subjetividade de quem está narrando. Acerca do exposto, Almeida (1998, p.52) salienta:

Há uma extrema subjetividade e uma forte carga emocional quando se trabalha com a memória. A junção dessas dimensões interpretativas desemboca numa hermenêutica da fala e da escuta, buscando a apreensão do sentido e do significado do discurso, ouvindo não só a voz, mas também as pausas, os gestos, o corpo, o brilho do olhar, os silêncios e as lágrimas. [...].

Desta maneira, a memória possui uma relação com o momento presente e, “[...] ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações” (BOSI, 1987, p. 46-47). Na lembrança do fato vivido, o indivíduo passa também a ressignificar o presente. Os acontecimentos narrados estão ligados ao meio em que se inserem, suas escolhas e vivências que a conduziram ao tempo presente. Desta maneira, “o filtro da memória impede a objetividade”. (VILA-BOAS, 2014, p. 40).

Biografar a docente Socorro Lucena, portanto, torna-se envolvente. “Por que fascinam as biografias? Antes, talvez se devesse perguntar: por que fascinam as trajetórias individuais? A fascinação não advém da singularidade? Provavelmente. Cada vida é una, indivisível, irrepitível, intransmissível” (CARINO, 1999, p. 154). Ferreiro (2002) alerta para o fascínio do vivido, portanto, ainda que envolvente, a biografia em tela tem o cuidado para não heroicizar a biografada, mas sim, mostrá-la com suas riquezas e imperfeições, com o objetivo de extrapolar o individual, em busca de compreender melhor um determinado contexto educacional.

Acerca da biografia, a palavra possui origem etimológica no termo grego “bios”, que significa “vida”, e do termo também grego “graphein”, que significa “escrever” ou “escrita”. Logo, biografia é a escrita da vida de uma pessoa. Sabemos, porém, que a vida inteira de uma pessoa não pode ser contada ou escrita, em todos os seus aspectos, em uma pesquisa restrita a dois anos, em um curso de mestrado. Além disso, como salienta Delory-Momberger: “Nenhuma jurisdição externa é capaz, sobretudo, de restituir o percurso de experiências e de saberes envolvidos que constitui a vida de um indivíduo”. (2008, p.91).

No que concerne à biografia no campo educacional, Carino (1999) discorre que “biografar é, pois, descrever a trajetória única de um ser único, original e irrepitível; é traçar-lhe a identidade refletida em atos e palavras; é cunhar-lhe a vida pelo testemunho de outrem; é interpretá-lo, reconstruí-lo, quase sempre revivê-lo” (1999, p.154). Em consonância, a história narrada da vida de Socorro Lucena não chega ao alcance da história vivida por completo, pois a vida é um processo muito mais abrangente, que está sempre em constante construção e ressignificação. Mas se constitui “[...] uma dimensão do agir humano que permite aos indivíduos,

dentro das condições de suas ações sócio-históricas, integrar, estruturar, interpretar as situações e os acontecimentos vividos”. (DELORY-MOMBERGER, 2011, p. 342).

Devemos reconhecer a importância do período histórico e dos contextos social, político, econômico e cultural nos quais cada indivíduo está inserido, pois a vida de todo e qualquer indivíduo encontra-se imersa em uma determinada época e espaço. Entretanto, nem toda biografia considera o tempo e espaço em que o biografado está inserido de forma mais aprofundada, porque cada biografia possui uma intencionalidade distinta e é desenvolvida em um campo de conhecimento distinto, no qual, muitas vezes, a intenção ao produzir uma biografia é a de passar para os leitores somente uma determinada impressão sobre o biografado, como nas biografias comerciais ou romantizadas, e isso nos mostra que a biografia não possui apenas uma perspectiva, pois suas possibilidades são diferenciadas e amplas.

A biografia no campo da História, geralmente, centra ênfase no contexto, utiliza-se de uma vida para explicar um determinado cenário social, político, econômico, etc. Esta biografia está inserida na área da Educação, desta forma, prioriza a valorização das histórias de vida de docentes, com o objetivo de ampliar a compreensão acerca da história da Educação, em específico, neste caso, da formação de professores no Ceará.

O estudo com história de vida possui a capacidade de apresentar a trajetória de vida das pessoas de diferentes épocas, e é considerada bastante antiga, sendo encontrada desde o tempo de Sócrates, filósofo grego que, com sua corrente de pensamento, influenciou o conhecimento da humanidade, estruturando na Antiguidade grega a ideia de estética no gênero biográfico: o instrumento de uma antropologia filosófica. “A Antiguidade grega e a romana conta-

ram com importantes biógrafos, assim como a Idade Média e Renascença, mas ainda não se chamavam assim” (LORIGA, 2011, p.17). Deste modo, as primeiras biografias da humanidade eram produzidas descrevendo a vida de heróis e santos, pessoas carregadas de virtude e moral, bem próximas do pensamento da Antiguidade, no qual a busca pela perfeição era apreendida pela intelectualidade da essência. As mulheres comuns não tinham espaço nessa perspectiva do gênero biográfico.

As biografias da antiguidade não possuíam a narrativa da vida individual dos sujeitos, considerando as falhas e defeitos que todo ser humano possui, pois eram biografias heroicas, que se caracterizavam pelo pertencimento de grupos com suas características específicas. Nota-se que em muitas biografias, “[...] é evidente esse afã de realçar várias qualidades supostamente inatas, que expliquem o herói vitorioso” (VILAS-BOAS, 2014, p. 88). Na contramão, precisamos ter o entendimento e a compreensão de que as pessoas não possuem uma vida predeterminada, com caminhos a seguir traçados e bem definidos, pois a “[...] trajetória é errática e reflete, dentre outras coisas, nossas evoluções e involuções”. (VILAS-BOAS, 2014, p.100).

A palavra cultura tem origem no termo latim *cultura*, que significa “cultivar”. Ela surgiu originalmente de outro termo também latino, *colere*, que significa “colher as plantas”. Na perspectiva social, cultura pode designar colher o conhecimento humano. Deste modo, entende-se que cultura são os costumes que a sociedade tem em comunidade, os valores transmitidos para os seus descendentes de geração a geração. São os valores, as construções materiais e imateriais, tradições, hábitos, enfim, são manifestações humanas. Deste modo, a cultura desempenha um papel na vida social, ou seja, “cultura como sendo essas teias e sua análise [...],

como uma ciência interpretativa à procura do significado” (CLIFORD GUERZ, 2008, p. 4). Mediante a cultura, o indivíduo se reconhece dentro de uma coletividade, logo, cultivar a cultura é atribuir significações ao mundo, por meio dos valores, assim, os indivíduos e a cultura estão ligados, pois todo ser humano está inserido em uma determinada cultura e esta só existe por meio do ser humano.

O sujeito tanto se insere em uma cultura já estabelecida quanto também participa de suas transformações, logo, “[...] como biógrafo, você não pode se fechar somente no seu personagem central” (VILAS-BOAS, 2014, p. 22), e jamais deverá ignorar a cultura que o cerca. Sobre a relação da biografia e cultura, em consonância com o exposto, Delory-Momberger (2011, p.335.) salienta o que segue:

Os seres humanos não têm uma relação direta, transparente, com o vivido e o desenrolar de sua vida, essa relação é construída e mediatizada pela cultura e adota a forma de representações, esquemas, modelos, programas biográficos transmitidos pelas instituições, organizações coletivas, grupos sociais.

A maneira como os seres humanos se relacionam com o mundo reflete em suas ações, e no que concerne à profissão docente, reflete diretamente na prática educativa. Assim, a reconstituição do processo formativo, atuante e a contribuição da professora Socorro Lucena apresentam a sua ação no mundo, exprimindo as suas experiências profissionais, mostrando a história da educação e a cultura vivenciada.

É possível, por intermédio da biografia, passarmos a conhecer histórias de vida de mulheres e educadoras, seus feitos, dificuldades e enfrentamentos, para fomentar a educação local e até em âmbito nacional. Tais análises possuem relevância ao questionar formas de docência, recusando, assim, a padronização e hierarquização da produção de conhe-

cimento e traçando novas possibilidades na contramão das concepções racionalistas, que consideram apenas a veracidade do que é comprovado com objetividade e racionalidade científica pura, pois “[...] a biografia é uma metodologia com potencialidade de diálogo entre o individual e o sociocultural, trazendo à baila o modo como cada pessoa mobiliza seus conhecimentos, os seus valores, para ir construindo a sua identidade num diálogo com seus contextos [...]”. (RODRIGUES, 2015, p. 61).

Existe, todavia, a dificuldade de considerar na história da Educação, a emoção e a subjetividade, pois nossa sociedade foi civilizada tentando separar a razão da emoção, assim, as experiências de vida e as emoções foram historicamente desvalorizadas na pesquisa, no entanto, muitos avanços tiveram que ser empreendidos no campo das ciências humanas, em detrimento da indissociabilidade da razão e da emoção, possibilitando o reconhecimento de que pesquisas podem e devem considerar aspectos subjetivos. Por isso, “a subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados, torna-se parte do processo de pesquisa”. (FLICK, 2009, p. 25).

A representação da vida ou de determinados assuntos no campo da história da Educação já é realizada por meio das narrativas individuais, sendo encontrados, por exemplo: subjetividade, representações sociais, lembranças, reconhecimento da identidade e ressignificações de vida. Assim, a biografia na Educação mostra-nos que a prática de formação reconstitui as histórias de vida individuais e possui uma história, além de um sentido significativo, se essa história for analisada com cientificidade. A análise da formação educativa e das práticas formativas, nesse sentido, busca o reconhecimento das competências profissionais, das práticas docentes e como estas foram sendo constituí-

das e influenciadas, de modo que isso se tornasse uma nova experiência, pois a narração biográfica promove um intercâmbio de diversos saberes.

Na presente pesquisa, encontramos narrativas oralizadas e adquiridas por intermédio de entrevistas, principalmente as da professora Socorro Lucena, que menciona outras pessoas que fizeram parte de sua vida e formação educacional. Assim, ao imergir nessas lembranças, a entrevistada passa a ressignificar suas experiências, que são inseridas dentro de contextos sociais junto a seus pares. Com efeito, a educadora reluz uma memória que “[...] é o legado herdado através das gerações, a possibilidade da perpetuação das experiências vividas, a narrativa dos tempos feita do seu ponto de vista, da sua maneira de olhar o mundo e a vida.” (ALMEIDA, 1998, p. 53). Desta maneira, expressa registros do que foi significativo na consciência por meio do método da história oral. Desta maneira, buscamos analisar as fontes orais, considerando distorções da memória, buscando analisar as subjetividades.

2.1 Fontes orais: quem foram os nossos colaboradores?

A apreensão de fontes orais ocorreu por meio de entrevistas em história oral, realizadas com a participação da biografada e com pessoas inseridas nos seus contextos: familiar, escolar e de trabalho, que presenciaram e participaram de suas vivências, formação e atuação profissional. Deste modo, como critério de seleção, optou-se por escolher primeiramente como colaboradora e principal fonte oral a própria biografada. Buscando evidenciar “[...] ao universal por meio do singular, procurando o objetivo a partir do subjetivo, descobrindo o geral pelo particular”. (FERRAROTTI, 2010, p. 48).

Vilas-Boas (2014) alerta-nos acerca da relacionalidade entre biografado e biógrafo, pois esta relação pode contribuir ou não para a qualidade do encontro entre pesquisador e biografado. Assim, a escolha da biografada surgiu por meio do livro *A Hora da Prática*. E o primeiro contato com a professora Socorro Lucena ocorreu no ano de 2017, no Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE, da Universidade Estadual do Ceará. Na ocasião, foi explicado rapidamente sobre a intenção biográfica.

No dia 03 de março de 2018, às 13h:30, Socorro Lucena foi convencida de que sua vida importava, e de que sua biografia era insubstituível, inclusive, já ocorrendo a primeira entrevista. A professora aceitou a realização de sua biografia, mas gostaria que também fosse feita a de sua amiga, professora Verônica Gonçalves, já falecida, que atuou na Universidade Estadual do Ceará e que foi figura relevante na Educação e na sua mudança de comportamento e percepção de mundo. Considerando as ansiedades e tensões, na primeira entrevista com a professora Socorro Lucena, o assunto sobre sua vida não veio à tona de maneira linear, pois o início de sua fala destacou sua amizade com a professora Verônica Gonçalves, no período em que trabalharam como docentes, em Quixadá- CE.

A entrevista aconteceu de maneira livre e sem qualquer roteiro pré-estabelecido de perguntas, com clima de um diálogo descontraído, considerando além da fala da biografada, as suas ações e seus gestos, que expressavam sentimentos diante do que estava sendo narrado, revelado. Após a entrevista, Socorro Lucena realizou o convite para participação nas aulas do curso de doutorado, linha A- Formação, Didática e Trabalho Docente.

Percebemos que biografar uma pessoa viva tem suas diferenças e peculiaridades, pois nas entrevistas, “[...] as re-

lações do biógrafo com o biografado, com o processo biográfico, consigo mesmo, etc., são de natureza reflexiva também. Ele (se) interpreta e (se) compreende”. (VILAS-BOAS, 2014, p. 29). Assim, ao participar das aulas ministradas por Socorro Lucena, foi possível perceber a relação de sua história de vida com a prática docente, pois ela realizava esse diálogo. Houve outros encontros com a biografada para a realização de novas entrevistas, algumas efetivadas na sua residência e outras na Universidade Estadual do Ceará, no Programa de Pós-Graduação em Educação.

Em outras ocasiões, houve o convite para participar de cerimônias que fazem parte das suas experiências e vivências: o ritual da benção das agendas; um momento de confraternização com seus orientandos, ocasião em que a biografada e os orientandos de mestrado e doutorado no Programa de Pós-graduação em Educação- PPGE-UECE fazem uma retrospectiva de como foi o ano. Nesses rituais, são realizadas reflexões acerca de quais os planos e projetos de vida para o ano que virá, pois a biografada entrega aos participantes agendas e realiza uma oração, e cada participante fala sobre suas perspectivas futuras.

Outro evento que participamos foi o café da manhã de comemoração do seu aniversário de 70 anos de idade. Na ocasião, estavam também seus amigos de trabalho mais próximos, filhos e ex-orientandos que se tornaram amigos próximos. O momento era muito íntimo e pessoal, sendo reservado às pessoas mais queridas. Assim, com muito cuidado, foi possível aproveitar a ocasião para contatar sua amiga de infância Silvia Meireles e sua filha, Ana Lurdes Lucena. A manhã foi marcada pelo café da manhã, por homenagens, agradecimentos e, também, por orações, como de costume é realizado todos os anos, na data de seu aniversário, vinte e sete de maio.

Nessa perspectiva, também entramos em contato com professores que trabalharam junto com a professora Socorro Lucena, e pessoas que vivenciaram sua infância, por exemplo, sua irmã Rose. Esses colaboradores entrevistados estiveram de comum acordo com o propósito da pesquisa e aptos a contribuir. Assim, considera-se que “[...] a narração biográfica promove um intercâmbio de saberes diversos” (VILAS-BOAS, 2014, p. 20), ou seja, “imbricação do observador e do observado numa interação recíproca”. (FERRAROTTI, 2010, p. 47).

Desta forma, como critério de escolha, buscamos entrevistados que conviveram com a professora Socorro nos âmbitos familiar e profissional, centrando foco na sua atuação na Universidade Estadual do Ceará-UECE. Realizamos a coleta do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e das fontes e registros históricos, cientes de que

[...] as fontes orais merecem a reflexão sobre questões de outra ordem, como a condição dos sujeitos que dividem (e, portanto, constroem e reconstróem) suas memórias em relatos que atendem à demanda do pesquisador, e não necessariamente ao livre-trâmite da memória”. (ESQUISANI, 2012, p.220)

Todavia, houve dificuldade no contato com pessoas que fizeram parte da infância da professora Socorro Lucena, pois esse período seu foi vivenciado no interior cearense, e um dos que presenciaram a sua infância, e que também se encontrava na cidade de Fortaleza, era seu primo Lurtizeu Lucena, mas ele estava hospitalizado, vítima de um infarto, o que impossibilitou nosso acesso a ele. Logo, optamos por entrevistar apenas sua amiga Silvia Meireles.

Também não conseguimos encontrar pessoas que puderam relatar algum rompimento, desavença ou intriga em que a professora Socorro Lucena fizesse parte. É impossível

que se passe a vida sem ter situações de confrontos ou antipatias, mas nem todos os impasses e relações requerem rompimentos, e nem sempre as pessoas estão dispostas a tornar públicos conflitos com uma pessoa querida e considerada de prestígio no seu campo de atuação. Há o entendimento de que não buscamos evidenciar uma biográfica heroica, por meio de situações que a tornem humana, e sim, responder às indagações: o que a fez reconhecida no cenário educacional? O que a torna querida? Qual o seu diferencial?

Nessa perspectiva, em todas as ocasiões de entrevista, foi respeitada a escolha dos colaboradores, no que tange ao agendamento prévio das entrevistas, com horário, data e local de suas respectivas escolhas. Importa inferir que a acústica das entrevistas foi boa, não havendo problemas de gravação de áudio na apreensão das narrativas, já que os locais escolhidos foram silenciosos. Houve, vez por outra, em alguns momentos, breve interrupção de pessoas que adentraram o espaço onde estavam sendo realizadas as entrevistas, mas nada que tenha atrapalhado a transcrição do essencial, já que tais interrupções não foram transcritas por não serem de interesse para a pesquisa.

Tendo em vista o empreendimento biográfico, efetuamos entrevistas com 12 colaboradores. Segue abaixo o quadro demonstrativo:

Quadro 1 – Fontes orais entrevistadas

| Fontes orais contatadas | Relação com a biografada | Data das entrevistas | Duração |
|---------------------------|--------------------------|----------------------|-----------|
| Maria Socorro Lucena Lima | Biografada | 02/03/2018 | 45 min |
| | | 16/10/2018 | 1h 15 min |
| | | 21/03/2019 | 1h |
| Sílvia Meireles | Amiga de infância | 12/05/2019 | 50 min |

(continua)

(continuação)

| | | | |
|---|---|------------|----------|
| José Albio Moreira Sales | Colega de trabalho na UECE | 01/11/2018 | 1h |
| Carlos Alexandre Holanda | Ex-orientando de mestrado e orientando de doutorado na UECE | 13/11/2018 | 1h 20min |
| Bergson Rodrigo Siqueira de Melo | Ex-orientando de doutorado na UECE | 12/03/2019 | 36 min |
| Francisco Jeovane do Nascimento | Orientando de doutorado na UECE | 20/02/2019 | 55 min |
| Ana Lourdes Lucena | Filha do meio | 21/03/2019 | 40 min |
| Patrícia Helena Carvalho Holanda | Amiga da turma de mestrado | 09/08/2019 | 25 min |
| Maria Marina Dias Cavalcante | Professora, colega de trabalho e amiga pessoal | 03/09/2019 | 42 min |
| Josete de Oliveira Castelo Branco Sales | Professora, ex-colega de trabalho aprovada no concurso da Uece junto à biografada | 12/09/2019 | 28 min |
| Rose Lucena | Irmã mais nova | 10/09/2019 | 20 min |

Fonte: elaborada pela autora (2018).

As entrevistas foram realizadas seguindo os procedimentos da metodologia da história oral, no gênero biográfico. Após a coleta do material, foram realizadas as transcrições das entrevistas, sendo estas validadas, mediante a técnica geradora do discurso (FLICK, 2009), e, em seguida, textualizadas, podendo ser futuramente utilizadas em outras pesquisas referentes às temáticas propostas.

Foi relevante observar o que é silenciado nas entrevistas, pois “as falas são produzidas por sujeitos, em um contexto sócio-histórico, e que fazem uso da memória e da palavra, e isso implica o trabalho com o que é dito e com o não dito, com o que é silenciado” (SANTOS; ARAÚJO, 2007,

p.192). Deste modo, buscou-se observar e permitir maior atenção às nuances como os gestos e tonalidade de voz, que muito têm a dizer, juntamente com as narrativas, anotadas em diário de campo.

No que tange às fontes documentais, que entrecruzam com as narrativas, buscamos utilizar fontes oficiais e outras não oficiais, pois como nos expõe Burke: “todo material do passado potencialmente é admissível como evidência para o historiador” (1990, p. 268). Deste modo, utilizamos como principais fontes não oficiais aquelas encontradas no acervo pessoal da professora Socorro Lucena, visto que “[...] a maior parte das pessoas produz muitos documentos pessoais em suas vidas cotidianas” (FLICK, 2009, p. 230), bem como documentos legais que ajudam a compreender o contexto educacional do período.

Seguem abaixo os documentos pessoais que foram analisados:

Quadro 2– Fontes documentais pessoais

| Fonte documental | Local de guarda | Assunto |
|----------------------------|-------------------------------------|---|
| Gravuras | Acervo de Maria Socorro Lucena Lima | Desenhos feitos por Socorro Lucena, no Colégio Nossa Senhora de Fátima |
| Carta escrita pelo seu pai | Acervo de Maria Socorro Lucena Lima | Saudades pela distância e admiração pelo magistério |
| Missal | Acervo de Maria Socorro Lucena Lima | Presente com dedicatória, pelos serviços prestados no Colégio Nossa Senhora de Fátima |
| Fotografias | Acervo de Vagner Lucena | Imagens de Socorro Lucena |

(continua)

(continuação)

| | | |
|---|-------------------------------------|--|
| Medalha | Acervo de Maria Socorro Lucena Lima | Agradecimento solene da Câmara Municipal de Juazeiro do Norte no dia Internacional da Mulher |
| Diploma de habilitação ao magistério de Maria Socorro Lucena Lima | Acervo de Maria Socorro Lucena Lima | Diploma de formação no Curso Pedagógico Normal |
| Memoriais de formação | Acervo de Maria Socorro Lucena Lima | Memoriais circunstanciados. |

Fonte: elaborada pela autora (2019).

Portanto, a pesquisa em ênfase é caracterizada pela hibridização, por não se utilizar apenas das narrativas, mas também fazer uso de documentos oficiais e não oficiais que complementam as entrevistas, ao “[...] utilizar os documentos como uma estratégia complementar para outros métodos como a entrevista”. (FLICK, 2009, p. 231).

Usamos registros e documentos pessoais da professora Socorro Lucena, sendo esses relevantes para ela, os quais guardou com cuidado em seu acervo pessoal, na sua residência. As informações contidas em alguns registros são pessoais, possuindo, assim, diferentes possibilidades que serão abordadas no discorrer do texto dissertativo. Além disso, “embora esses registros e documentos não tenham sido produzidos para fins de pesquisa, eles e a informação neles contida podem ser utilizados para a pesquisa”. (FLICK, 2009, p. 231).

Em relação ao uso das fotografias, estas complementam os métodos de dados verbais, aprimorando-os (FLICK, 2009). Deste modo, buscou-se analisar os registros fotográficos, a fim de dialogar com as fontes narrativas, considerando, então, sua contextualização histórica-temporal e suas nuances. Nesse contexto, a fotografia é, segundo Burke

(2004, p. 265), “[...] um meio visual em que os acontecimentos passados são, com frequência, tornados mais acessíveis pela resposta emocional do momento. Isso porque a fotografia traz em si uma relação material e causal com seu sujeito”.

Logo, buscamos, por intermédio da análise das fontes listadas acima, realizar discussão junto às narrativas, bem como fundamentação teórica, para melhor compreender o objetivo geral da pesquisa, que é investigar as contribuições educacionais da professora Socorro Lucena para a formação de professores no ensino superior do Ceará.

3 A EDUCADORA MARIA SOCORRO LUCENA LIMA

Os devotos do Divino
Vão abrir sua morada
Pra bandeira do menino
Ser bem-vinda, ser louvada, ai, ai
Os devotos do Divino
Vão abrir sua morada
Pra bandeira do menino
Ser bem-vinda, ser louvada, ai, ai
(Ivan Lins).



escolha da epígrafe acima, trecho de uma música de Ivan Lins, relaciona-se com as vivências da professora biografada Socorro Lucena, sua formação católica e produções do Divino Espírito Santo.

Mãe de Valberto, Ana Lourdes e Vagner e avó de Ana Luísa, atualmente, aos 70 anos de idade, a professora Maria Socorro Lucena Lima encontra-se aposentada, mas continua exercendo atividades na docência, trabalhando em cursos, orientações de mestrado e doutorado em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação na UECE – Universidade Estadual do Ceará, e como docente visitante na UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, onde integra a equipe das disciplinas pedagógicas do ICEN-Instituto de Ciências Exatas e da Natureza, sendo também uma das idealizadoras do Pro-

grama de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente. Ela realiza outras atividades, como palestras e seminários, porque recebe vários convites para participação em eventos acadêmicos nacionais e regionais, nos quais apresenta um posicionamento docente reflexivo, consoante às suas experiências docentes. Atualmente, no ano de 2021, a professora Socorro Lucena também desenvolve atividades diversas, especialmente, a dança e o artesanato.

Imagem 1 – Professora Socorro Lucena atualmente



Fonte: arquivo pessoal de Vagner Lucena.

Na fotografia acima, vemos a imagem da professora Socorro Lucena. Geralmente, a docente está imersa em atividades acadêmicas, pois optou por continuar realizando-as, mesmo aposentada, ou se encontra praticando a dança em bailes, ou fazendo artesanatos. Escolhas que lhe dão prazer.

Adiante, seguem recentes imagens das suas produções artesanais:

Imagem 2 – Quadro Divino Espírito Santo



Foto: elaborada pela autora.

A imagem anterior retrata o quadro do Divino Espírito Santo feito pela professora Socorro. Esse artesanato encontra-se emoldurado em seu quarto, próximo à sua cama. O artesanato da imagem a seguir também possui característica religiosa:

Imagem 3 – Mandala Divino



Fonte: arquivos pessoais de Socorro Lucena.

Na imagem anterior, vemos uma mandala produzida pela professora Socorro Lucena, e que também retrata o Divino Espírito Santo. Além dos artesanatos apresentados, a biografada também produz cartões com letras de músicas e poesias.

Sua religiosidade é ativa desde a infância, já que teve uma formação educativa amparada nos princípios da Igreja Católica, conforme será aprofundado na seção abaixo.

3.1 Conhecendo a formação educacional de Maria Socorro Lucena Lima

Oh! Que saudades que tenho da “Aurora” da minha vida.
(Gonçalves Dias)

Maria Socorro Lucena Lima nasceu no dia vinte e sete de maio de mil novecentos e quarenta e nove, em Aurora, cidade do interior do estado do Ceará, e que está situada a 452 km da capital, Fortaleza. Filha do comerciante José de Oliveira Lima e da dona de casa Maria Lourdes Lucena, integrou uma família com cinco filhos: Socorro (a biografada), Jaime, Ana Rita, Rose Ane e Bernardo, sendo a docente a primogênita do casal.

Para a realização da biografia da professora Socorro Lucena, inicialmente, fez-se necessário uma contextualização acerca da sua origem e das características do local do seu nascimento. Posteriormente, foi dada ênfase às suas trajetórias formativas vivenciadas até a compreensão de suas contribuições educacionais, sendo estas oriundas de sua atuação docente no ensino superior, foco deste trabalho dissertativo. Ou seja, partiu-se do ser individual para discutir a formação e profissão docente no contexto das experiências vividas pela professora Socorro Lucena, bem como essas vi-

vências estão relacionadas com o contexto dos diversos lugares e grupos (familiar, escolar, de trabalho, etc.) nos quais viveu e conviveu.

Nessa perspectiva, buscamos adentrar um pouquinho na história do “sertão” para compreender a infância em Aurora. Figueiredo (2015) relata-nos uma curiosidade teórica do sentido da palavra “sertão” e da sua utilização no estado do Ceará, pois o autor afirma que o termo “[...] é utilizado largamente por todo o interior do Ceará, para denominar boa parte de seu território, com exceção feita para as regiões litorâneas e de serra (p. 201). Assim, dizer que a biografada possui sua origem no sertão nordestino do estado do Ceará não infere uma vida sertaneja. Socorro afirma, com orgulho: “Vim do sertão ao litoral!”. (LIMA, 2018).

Aurora possui uma área de 885.827,00 m², com população de aproximadamente 24 mil habitantes. Desta forma, a cidade é considerada pequena, especialmente se comparada aos grandes centros urbanos. O clima do município é tropical, com estação seca, o que é considerado um dos maiores problemas da cidade. Botelho (2000), com mais de 40 anos no estudo da seca no Nordeste, expõe-nos que a seca “[...] ameaça a desertificação em alguns pontos do Nordeste” (p. 76). Desta maneira, afirma que a seca não é a ausência total de chuvas, mas sim, a má distribuição das chuvas durante o ano, pois estas ocorrem mais nas áreas litorâneas. Todavia, a seca também é um problema político.

Imagem 4 - Mapa localização de Aurora-CE

Fonte: aurora.ce.gov.br

O mapa acima mostra a localização de Aurora (vermelho) no mapa do Ceará.

Neste estado, foi comum o êxodo rural, em consequência, a população urbana teve um aumento significativo, contudo, o êxodo não estava somente restrito à busca de uma melhor condição de vida, mas também por oportunidade de estudo. Tal fato foi vivenciado pelos muitos moradores de Aurora que migraram para Fortaleza, capital do estado, em busca de melhores condições de vida, como foi o caso de Socorro Lucena.

Imagem 5 – Socorro Lucena na infância, com boneca

Fonte: arquivo pessoal de Vagner Lucena.

Na imagem anterior, vemos Socorro Lucena criança, sentada, segurando uma boneca. O vestido de babados, as meias bordadas e os sapatos brancos de verniz faziam parte de um vestuário considerado fino, em 1950, e utilizado apenas para ocasiões de festas e passeios. No entanto, fazer um retrato nesse período significava prestígio. Nessa época, os registros fotográficos eram de difícil acesso, com fotografias em preto e branco. Apesar disso, nota-se que a fotografia apresentada encontra-se bem preservada. Pela foto de infância, é possível observar que Socorro Lucena não pertencia a uma classe social baixa, uma vez que tinha acesso aos registros fotográficos, e devido também à própria indumentária de vestido bordado e tecido fino.

Sua família é originária dos pequenos latifundiários do interior do Ceará, da década de 1950, como era o caso de seu avô Bernardino Lucena. Porém, como as famílias,

geralmente, tinham muito filhos, ao dividirem heranças, seus descendentes passavam a residir nas cidades mais próximas, integrando-se ao comércio local. “Minha família pertence ao grupo de comerciantes da cidade de Aurora – Ceará, que tinham seus estabelecimentos de miudezas e gêneros alimentícios concentrados nas proximidades do mercado local”. (LIMA, 2018).

É importante observar que Socorro Lucena e os irmãos são descendentes de um pai que trabalhou com o cultivo de algodão e em uma mercearia de miudezas e gêneros alimentícios, mas o sonho que ele tinha para seus filhos migrava para a esperança no estudo, na formatura, no diploma. Este sonho que permeou toda a luta da vida do Sr. Zé Bernardo e da dona Lourdes pela educação dos seus cinco filhos. Neste sonho inclui-se a responsabilidade da biografada, quando lembra as palavras do seu pai: “Maria Socorro é o espelho desta casa”. (LIMA, 2018).

Durante a infância, Socorro Lucena morou no município de Aurora, do qual só partiu em 1965 para Barbalha-CE. Durante sua educação familiar, recebeu influência dos princípios de trabalho e educação, pois seus pais acreditavam que para ser um bom sujeito, era necessário ter estudo e trabalho, aspectos muito valorizados. A família da professora Socorro esteve presente e unida em toda sua formação durante a infância, o que, segundo a biografada, conferiu-lhe amorosidade, segurança, apoio e estímulo para uma vida mais equilibrada. Vila-Boas (2014, p. 58) infere que “precisamos considerar que em nenhum outro espaço social o lugar do indivíduo é tão fortemente marcado como no cenário familiar.”

Imagem 6 – Socorro com três anos



Fonte: arquivo pessoal de Vagner Lucena.

Na fotografia acima, vemos Socorro Lucena com idade de três anos. A fotografia possui o cenário de um estúdio fotográfico, pois fotografar nesses espaços era muito comum na época, já que se tratava de um período no qual as máquinas fotográficas eram de difícil acesso. Contudo, é interessante observar que mesmo retratando uma criança, as fotografias não apresentavam momentos de espontaneidade e felicidade, pois muitas vezes a máquina fotográfica assustava as pessoas. O vestido de Socorro Lucena com bordado e babados, e os sapatos demonstram o preparo que era destinado para a confecção dos registros fotográficos. É provável que imbuir a criança de tal armadura, não utilizada convencionalmente no dia a dia, também pudesse não agradar à Socorro Lucena.

Imagem 7 – Socorro Lucena na infância, com vestido de babados

Fonte: arquivo pessoal de Vagner Lucena.

Nesta imagem, vemos a vestimenta com gola alta e babados. Os cabelos penteados e arrumados, bem como os brincos demonstram que Socorro Lucena era uma criança bem cuidada, mesmo não pertencendo a uma família de alto poder aquisitivo.

No que se refere à vida colegial, a formação escolar tradicional de Socorro Lucena teve início no Grupo Escolar Monsenhor Vicente Bezerra, aos cinco anos. Essa é a instituição educacional mais antiga do município de Aurora. A escola teve como nome de origem Escolas Reunidas da Vila Aurora. Durante o período de 1946 a 1948, por iniciativa governamental, construiu-se o prédio para onde foram transferidas todas as Escolas Reunidas de Aurora, sendo, então,

transformadas as Escolas Reunidas em categoria de grupo escolar, por meio de ato assinado no dia 15 de março de 1956. Os grupos escolares englobavam várias escolas primárias em um só prédio.

O nome da instituição apresentada na imagem foi uma homenagem ao vigário da paróquia, o Monsenhor Vicente Bezerra.

Imagem 8 – Grupo Escolar Vicente Bezerra



Fonte: Blog da Aurora (<http://blogdaaurorajc.blogspot.com/>).

É possível ver na imagem acima a arquitetura do grupo escolar, que apesar de grande, no período em que Socorro Lucena estudava, apresentava problemas de estruturação, tendo, até mesmo, as carteiras escolares danificadas. O modelo utilizado pelos grupos escolares era amplamente difundido nos Estados Unidos e na Europa. Era considerado um símbolo de renovação do ensino primário e acabou vindo para o Brasil, instalando-se inicialmente em São Paulo (SOUSA, 2008). Os grupos escolares seriam modelos para todos os estados brasileiros, sendo, em 1907, publicado o regulamento dos grupos escolares do estado do Ceará. Assim, iniciava-se a intenção de trocar as Escolas Reunidas e Isoladas por grupos escolares, para deste modo, suprir as demandas da escola primária cearense.

Socorro Lucena estudou no grupo escolar Monsenhor Vicente Bezerra, no período de (1954-1958). Lá, era oferecida

uma educação pública, na qual estudavam, principalmente, crianças de origem mais humilde. Na cidade de Aurora, na década de 1950, duas escolas se destacavam: uma, de metodologia rígida, com o uso da palmatória; e a outra localizada no bairro Araçá, onde sua madrinha, a professora Terezinha Lucena, era professora. Dessa forma, a família decidiu que Socorro estudaria no Grupo Escolar Mons. Vicente Bezerra, acompanhando a madrinha.

A Escola Monsenhor Vicente Bezerra, no bairro Araçá, era um espaço de convivência alegre e acolhedora. A diretora D. Ozenele Leite pintava belos quadros e, às vezes, trazia para expor na escola. Tinham festas, danças e brincadeiras. Lá, eu descobri que a escola é lugar de ser feliz. (Maria Socorro Lucena Lima, 2018).

No grupo escolar Monsenhor Vicente Bezerra, Socorro Lucena tinha o contato com professoras que utilizavam a criatividade e a arte no desenvolvimento das atividades. Nessa perspectiva, “[...] a escola está no centro de múltiplos jogos de representações, na maneira como os alunos constroem para si mesmos e para os outros sua história e seu devir”. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 115).

Em consonância com a narrativa, em seu Memorial de Formação, Socorro Lucena relata que a experiência de estudar no Grupo Escolar Monsenhor Vicente Bezerra representava a sua aproximação com a estética e a interdisciplinaridade, por exemplo, o convívio que teve com a diretora da época, a professora Ozenele Leite, que pintava quadros belíssimos e levava para a escola.

Enquanto minhas colegas frequentavam as escolas do centro da cidade, eu me dirigia para o bairro Araçá. Com imensa alegria, atravessava a linha do trem, atravessava a cidade e vivia outro mundo com as crianças das classes populares. Aquela era uma escola alegre. Apesar das car-

teiras rústicas e do prédio ser antigo, lá não era como outras escolas da região, onde ainda imperava a palmatória. (LIMA, 2002).

Sua educação tradicional sistematizada é relatada brevemente, sendo o seu percurso escolar vivenciado em três instituições de ensino: no Grupo Escolar Monsenhor Vicente Bezerra (1954-1958), dos 5 aos 9 anos; no Ginásio Paroquial Menino Deus (1959-1964), dos 10 aos 14 anos; e no Colégio Beneditino N. Sr^a. de Fátima (1965- 1967), dos 15 aos 17 anos, no qual cursou o Normal (Habilitação Magistério), mediante a educação religiosa e tradicional, em Barbalha-CE, e sendo uma escola dirigida pelas irmãs beneditinas. Sobre sua vida escolar, Socorro Lucena comenta:

[...] Fiquei até a terceira série no Grupo Escolar Monsenhor Vicente Bezerra e os dois últimos anos já no Ginásio Paroquial Senhor Menino Deus, que foi quando fundaram esse ginásio; fiz parte da primeira turma do ginásio. Era o Ginásio Paroquial Senhor Menino Deus, depois tiraram o Senhor e ficou só Menino Deus. Então, até quinze anos era Aurora. Depois, passo três anos, o primeiro normal, segundo normal, terceiro normal, no Colégio das freiras, em Barbalha. (Maria Socorro Lucena Lima, 2018).

Nota-se que a formação escolar da professora Socorro Lucena foi pautada pelo ideário católico, no qual educação e religião estavam intrínsecas. Nascida em um contexto social e familiar católico, o que era normal no período e na região, tendo criação também voltada para a valorização do trabalho e educação, a Igreja Católica fez parte da formação de vida de Socorro Lucena, que na infância esteve engajada nos festejos católicos e nas missas, tendo participado durante muitos anos das coroações à Nossa Senhora e das leituras litúrgicas, por ter desenvoltura e boa voz.

Possui os valores da congregação beneditina “[...] em seu cotidiano, que tradicionalmente têm como fundamentos a oração e o trabalho (o estudo [...] pode ser entendido como um trabalho intelectual ou como oração)”. (SCHAC-TAE, 2003, p. 109).

Imagem 9 – Primeira Eucaristia de Socorro Lucena (1957)



Fonte: acervo pessoal de Socorro Lucena

Na foto, vemos Socorro Lucena no dia 27 de maio de 1957, em sua Primeira Eucaristia, aos 8 anos de idade. Tradição e um ritual repleto de significado para a sociedade da primeira metade do século XX, a Eucaristia é um dos sete sacramentos da Igreja Católica, e sua iconografia representa a disciplina do corpo religioso.

Percebe-se que os trajes da Primeira Comunhão nos remetem à aparência elegante, com a cor branca – característica dos ritos católicos –, semelhante a um vestido de noiva, associando o evento ao compromisso com Cristo. Nesse entendimento, a imagem é um guia de interpretações visuais nas vidas religiosas de culturas passadas. (BURKE, 2004).

Imagem 10 – Socorro Lucena na infância



Fonte: arquivo pessoal de Vagner Lucena.

A imagem retrata Socorro Lucena na infância. Nessa fotografia, percebe-se o seu problema de visão. Foram muitos os desafios enfrentados por uma criança míope do olho direito, mas como a biografada elucida: “O desafio de ter uma deficiência visual e um desvio ocular visível, quando acom-

panhados com amor pela família, nos deixam mais fortes. [...] Todo fim de ano, eu vinha a Fortaleza, para fazer o meu exame de vista [...]” (Lima, 16/10/2018). Podemos constatar que os elementos constituintes da formação e educação da professora Socorro foram desenvolvidos em diferentes âmbitos, não se restringindo apenas à educação escolarizada, mas também que a religião católica foi determinante em sua formação e no seu contexto histórico, pois “pureza era fundamental para a mulher, num contexto em que a imagem da virgem Maria era o exemplo a seguir”. (DEL PRIORE, 2000, p.326).

Imagem 11 – Socorro Lucena fardada



Fonte: arquivo pessoal de Vagner Lucena

Em relação ao prosseguimento nos estudos, em 1959, Socorro Lucena realizou o exame de admissão para estudar no Ginásio Instituto Sr. Menino Deus de Aurora. Acerca do resultado do exame, a biografada, em seu Memorial de Formação, relata: “Não fiquei bem classificada em Matemática, mas em Português, sim, principalmente em redação [...]”. (LIMA, 2002).

Nesse contexto, ao narrar sobre os aprendizados que teve na vida e os valores, a biografada revela o que a ajudou sempre: “A força da mãe na superação das limitações (no meu caso, a Matemática), e a sensibilidade em descobrir caminhos de valorização, como a arte, a leitura, o canto” (LIMA, 2019). Em tal conjuntura, percebemos que a biografada foi estimulada por sua mãe para centrar foco nas áreas de seu maior interesse e, conseqüentemente, de maior desenvolvimento das habilidades. Isso pode ser constatado, quando fala sobre sua paixão pela arte: “O desenho era a minha arte “clandestina” nas folhas finais dos cadernos”. (LIMA, 2019).

Imagem 12 – Ginásio Paroquial S. Menino Deus



Fonte: arquivo pessoal de Socorro Lucena.

Aprovada no exame de admissão, Socorro frequentou o Ginásio Paroquial Menino Deus (nomenclatura alterada em 1960) de 1959 a 1964. Isto posto, o município de Aurora reuniu os moradores mais escolarizados para que pudessem lecionar no ginásio, “[...] a construção social da escola pública não foi apenas reflexo da estrutura econômica. Essa escola também resultou da opinião de várias comandas sociais a respeito de seus próprios direitos”. (FREITAS; BICCAS, 2009).

Fiz parte da primeira turma do Ginásio Paroquial Menino Deus, que foi o resultado de uma luta da cidade por um ginásio. O diretor, P. Francisco Luna Tavares, juntamente com os profissionais da Saúde, como o Dr. Sebastião Alves e outros, se reuniram, para que a gente continuasse na terra natal. (Maria Socorro Lucena Lima, 2018).

Acerca do período de escolarização no Ginásio Paroquial Menino Deus, a entrevistada Silvia Meireles (12/05/2019), grande amiga da professora Socorro Lucena, desde o tempo de sua infância até os dias atuais, menciona como era a biografada na condição de aluna, evocando, assim, várias memórias.

Em Aurora, eu me lembro que tinha uma feira riquíssima, aquelas feiras de antigamente, e Socorro passava o dia todinho na rua, dando notícia de tudo, toda vida ela foi muito ativa, hiperativa! (Risos). [...] Eu sou muito calma, [...] a amizade continuou. Onde ela estava, escrevia umas cartas para mim, eu respondia às cartas dela. Sempre teve uma história de umas cartas, não tinha telefone. Agora eu não tenho nenhuma carta, já procurei em Aurora se tem uma perdida, mas não tem, não. (Silvia Meireles, 2019).

A narrativa de Silvia Meireles nos mostra que a biografada, Socorro Lucena, desde a infância era muito ativa nas atividades que realizava, e que a amizade das duas foi consolidada através das décadas, pois mesmo com a distância, o elo de amizade não foi desfeito. Acerca da escolarização, a entrevistada nos diz:

Cursamos o curso ginásial em Aurora, nossa cidade natal. Nossa turma foi a turma fundadora do Ginásio Paroquial Senhor Menino Deus de Aurora. Após a nossa festa de formatura, nós fomos para uma excursão a Fortaleza. Esse passeio foi muito divertido. Visitamos oficialmente o Colégio Ari de Sá Cavalcante, para conhecer o seu diretor, Professor Ari, nosso ilustre patrono e filho de Aurora. [...] Participamos de um piquenique no sítio do Padre Januário Campos, e de uma festa dançante no Maguari Club. Vale ressaltar que a nossa turma era composta de 38 alunos, e que víamos e voltávamos de trem, o famoso “Sonho Azul”. Viagem animada e inesquecível, com direção de mais de 24 horas. Era comum levar lanches, bolos, doces e, especialmente, a famosa galinha caipira feita na farofa com cebola vermelha”. (Sílvia Meireles, 2019).

Desta maneira, muitos advogados e profissionais da área da saúde ensinavam na instituição de ensino que tinha no período exposto, já que eram os mais escolarizados. O diretor era o Pe. Francisco Luna Tavares, pois o ensino da época tinha como marca a religiosidade, como nos expõe a entrevistada Sílvia Meireles: “[...] Socorro tinha e tem uma voz belíssima e, por duas vezes, coroou Nossa Senhora no mês de maio, que era um mês muito festivo em nossa terra.

Era muito apresentada, Socorro! Eu me lembro que eu era tímida, e Socorro não. Socorro sempre foi muito alegre e extrovertida. Dona de uma sensibilidade ímpar. Muito inteligente, escrevia muito bem e sempre tirava notas boas. Implicava com alguns colegas que se sentavam à nossa frente e escoravam os braços em nossas carteiras, chegando a usar alfinetes para machucar os braços deles. Tudo na base da brincadeira! (Sílvia Meireles, 2019).

Nas narrativas de Sílvia Meireles, nota-se a sua admiração pela personalidade da amiga Socorro Lucena, enaltecendo as suas qualidades enquanto aluna, inclusive, ela revela uma brincadeira em que a biografada chega a machucar

os colegas com alfinetes, demonstrando, assim, que Socorro Lucena era uma boa aluna, mas que não possuía o comportamento exemplar para a época, pois em vez de ficar quieta decorando e reproduzindo os conhecimentos, ela conversava e brincava em sala. Vemos que sua mãe tinha preocupação com a sua formação educacional primária:

[...] Minha mãe... ela tinha uma visão de futuro muito grande. Ela tinha uns projetos a longo prazo e, dentro desses projetos, eu que iria educar os filhos dela (risos). São cinco, e ela sempre contava essa história, que Socorro era o espelho da casa. “Socorro, você vai me ajudar na educação dos seus irmãos!” (Maria Socorro Lucena, 2018).

A biografada nos afirma que sua mãe teve uma participação efetiva, sendo uma pessoa relevante para a sua formação humana e para que almejasse a carreira docente. Assim, objetivando que Socorro estudasse, sua mãe a encaminhava.

Imagem 13 – Formatura Ginásio



Fonte: arquivo pessoal de Socorro Lucena.

Na imagem, Socorro Lucena repassa uma fisionomia séria, com cabelos arrumados, de franja, e usando beca, traje utilizado no momento da formatura do ensino ginásial. Na época, esse momento na formação era muito celebrado pela família, pois demarcava a transição para uma nova fase, no caso de Socorro Lucena, a próxima seria a entrada no curso Normal Pedagógico.

No ano de 1964, o Brasil vivia transformações e tensões políticas decorrentes da ditadura, que impactavam a educação. Todavia, Socorro Lucena não vivenciava os acontecimentos da ditadura, porém sua época de escola foi marcada por um momento difícil, no qual não compreendia a dinâmica dos acontecimentos. Sua vida foi marcada por uma grande perda. Como nos expõe: “Foi um tempo de tristeza com a morte da minha madrinha, Terezinha Lucena, e outras perdas. Tempo de amadurecer e de se reconhecer no mundo”. (LIMA, 2018).

A entrevistada Silvia Meireles também nos expõe a participação da mãe de Socorro Lucena para o seu prosseguimento nos estudos. Silvia e Socorro continuaram juntas nessa etapa de formação, como nos revela:

E agora, com certificado do ginásial nas mãos, como dar continuidade aos estudos? Não foi nada fácil, porque a saída seria estudar no Crato, em Juazeiro ou Fortaleza. Então, a dona Lourdes, mãe da Socorro, tomou conhecimento da possibilidade de estudarmos em Barbalha, no Colégio Nossa Senhora de Fátima, em regime de Internato. D. Lourdes, com toda a sua desenvoltura e perspicácia, logo conseguiu uma bolsa de estudos para Socorro, falando com a Superiora do Colégio, Madre Ilduara. E eu fui junto. (Silvia Meireles, 2019).

Por ser a primogênita, Socorro Lucena, ainda criança, deveria ser um exemplo para os irmãos, sendo ela cobrada

por uma postura comportamental de retidão e disciplina nos estudos, pois suas atitudes seriam, segundo sua mãe, refletidas na formação dos irmãos. Sobre o período, a irmã mais nova, Rose Lucena, destaca:

O meu contato com a Socorro é mais a gente adulta. Era eu pequena e ela saindo para estudar fora. Ela vinha, como a gente costumava dizer, vinha como visita para casa, e eu morando lá em casa direto com mamãe. Meu contato direto era com a mamãe, assim, passo a passo. E como aquelas mães que tem cinco filhos, como mamãe, tem uma miudinha, assim, vamos ali na igreja, leva a miudinha. Eu lembro dela vindo de Barbalha [...]. (Rose Lucena, 2019).

No contexto rural, a escolarização era algo almejado para os filhos de agricultores e pequenos comerciantes como o seu pai, porque viabilizava maiores possibilidades de ascensão econômica.

Escolarizar os filhos, ainda que em condições precárias, tornou-se expectativa de quebrar desvantagens econômicas, de cor, de sexo e de origem. Para muitos, a escola foi a instituição que mais acumulou expectativas de ampliação do “campo de possibilidade, em relação ao que fora possível fazer por parte de pais e avós”. (FREITAS; BICCAS, 2009).

As famílias mais abastadas financeiramente, detentoras de maiores propriedades agrícolas, mandavam suas filhas para instituições de ensino na capital do estado ou para cidades com maior desempenho econômico, a fim de que as moças pudessem receber educação de qualidade e formação pautada nos princípios da fé e da moralidade.

Essas jovens eram mais reconhecidas e prestigiadas para o bom casamento, ou seja, com rapazes mais abastados, sendo então consideradas ótimas filhas, professoras, boas pretendentes a esposas e mães, pois esperava-se que

a educação recebida na capital influenciasse nos padrões comportamentais femininos. Como salienta Almeida (1998, p.447): “Para muitos, a educação feminina não poderia ser concebida sem uma sólida formação cristã, que seria a chave principal de qualquer projeto educativo.” Ademais, o diploma de normalista conferia vantagens sociais, e a educação feminina foi inicialmente promovida embasada na religião católica, sendo modelo vigente de educação durante muitas décadas.

Assim, sem condições de investir na formação de todos os filhos, o projeto de dona Lurdes Lucena era investir na formação educacional da filha mais velha, para que esta, posteriormente, colaborasse com um futuro melhor para todos os outros filhos. A mãe da biografada, dentre os diversos cursos pedagógicos, escolheu um que considerava o melhor da região: o Colégio Nossa Senhora de Fátima, situado na cidade de Barbalha, na região caririense, no sul do estado do Ceará. Assim, sua filha teria a tão sonhada educação de qualidade, pois a instituição era frequentada por moças de famílias com elevadas condições financeiras. Percebe-se que havia em seu contexto familiar uma significativa valorização da escolarização como um mecanismo de progresso. Conforme pode ser visto na narrativa abaixo:

[...] Minha mãe foi no Colégio das irmãs e contou sua história: “Olha, eu tenho cinco filhos e preciso que Socorro tenha uma boa educação, para poder me ajudar a educar os outros filhos”. A freira ouviu tudo e foi muito bondosa, fazendo um abatimento nas mensalidades. Por conta dessa questão, ela me tinha a maior atenção. (Maria Socorro Lucena Lima, 2018).

É possível perceber que apesar de não ter condições financeiras para manter integralmente o pagamento da mensalidade da Escola Normal, a mãe de Socorro Lucena preo-

cupou-se com a formação escolar de sua filha, não apenas a educação no contexto familiar, na qual ensinava à Socorro costura e outras habilidades, mas também na formação para o trabalho, por meio da educação formal de qualidade, para que, desta forma, trabalhasse no magistério e educasse os outros irmãos. Ao contrário de muitas mães que ocupavam a filha mais velha exclusivamente com os afazeres domésticos, colocando-a para colaborar com as atividades de casa e no cuidado com os irmãos mais novos, como era de costume em Aurora, dona Lourdes abria mão da ajuda da filha nas atividades da casa e investia na sua educação formal, em escola conceituada que ficava em outro município, pois havia a necessidade de deslocamento para a continuidade dos estudos.

Nem todas as cidades do interior possuíam uma Escola Normal oficial, e acontecia que as moças só podiam frequentar escolas particulares. Todavia, em alguns casos, as famílias tinham dificuldades em arcar com as despesas e era inviável o deslocamento para outras localidades. (ALMEIDA, 1998, p.189).

Para isso, dona Lourdes Lucena procurou a Madre Ilduara, diretora alemã e integrante da Congregação das irmãs beneditinas, para convencê-la de aceitar a matrícula de sua jovem filha, que não era originária de famílias de prestígio econômico. Madre Ilduara foi importante no percurso formativo de Socorro Lucena, pois sem ela, o curso Pedagógico da professora Socorro não teria sido concretizado, tendo em vista que, ao aceitá-la na instituição, a Madre Ilduara não fez diferença pela condição econômica e/ou social, e ainda concedeu à Socorro, de forma generosa, um acompanhamento especial, já que as outras moças do curso eram consideradas da elite cearense.

Imagem 14 – Fundadores do Colégio Mater Salvatoris



Fonte: Site Diário do Cariri.

Na imagem anterior, existem as fotografias dos fundadores do colégio, sendo uma delas a da Madre Ilduara Kamil, apontada com a seta vermelha. A quarta foto da primeira fileira de fotos, da esquerda para a direita. Eram quatro religiosas, duas delas, mães, com hábito preto composto por uma túnica, traje característico da ordem das beneditinas, e duas freiras com hábito branco. Na fotografia, também vemos outras pessoas relevantes para a educação de Barbalha no período, como: Maria Alacoque Sampaio, Leticia Sampaio, Carmela Costa e o Dr. Leão Sampaio.

Inaugurado na década de 1940, o Colégio Mater Salvatoris foi fundado pelo Centro de Melhoramento de Barbalha. Em 1954, as irmãs beneditinas passaram a dirigir o colégio, quando ocorreu a alteração da nomenclatura para Nossa Senhora de Fátima. A escola tem a sua história vinculada ao desenvolvimento cultural, social, religioso e econômico da

cidade de Barbalha. São histórias que se fundem à vida da biografada, e que trazem para a região do Cariri importantes memórias e histórias. A escola organizada por religiosas tinha as madres com posição superior. Aprovada, Socorro Lucena passou a vivenciar nova formação e fatos, com a rotina de interna do Colégio, pautada por uma educação católica de rígida disciplina.

Acerca do Colégio, a entrevistada Silvia Meireles nos expõe:

Este colégio era frequentado pelas elites da região do Cariri e Pernambuco. Filhas de prefeitos, deputados, fazendeiros ricos, e oferecia um curso de formação para as noviças. O colégio era dirigido por freiras da Ordem Beneditina, era de uma severidade sem limites. (Silvia Meireles, 2019).

Socorro Lucena rememora suas lembranças acerca do internato:

Tinha missa diária e a gente precisava rezar as matinas e as vésperas, e a tarde todinha, a gente passava sentada numa sala de aula, e a freira lá na frente, e a gente lia muito, porque não tinha o que fazer, lia romance. Eu me lembro que eu li a obra de Alvares de Azevedo todinha, eu lia muito, porque não tinha o que fazer, tinha que ler. A leitura passava o tempo. E eu escrevia muita carta, achava bom receber cartas [...]. (Maria Socorro Lucena Lima, 2018).

Percebe-se que a formação no internato, isolada do mundo, influenciou no desenvolvimento da leitura e escrita de Socorro Lucena, já que essas atividades tornaram-se seu principal passatempo. Dentro da instituição, Socorro lia bastantes obras clássicas da literatura brasileira; nota-se que esta teve uma relevância em sua formação, pois junto à educação, a literatura contribuiu para o desenvolvimento de sua base humanista. Nesse período de estudo de Socorro Lucena, havia o controle do que era lido pelas internas.

Acerca da rotina no internato, a entrevistada Silvia Meireles (12/05/2019) nos conta:

Horários e rotina rigorosa inviável para os dias atuais. Acordávamos às 5:30, pelas palmas e gritos: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”, da irmã Regina. Às 6:00 horas, estávamos todos impecavelmente fardados na capela do colégio, para a missa de todos os dias. A capela era muito bonita e nos transmitia muita paz. Permanecíamos em silêncio até às 7:00 horas, quando nos serviam um parco café no refeitório. Em seguida, pegávamos nossos livros na sala de estudos e nos dirigíamos ao colégio. [...] Tinha a hora do banho, saíam de dez em dez, tinham dez banheiros e uma torneira geral, que a freira abria, se você se descuidasse ali, no banheiro, você estava era frita, ela abria o chuveiro pra você passar o sabonete e depois ela fechava a torneira. Como é que pode uma coisa dessa?

Em relação às práticas pedagógicas exercidas na instituição, estas eram autoritárias, regradas e com características semelhantes à vertente tecnicista. A pedagogia característica era a corrente tradicional – instalada no Brasil desde a chegada dos jesuítas, pois ela corresponde ao modelo paupado no depósito de conteúdos descontextualizados da realidade social do aluno, sem considerar seus conhecimentos prévios, sendo voltada para a subserviência, especialmente aos pais, ao marido e a Deus –, na qual os professores eram os sujeitos detentores do saber. A biografada (LIMA, 2002), em seu memorial de formação, apresenta-nos brevemente a rotina do colégio:

O colégio das beneditinas tinha um regime monástico: nós nos levantávamos obrigatoriamente às cinco horas da manhã para orações, e a missa às seis, e às sete, estaríamos assistindo aula. Nós, as quarenta e cinco alunas internas, além de estarmos vestidas igualmente com roupa xadrez

verde, passávamos a maior parte do tempo em sala de estudos, diante da carteira, no mais absoluto silêncio, vigiadas por uma freira chamada “mestra do internato”, só nos restavam os livros. Então, eu lia e escrevia. Lia os clássicos da literatura, contos e escrevia cartas [...].

Compreende-se que a educação no Colégio Nossa Senhora de Fátima era um elemento de distinção social direcionado a pessoas de famílias mais abastadas financeiramente, que pretendiam garantir a pureza das moças e uma educação refinada, que habilitasse para o bom desenvolvimento das prendas do lar, além do conhecimento propedêutico inicial. Nesse modelo de educação, admirado pela maioria da população, o espaço físico era planejado para a vigília das moças, que deveriam ser observadas atentamente pelas freiras, tendo seus disciplinados, bem como seus espaços e tempos regulados (FOUCAULT, 1986).

Professoras maravilhosas, muito bem preparadas. Quando recebíamos cartas de nossos pais ou amigas, eram lidas pela primeira vez pela Madre Superiora, e só depois chegavam às nossas mãos. Socorro, com seu jeito alegre e extrovertido, conquistou a simpatia da Superiora Madre Ilduara, e tudo ficou mais fácil. Mas vale salientar a disciplina rigorosíssima do internato. Acordar e dormir muito cedo, alimentação péssima, tarde na sala de estudos e saída uma vez por mês para visitar nossos pais. O lado positivo de viver três anos nesse regime de internato foi nos preparar para as batalhas da vida. (Silvia Meireles, 2019).

Nessa perspectiva, a educação feminina era mantida pelo ideário mariano, no qual a imagem de “Maria” deveria ser o exemplo seguido:

As mulheres eram submetidas a uma disciplina em que servir era ordem e a matriolatria era o modelo: uma formação para ser boa mãe e esposa, preceitos que acompa-

nharam os ideais de formação feminina quando se criam instituições com a finalidade específica de educar as mulheres. (MAGALHÃES JÚNIOR, 2002, p. 79).

Deste modo, a educação católica na época era o modelo vivenciado pela jovem Socorro Lucena, tendo sido mais intensificada no período de 1966 a 1968, no Internato, afinal, as moças internas do Curso Normal Pedagógico eram direcionadas ao casamento, ao lar e à maternidade.

Os arranjos físicos – do tempo e dos espaços escolares – estão informando e formando, [...] dizem como ser ou como agir, [...] acabam por instituir, em sua materialidade, um sistema de valores como ordem, disciplina e vigilância. (LOURO, 1997, p. 455).

A biografada acrescenta, em seu primeiro memorial de formação: “Vivíamos uma disciplina rígida e dentro daquela linha humanitária de ajuda ao outro”. (LIMA, 1987, p.1). Essa formação por meio de disciplinamento buscava que as jovens fossem capazes de se autogovernarem ao saírem da instituição.

Para que fossem seguidas a imagem e semelhança de Maria, partia-se da “educação do corpo para o aprimoramento do espírito” (MAGALHÃES, 2002, p. 78). A educação do corpo, desta maneira, era exercida por meio da vigilância e do condicionamento. Inclusive, o internato era opção às moças, principalmente as jovens de elite, que burlavam a vigilância no meio social pelas famílias, muitas, por terem desobedecido às ordens sociais impostas pelos pais. Assim, muitas moças que tinham atitudes e comportamentos considerados rebeldes e desviantes da boa conduta, como, por exemplo, namoros proibidos, confronto aos pais, dificuldade de seguir as regras, saíam dos colégios semi-internatos e eram destinadas ao colégio interno, como uma op-

ção viável para a “recuperação” e o adestramento das jovens “desviantes”.

A “disciplina”, por sua vez, designa uma forma de exercício de poder cujo objeto são os corpos, na eficácia produtiva de seus movimentos e de sua distribuição espacial, na sua normatização e singularização, em vista da maximização de sua “utilidade-docilidade”. (YAZBEK, 2015, p. 24-25).

Buscava-se educar as moças sob regras rígidas de comportamento para as quais ser recatada e do lar eram virtudes. E longe dos rapazes, havia, assim, uma nítida distinção social em função dos sexos, no que concerne à formação de mulheres e homens. Para estes, quando oriundos da elite, o destino era o ensino secundário e o prosseguimento dos estudos em nível superior, assim como o trabalho bem remunerado para prover o sustento da família com o maior conforto possível.

Defendeu-se a educação diferenciada, porque mulheres eram tidas como menos inteligentes e mais frágeis que os homens. Incluiu-se Economia Doméstica em seu currículo, porque “a mulher é rainha do lar”. [...] Estimulou-se a formação de professoras, porque elas, “verdadeiras mães”, têm “vocação para o sacerdócio”, que é o magistério”. (ROSEMBERG, 2012, p. 338).

Desta maneira, era comum a separação de meninos e meninas na formação educacional, os homens detinham, assim, uma formação para trabalhos financeiros, em meio social, sendo o trabalho o pilar de sua formação, enquanto as mulheres recebiam educação para o lar e cuidados com a família, e casa, cujos trabalhos externos eram “permitidos” socialmente, na maioria das vezes, apenas relacionados à educação e ao cuidado, como a profissão docente e a enfermagem. Inclusive, as mulheres dedicavam-se ao ma-

gistério a ponto de não constituírem família, outras, por sua vez, deixavam a profissão ao se casarem. “[...] Sustentou-se a necessidade de se educar as mulheres [...], porque elas seriam “educadoras dos homens”, necessários à nação”. (ROSEMBERG, 2012, p.338).

Na imagem a seguir, vemos Lucena em um desfile cívico.

Imagem 15 – Desfile Cívico no Colégio N.S. de Fátima (1965)



Fonte: acervo pessoal de Socorro Lucena.

A professora Socorro Lucena está na fotografia acima como porta-bandeira, ou seja, a segunda moça da esquerda para a direita. O patriotismo era uma característica do período vivenciado, sendo o desfile de 7 de Setembro uma data comemorada e preparada antecipadamente e com seriedade, já que representava a data da Independência do Brasil.

O desfile cívico fazia parte da educação patriótica, na qual a educação moral e cívica propunham a doutrina e disciplina, estando presentes na formação e prática educativa.

A formação feminina tinha como primordial função na sociedade disciplinar, pondo ordem ao mundo privado, imbuindo a mulher da responsabilidade pela paz e pelo ajuste social. Tanto a instituição educacional como a sociedade utilizavam múltiplos dispositivos e símbolos para ensinar a missão feminina: a tarefa de guardiã do lar e da família, pois a mulher era símbolo da maternidade e, tal cuidado, poderia se estender ao exercício do ofício docente junto às crianças; seria um treino para a maternidade. (ALMEIDA, 2014).

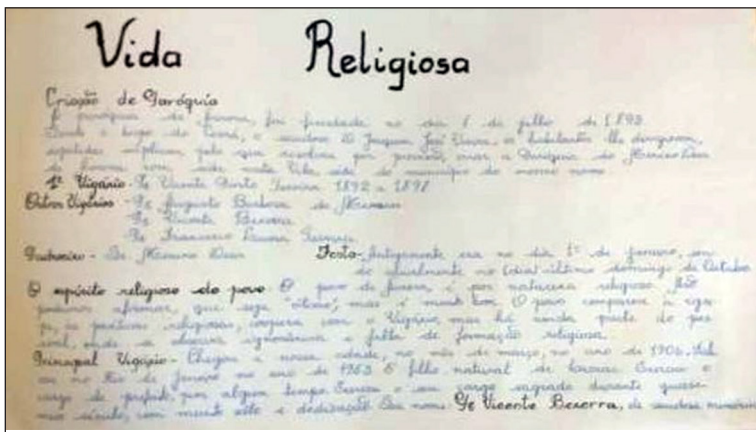
Deste modo, a educação das jovens normalistas nos internatos católicos era realizada por meio da força religiosa, que estava evidente no seu contexto histórico-social e de formação, sendo, então, “[...] predestinada a ser proteção e refúgio para outras almas poderem se desenvolver”. (STEIN, 1999, p. 140).

Acerca da rotina de interna no Colégio Nossa Senhora de Fátima, a professora Socorro Lucena descreveu durante a entrevista como era organizado esse cotidiano:

- Missa diária
- Café da manhã
- Sala de aula
- Almoço
- Pequeno intervalo
- Sala de estudos
- Jantar
- Sala de estudos
- Sábado à tarde – Catecismo com as freiras.

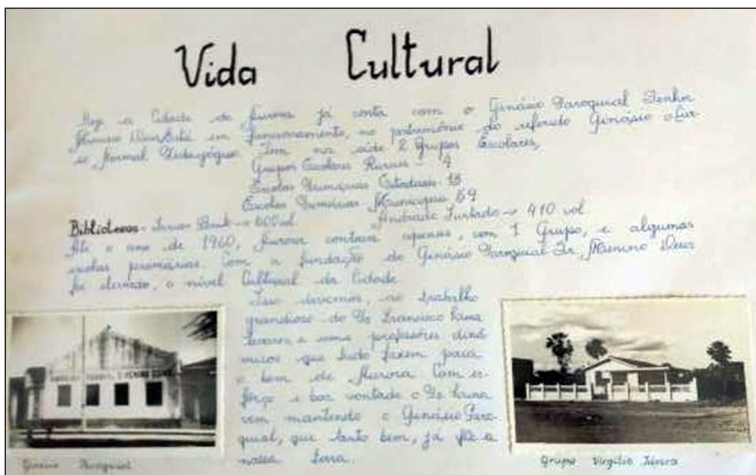
Seguem abaixo registros fotográficos do caderno de atividades e estudos realizados no internato. Na atividade, cada aluna interna fez um caderno com informações acerca da sua cidade de origem, como pode ser visto nas imagens a seguir:

Imagem 16 – Caderno de atividades e estudos do Colégio N. S. de Fátima – um estudo sobre sua cidade natal: Aurora-Ce. p. 1



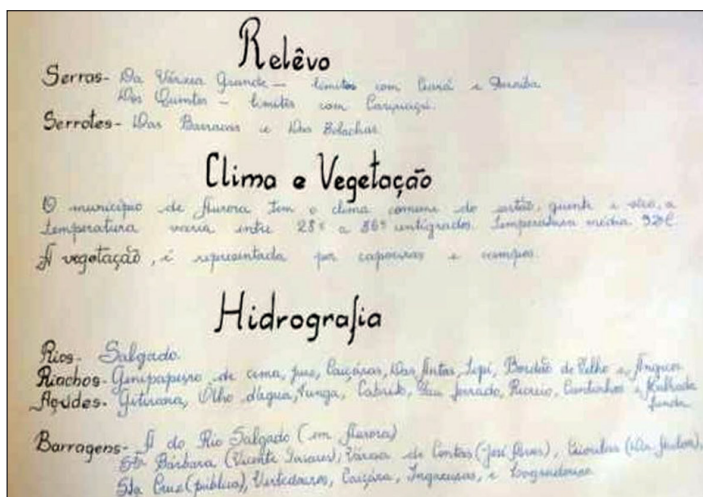
Fonte: acervo pessoal de Socorro Lucena.

Imagem 17 – Caderno de atividades e estudos do Colégio N. S. de Fátima, p. 2



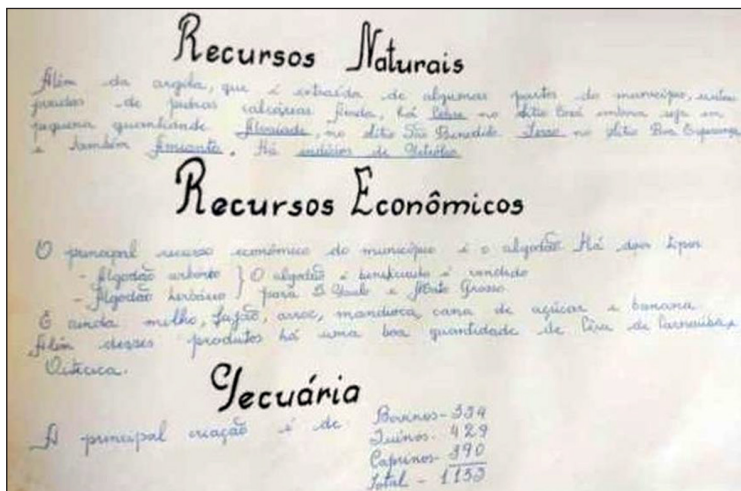
Fonte: acervo pessoal de Socorro Lucena.

Imagem 18 – Caderno de atividades e estudos do Colégio N. S. de Fátima, p. 3



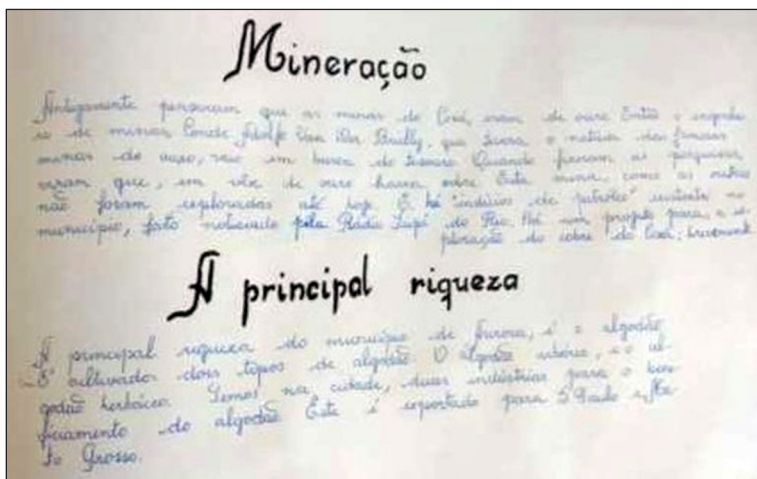
Fonte: acervo pessoal de Socorro Lucena.

Imagem 19 – Caderno de atividades e estudos do Colégio N. S. de Fátima, p. 4



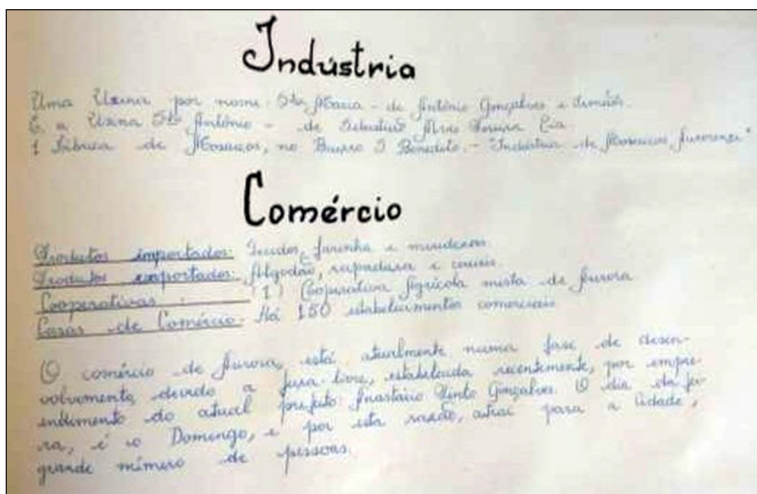
Fonte: acervo pessoal de Socorro Lucena.

Imagem 20 – Caderno de atividades e estudos do Colégio N. S. de Fátima, p. 5



Fonte: acervo pessoal de Socorro Lucena.

Imagem 21 – Caderno de atividades e estudos do Colégio N. S. de Fátima, p. 6



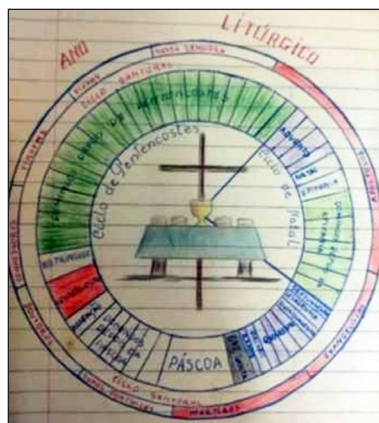
Fonte: acervo pessoal de Socorro Lucena.

Percebe-se a importância do caderno de atividades, pois mesmo com o passar dos anos, Socorro Lucena o mantém guardado – na época que ela o escreveu, tinha dezessete anos, ou seja, guardar o caderno demonstra zelo e valor ao objeto, que é considerado biográfico. Conforme a perspectiva de Bosi (2003), os objetos guardados envelhecem com o seu possuidor, dando continuidade às suas experiências vividas. Assim, vemos que a atividade contida no caderno retratava diferentes aspectos do município de Aurora, apresentando informações e características locais, vida religiosa, vida cultural, relevo, clima, vegetação, comércio, dentre outros.

Socorro Lucena teve uma formação tradicional, cujas atividades eram muitas vezes realizadas por meio de enciclopédias. Até mesmo por isso, nota-se o conhecimento de Socorro Lucena acerca de Aurora-CE, demonstrando certa dedicação ao realizar uma pesquisa prévia. Observa-se a letra caprichada e sem rasuras, demonstrando a escrita com rigor cobrada na instituição.

Já na imagem abaixo, vemos um desenho produzido pela biografada.

Imagem 22 – Catequese – Ano litúrgico



Fonte: elaborada pela autora.

Na imagem acima, vemos um desenho realizado por Socorro Lucena, no período em que participava da catequese junto às irmãs beneditinas. O desenho representa o ano litúrgico da Igreja Católica. Nessa perspectiva, acerca da formação recebida no internato do curso Normal Pedagógico, a biografada elucida, em seu memorial de formação:

A intensidade do ritmo de estudos, a disciplina austera do regime de internato, principalmente em relação aos horários de estudo, foram importantes para a construção do hábito de leitura e o aperfeiçoamento da escrita. A educação tradicional e enciclopedista foram determinantes em atitudes formativas até hoje conservadas. Leva-se em conta uma disciplina baseada na autoridade e no medo, aliada ao rigor das prelações e ameaças de cunho religioso. (LIMA, 2011).

Desta maneira, as características das práticas pedagógicas e de ensino exercidas na instituição eram regidas pela educação na qual a autoridade e vigilância se faziam presentes na rotina das internas, não lhes restando muitas opções diferentes da leitura. O que era considerado muito bom, afinal, a força do catolicismo na formação da mulher era crucial no ambiente escolar, pois a mulher era entendida como essencial para a maternidade sobrenatural da Igreja (STEIN, 1999), e nada deveria desvirtuá-la de tal destino, a não ser o serviço a Deus, por meio do ingresso à congregação.

Sendo assim, no curso Normal Pedagógico, Socorro Lucena, ainda jovem, em 1966, tem o seu início na docência, dentro da instituição em que estudava, como nos relata:

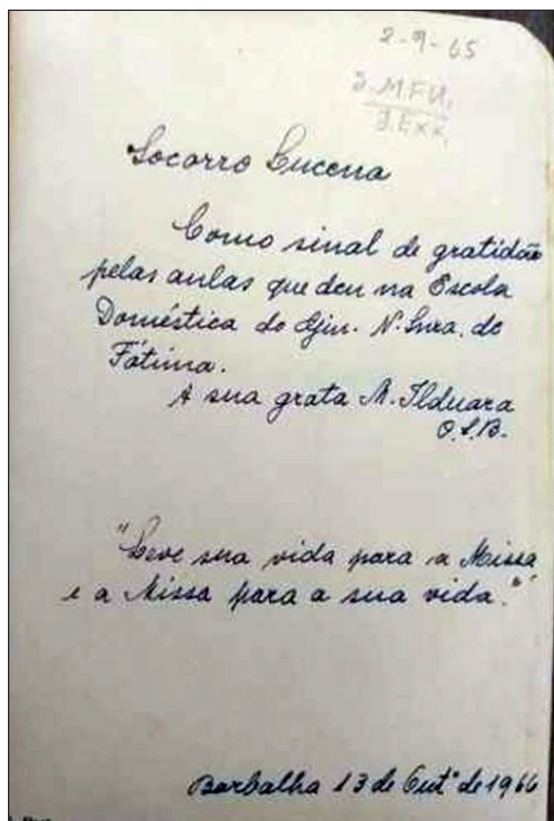
Minha mãe, nos dois últimos anos, foi lá, e foi agradecer à irmã. Minha mãe disse assim: “Bote ela pra trabalhar, para fazer alguma coisa, no que ela pode ajudar?”. E a freira disse: “Ela pode dar aula às serventes, às meninas da

cozinha”. Eu fui dar aula para as meninas da cozinha. E no sábado, dava aula de catequese com as freiras, em um Sítio do município de Barbalha. Era a minha contribuição para o colégio. (Maria Socorro Lucena Lima, 2018).

Portanto, a sua inserção no trabalho docente iniciou-se junto aos estudos, como a biografada expõe em seu memorial de formação, ao relatar a sua primeira experiência como professora: “Eu trabalhava, inicialmente, na catequese dos bairros e distritos, e, depois, dando aulas para domésticas, na escola que o colégio mantinha no turno da noite” (LIMA, 2002, p. 7). É importante ressaltar que nas décadas de 1950 e 1960, “[...] ocorreu uma ampliação da cobertura de serviços escolares e da expansão da escolarização”. (FREITAS; BICCAS, 2014, p. 179). Percebemos que o colégio, durante o dia, era para a elite, e à noite, como forma de caridade, oferecia escolarização para as moças pobres, por meio da escola doméstica.

Abaixo, vemos a imagem da dedicatória do missal dado à Socorro Lucena pela Madre Ilduara, no dia 13 de outubro de 1966, em agradecimento às aulas prestadas por Socorro para a escola doméstica do Colégio Nossa Senhora de Fátima. As aulas eram realizadas no turno da noite. Mais tarde, essa dedicatória serviu de prova para a aposentadoria da professora Socorro, como uma comprovação de sua primeira experiência como professora.

Imagem 23 – Missal



Fonte: elaborada pela autora.

Vimos que as aprendizagens de saberes na escola e o conhecimento informal estão em uma relação de complementariedade e reciprocidade. (DELORY, 2011, p.138). Desse modo, a construção da identidade docente da biografada esteve atrelada às suas experiências informais, sendo estes saberes inter-relacionados.

Socorro Lucena contrariou a concepção de que o magistério é uma atividade tida como “sacerdócio”. Paulo Frei-

re, em sua obra *Professora, sim, tia, não: cartas a quem ousa ensinar*, propõe a reflexão e discussão acerca da profissão do magistério, ao nos dizer que é importante lutarmos contra as tradições que nos acompanham, e que “quanto mais aceitamos ser tias e tios, tanto mais a sociedade [...] exige que sejamos bem comportados”. (FREIRE, 1993, p. 86). Cabe salientar que a profissão como sacerdócio era tida como algo natural e vocacional, enquanto profissão docente, sendo reconhecida como tia, a professora tinha uma relação de parentesco com seus alunos, relacionando-a ao cuidado. Ou seja, era a “[...] imagem das professoras como “trabalhadoras dóceis, delicadas e pouco reivindicadoras”. (LOURO, 1997, p. 450).

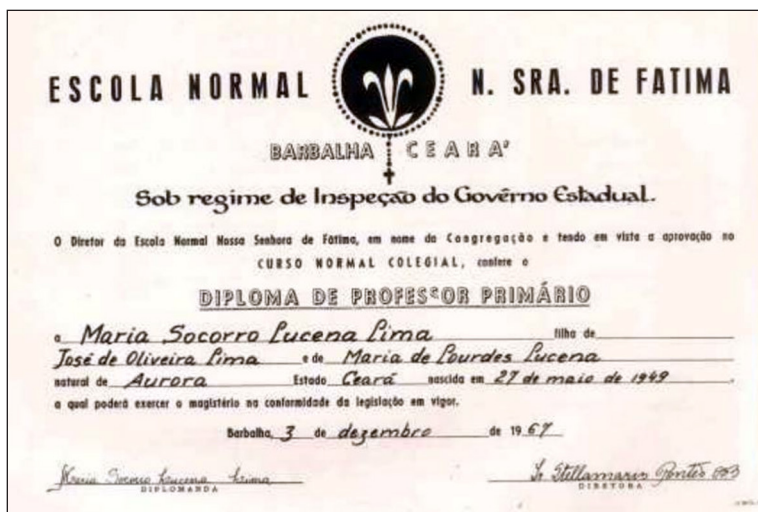
Todavia, no período vivenciado acima, a educação feminina era vista como um sacerdócio e as moças normalistas estavam sendo formadas com propósitos de moral e educação, pois o que se acreditava era que “toda mulher tem aptidões e dons individuais, que a fazem aspirar a uma vocação especial, além da feminina, em geral” (STEIN, 1999, p. 139). Assim, o percurso formativo de Socorro Lucena contribuiu para que ela chegasse ao exercício do magistério, mediante muitos estudos, pois os valores de educação e trabalho fizeram parte da sua formação, tanto familiar como educacional.

A profissão docente mantinha, de certo modo, laços com suas origens religiosas. Uma profissão que estava associada à formação não somente instrucional, mas moral, de uma sociedade em que a influência dos duzentos e dez anos de monopólio jesuítico sobre a educação não se dissipou com a expulsão da “Ordem dos soldados de Cristo”. (MAGALHÃES, 2002, p. 83).

O primeiro modelo de educação exercido na profissão docente de Socorro Lucena foi informal, por meio da educação tradicional, decorrente também das contribuições

educacionais obtidas pela convivência com as mães beneditinas, como expõe: “[...] Aprendi, principalmente, o hábito da leitura, a disciplina e organização”. (LIMA, 2002). Ensinar “era um misto de ensino tradicional e tecnicista, mas que deu a fundamentação necessária para ingressar na Faculdade de Letras, no ano seguinte ao da formatura no curso Normal.” (LIMA, 2002). Em 1967, Socorro Lucena recebeu o diploma de professor primário.

Imagem 24 – Diploma de professor primário de Socorro Lucena



Fonte: acervo pessoal de Socorro Lucena.

No diploma acima, vemos que a biografada recebeu formação educacional de professor primário, na cidade de Barbalha-Ceará, em 1967. Desde então, Socorro Lucena, assim como outras jovens da região do Cariri cearense, passou a migrar para outros locais, em busca de trabalho, e dar continuidade à formação educacional, como consta em seu Memorial de Formação.

Percebi que a história que conto junta-se à de milhares de outras jovens, filhas de pequenos agricultores e comerciantes das cidades circunvizinhas – Missão Velha, Caririaçu, Assaré, Aurora e outras localidades – que, para enfrentarem a vida, como eu, estudam e trabalham, morando em casas de parentes e amigos, em pensionatos ou em casa própria, ou alugada, responsabilizando-se por irmãos mais novos. Assim nos tornamos professoras da mesma classe social: aquela que precisa entrar mais cedo no mercado de trabalho para ajudar à família. Foi dessa forma que comecei a lecionar, em 1968, no Instituto Domingos Sávio, numa sala de jardim de infância. (LIMA, 2002).

No período apresentado pela biografada, percebemos que a entrada precoce de jovens pobres no mercado de trabalho acontecia diferente do ocorrido com as moças mais abastadas financeiramente, que não trabalhavam ou trabalhavam para aprimorar dotes maternos, deixando o trabalho quando casavam. Identificamos que a professora Socorro Lucena reconhece que sua trajetória educativa se assemelha a de outras jovens interioranas, que conseguiram escolarização em níveis mais altos, mesmo não sendo regra, ao contrário, era exceção, porque os pais não podiam custear escolas particulares na capital cearense.

Terminado o curso normal pedagógico que conferia o título de professora primária, a família de Socorro Lucena, principalmente sua mãe, almejou que a filha prosseguisse nos estudos, estimulando-a, então, a ingressar em uma faculdade. “Conseguir um diploma significava muito para essas jovens e representava as expectativas de uma classe social que buscava ascender socialmente mediante a escolaridade”. (ALMEIDA, 1998, p.193). Escolarização importante para os pais de Socorro Lucena, bem como para a sociedade da década de 60, pois o ensino superior era almejado

como uma possibilidade de progresso. No entanto, o incentivo da mãe de Socorro Lucena significava abrir mão de ter a filha por perto colaborando com as atividades da casa, e com a educação dos irmãos mais novos, em detrimento de ter uma diplomada em nível superior – status de muito prestígio, pouco acessível para muitos, que conferia orgulho às famílias, especialmente, aquelas menos favorecidas economicamente.

Assim, a biografada relata como foi sua experiência para conseguir ingressar no Curso de Licenciatura em Letras, na Universidade Regional do Cariri (URCA) – paralelamente à experiência de docência no ensino fundamental e médio:

Minha mãe tinha um radar para descobrir as coisas. Na merceariazinha, ficava conversando com o povo, e tinha um senhor, lá em Aurora, chamado Seu João, que morava no sítio, e ele tinha educado os seus filhos. Os filhos dele eram todos formados, e ela foi atrás do Seu João. Um dos filhos dele morava lá no sítio e era professor da Faculdade de Economia do Crato, e minha mãe foi saber como é que a gente procedia para fazer o vestibular na Faculdade do Crato. Ela foi atrás do Seu João e pegou o endereço do filho dele, e foi bater na casa do homem (risos), para perguntar como é que me colocava para fazer o vestibular. E eu trancada em Barbalha, no internato, não sabia nem o que era vestibular. Sabia o que era vestibular, mas não tinha, assim, vivência nenhuma, mal ouvia falar naquela época. (Maria Socorro Lucena Lima, 2018).

Em 06 de dezembro de 1959, foi fundada a Faculdade de Filosofia do Crato (F.F.C). Vinculada à Universidade Federal do Ceará, suas atividades foram oficialmente iniciadas em 1960, com os cursos de Letras Neolatinas, Letras Anglo-Germânicas, História e Pedagogia. A escolha dos cursos acima demonstra a necessidade de formação de professores no estado.

As primeiras décadas do século XX foram marcadas pela efervescência dos debates sobre os sistemas educacionais (FLORENCIO, 2012), ocasionando a ampliação de faculdades e a criação da Faculdade de Filosofia do Crato, que permaneceu inicialmente sob a responsabilidade da Diocese, até o ano de 1985, quando houve sua estatização; anos mais tarde, passou a ser a então Universidade Regional do Cariri (URCA), como é denominada até os dias atuais.

A criação da Faculdade de Filosofia do Crato foi considerada um símbolo de progresso e representava um período de expansão do ensino superior nas cidades interioranas. A história educacional da cidade do Crato foi predominantemente marcada pela atuação da Igreja Católica, na primeira metade do século XX, e havia uma hegemonia de instituições educacionais católicas, como nos aponta Florencio (2012, p. 60):

[...] a Igreja dispunha de várias instituições educacionais, tais como: Colégio Santa Teresa de Jesus, voltado para as mulheres, em 1923; para os homens, Colégio Diocesano do Crato, em 1943, que surgira inicialmente em 1916, como Colégio Diocesano, e Ginásio do Crato, em 1926; em 1957, o Ginásio Madre Ana Couto para mulheres e, por fim, a fundação, em 1959, e início do funcionamento, em 1960, da Faculdade de Filosofia do Crato.

Com as informações supracitadas, é possível perceber que a educação e a tradição locais do Crato foram pautadas pelo catolicismo. Nesse contexto, Socorro Lucena, após o término do curso Normal Pedagógico Nossa Senhora de Fátima, iniciou os estudos na Faculdade de Filosofia do Crato, tendo sido aprovada no vestibular, em 1968, passando, então, a residir em Juazeiro do Norte, na casa de familiares. Importa destacar que em 1968 acontecia a reforma do ensino superior.

No Ceará, a reforma educacional “[...] investe na qualificação profissional superior de professores, levando-a aos municípios interioranos, através das universidades estadual e regionais cearenses-UECE, UVA e URCA”. (CAVALCANTE, 2002, p. 37).

Deste modo, a formação superior de Socorro Lucena diferiu-se da ofertada na capital do estado, tendo a biografia vivenciado uma educação superior e a produção do conhecimento de cunho regional. No entanto, como salienta Vieira (2002), no que concerne aos aspectos da educação cearense, estes eram oriundos da dinâmica entre o nacional e o local em sua conjuntura.

Em tal contexto, nota-se que a expansão do ensino superior no Ceará e sua interiorização trouxeram impacto para a região do Cariri cearense, marcando um progresso para a região e a sua modernização. Buscava-se a formação de professores qualificados, pois havia essa carência, e uma faculdade na região representou uma nova possibilidade para o Cariri, pois assim não existiria mais a necessidade de migrar para, Fortaleza, capital do Ceará, com o intuito de ter uma formação em nível superior.

Deste modo, surgiram novos desafios para Socorro Lucena ir morar em outra cidade, principalmente o de conseguir um emprego para pagar suas despesas.

No período, o Ceará era marcado pelo coronelismo, como nos aponta as narrativas de Socorro Lucena em sua busca por um emprego:

Meu pai tinha um plantio de algodão, lá pelo sítio, e vendia. Era pouco algodão, mas minha mãe era assim (consciente da importância da educação formal), porque ela veio estudar em Russas. O pai dela era um latifundiário e ela veio estudar em Russas até a quarta série. Ela tinha essa visão de futuro, então, ela decidiu que ia pedir um empre-

go para mim. E foi tão engraçada essa história... Meu pai disse, “Seu fulano, eu ouvi dizer que você está com uns contratos, e minha filha terminou o curso Normal agora, ela tem dezenove anos, e eu queria um contrato para ela”. Ele perguntou assim: “Tem quarenta votos, Zé Bernardo?” (Risos). Papai não respondeu, olhou para mim e disse: “Vamos embora, minha filha, porque nós não temos nem quatro”. (Maria Socorro Lucena Lima, 2018).

Diante do relato, é possível perceber que o período era marcado pelo coronelismo no Ceará e o voto de cabresto, assim como a troca favores políticos. Desta forma, logo depois da impossibilidade de negociar um trabalho em troca de votos, a mãe de Socorro Lucena falou:

Agora quem vai sou eu! Vamos pedir ao Prefeito! Eu não estava nem sabendo direito o que estava fazendo. Como é que vai pagar a Faculdade do Crato, que era paga, nesse tempo, três contos de réis? Fomos para a Prefeitura e, lá chegando, fomos tentar falar com o Prefeito. E ela disse a mesma história minha. Minha filha terminou o curso Normal no colégio das freiras, em Barbalha, mas o Prefeito estava escrevendo e nem levantou a cabeça, mas fez assim, um pequeno bilhete, e disse: “Vá procurar o Secretário de Educação e entregue isso aqui a ele”. Nós fomos procurar o Secretário de Educação e ele entregou outro bilhete dizendo: “Se apresente à Zuila Moraes, no Colégio Menezes Pimentel”. E fomos lá, e Zuila disse: “Pode ficar!”. (Maria Socorro Lucena Lima, 2018).

As narrativas acima nos apresentam a importância nessa época de se ter indicações políticas ou conhecidos em posições de destaque no estado. A política educacional da época era caracterizada não pela aprovação por meio de concurso público, e sim, pelo poder dos políticos.

Portanto, temos o entendimento que existe uma relação entre as mudanças políticas e as mudanças educacionais (VIEIRA, 2002). A história política cearense do período nos

mostra que “é corrente a interpretação de que os coronéis representam uma elite [...]”, que decidem a vida da população (VIEIRA, 2002, p. 265).

Diante disso, percebemos que a formação educacional da biografada Socorro Lucena apresenta desafios e superações, no que tange à sua inserção no mercado de trabalho e às mudanças de localidade, bem como as dificuldades impostas na sociedade, para que uma mulher seja independente e conquiste seu espaço.

A seguir, iremos realizar discussão acerca da trajetória de formação e atuação profissional docente de Socorro Lucena. A professora mostra-nos que a sua formação esteve atrelada à sua atuação docente, exercendo concomitantemente o papel de aluna e docente.

3.2 Trajetória de formação e atuação profissional docente: educação e trabalho

Seguindo as discussões acerca da trajetória de formação e a atuação profissional docente da biografada Maria Socorro Lucena Lima, buscamos evidenciar, por meio de alguns quadros, como foi realizada sua trajetória de formação e atuação docente. Nota-se que a sua formação foi concomitante à atuação profissional, sendo educação e trabalho marcas imbricadas de sua trajetória. Assim, por não ser possível abordar toda a reconstituição de uma vida profissional de uma educadora com mais de 50 anos de serviço à educação, principalmente à docência, iremos retratar de maneira breve algumas de suas experiências profissionais e sua formação acadêmica. Destacamos que não se trata de uma reconstituição linear dos fatos apresentados.

A seguir, vemos o quadro de formação acadêmica mostrando suas titulações e períodos de formação nos cursos de

pós-doutorado, doutorado, mestrado e especialização. Nota-se que a formação educacional de Socorro Lucena foi sempre na área da Educação.

Quadro 3 – Formação Acadêmica- Titulação

| |
|---|
| 2005 – 2007 |
| Pós-Doutorado. Universidade de São Paulo, USP, Brasil com Estágio na Universidade de Minho – Portugal. |
| 1996 – 2001 |
| Doutorado em Educação Universidade de São Paulo, USP, Brasil. |
| 1993 – 1995 |
| Mestrado em Educação Universidade Federal do Ceará, UFC, Brasil. |
| 1989 – 1990 |
| Especialização em Metodologia do Ensino Superior. Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, FAFIDAM, Brasil. |
| 1976 – 1978 |
| Graduação em Pedagogia. Faculdade de Filosofia do Crato, FFCR, Brasil |
| 1968 – 1971 |
| Graduação em Letras. Faculdade de Filosofia do Crato, FFCR, Brasil |

Fonte: Plataforma Lattes.

O quadro acima apresenta a formação acadêmica-titulação da professora Socorro Lucena. Percebe-se que sua educação foi realizada em diferentes lócus e em contextos educacionais variados.

Quadro 4 – Formação Complementar

| |
|---|
| 2015 – 2015 |
| Extensão Universitária em A Dimensão Estética da Docência na Formação de Professores. (Carga horária: 60h). Universidade Estadual do Ceará, UECE, Brasil. |
| 2013 – 2013 |
| Extensão Universitária em O Estágio Curricular Supervisionado no Curso de Pedagogia: Diálogo.... (Carga horária: 60h). Universidade Estadual do Ceará, UECE, Brasil. |
| 2010 – 2010 |
| Extensão Universitária em A Pesquisa como Instrumento de Formação Docente. (Carga horária: 60h). Universidade Estadual do Ceará, UECE, Brasil. |
| 2009 – 2009 |
| Extensão Universitária em Práticas de Leitura e Formação de Professores. (Carga horária: 60h). Universidade Estadual do Ceará, UECE, Brasil. |
| 2008 – 2008 |
| Extensão Universitária em Diários de Formação: trajetórias e narrativas de vida e docência. (Carga horária: 60h). Universidade Estadual do Ceará, UECE, Brasil. |
| 1998 – 1998 |
| Extensão Universitária em Inglês Instrumental: leitura para fins didáticos. (Carga horária: 30h). Centro de Pesquisa, Recursos e Informação em Leitura, CEPRIL, Brasil. |
| 1998 – 1998 |
| Prática Docente na Perspectiva do Universidade Estadual do Ceará, UECE, Brasil. Estágio. (Carga horária: 20h). |
| 1987 – 1988 |
| Tecnologia Educacional Aplicada ao Ensino de E. Soc. (Carga horária: 360h). Associação Brasileira de Tecnologia Educacional, ABT, Brasil. |
| 1985 – 1986 |
| Tecnologia Educacional Aplicada ao Ensino do 1o. g. (Carga horária: 360h). Associação Brasileira de Tecnologia Educacional, ABT, Brasil. |
| 1979 – 1979 |
| Treinamento de Técnica Pedagógica. (Carga horária: 40h). Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – CE, SENAC/CE, Brasil. |

(continua)

(continuação)

| |
|--|
| 1979 – 1979 |
| O treinamento de recursos audiovisuais. (Carga horária: 25h). Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – CE, SENAC/CE, Brasil. |
| 1979 – 1979 |
| O Seminário de Formação Profissional. (Carga horária: 15h). Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – CE, SENAC/CE, Brasil. |
| 1977 – 1977 |
| Treinamento para Supervisores do Ensino do 1o.grau. (Carga horária: 150h). Secretaria de Educação do Estado do Ceará, SEDUC, Brasil. |
| 1976 – 1976 |
| Extensão Universitária em Curso de Treinamento para Docente das Esc. Poliva. (Carga horária: 345h). Universidade Federal do Ceará, UFC, Brasil. |
| 1972 – 1972 |
| Extensão Universitária em Curso de Ap. para Professores de 6a a 8a série. (Carga horária: 120h). Secretaria de Educação do Estado do Ceará, SEDUC, Brasil. |
| 1972 – 1972 |
| Curso de Divulgação do Método Exp. de Montessori. (Carga horária: 100h). Escola Experiencial “Irmã Catarina”, ESICT, Brasil. |
| 1971 – 1971 |
| Extensão Universitária em Exame Universidade Federal do Ceará, UFC, Brasil. De Suficiência em Inglês. |
| 1970 – 1970 |
| Extensão Universitária em Curso de Aperfeiçoamento para Professores. (Carga horária: 120h). Secretaria de Educação do Estado do Ceará, SEDUC, Brasil. |
| 1968 – 1968 |
| Curso de Recreação. (Carga horária: 100h). Sociedade Pestalozzi do Brasil, SPB, Brasil. |

Fonte: Plataforma Lattes.

Logo, é possível constatar que Socorro Lucena buscou em sua formação a realização de diferentes cursos de complementação na área da Educação e da docência. “Foi nessa corrida em busca de oportunidades que descobri a impor-

tância de investir na formação” (LIMA, 2002). Os cursos apresentados como exemplos retratavam correntes pedagógicas e grandes pensadores da educação, como: Pestalozzi, Montessori, Piaget, etc. Estes comprovam que a professora tentou atualizar-se sobre as novidades da educação nos anos que atuou educação básica, desde o início de sua carreira no magistério, o que pode ser considerado um diferencial em sua prática docente, pois viveu períodos de transição no cenário político e de legislação da Educação, sempre tentando aprimoramento profissional.

Esses cursos a qualificavam profissionalmente, o que estaria contribuindo de forma direta para a sua prática docente, pois como aponta Pimenta (1998, p.159): “A importância que a qualificação profissional dos professores adquiriu nos últimos anos, no sentido da melhoria da qualidade do ensino, tem provocado a resignificação da didática.” Acerca desses cursos, Socorro Lucena retrata em sua narrativa ela começou a descobrir cursos de aperfeiçoamento.

[...] Eu disse: “D. Leticia, vai para onde?”. Ela respondeu: “Eu vou fazer um curso na Secretaria de Educação”. Retruquei: “Mas eu não sou do Estado”. Ela disse: “Mas sempre sobra vagas, ninguém quer fazer esses cursos, você chegue lá 7 horas da manhã, porque se sobrar alguma vaga, eu peço para você ficar”. E eu aqui, em Fortaleza, para fazer o exame de vista e voltar. Então, quando estávamos lá, sobrou vaga e eu ganhei a bolsa. Fiquei morta de feliz, era o equivalente a 150 reais ou 120 reais. Aquilo, para mim, era muito dinheiro [risos]. Eu fui fazer um curso de disciplinas específicas do curso Normal, Administração Escolar, Higiene Escolar. (Maria Socorro Lucena Lima, 16/10/2019).

A seguir, seguem as imagens do certificado de conclusão do curso citado acima por Socorro Lucena:

Imagem 25 – Certificado de curso de aperfeiçoamento


 ESTADO DO CEARÁ
 SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

CERTIFICAMOS que MARIA SOCORRO LUIZINA LIMA

frequentou integralmente CURSO DE APERFEIÇOAMENTO PARA PROFESSORES DE
DISCIPLINAS ESPECÍFICAS DO ENSINO NORMAL

realizado pelo **DEPARTAMENTO DE SELEÇÃO E APERFEIÇOAMENTO DE**
PESSOAL (DESAP), em Fortaleza, no período de: 06 de julho
01 de agosto de 1970

Fortaleza, 03 de agosto de 1970

Francisca Rubile de Castro Andrade
 Diretora Geral do DESAP

Neiva Maranhão
 Secretária de Educação

| DISCIPLINAS | HORAS – AULA |
|--------------------------------|--------------|
| Matéria Geral | 40 horas |
| Psicologia da Educação | 60 " |
| Administração Escolar (espec.) | 90 " |
| Higiene Escolar (espec.) | 90 " |
| Hist. e Filosofia da Educação | 90 " |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |

Fonte: elaborada pela autora.

Identificamos que no período do início da década de 1970, o Curso de Aperfeiçoamento para Professores do curso Normal tinha em sua grade disciplinas específicas, como, exemplo, a Higiene Escolar, que preparava as professoras

para formarem normalistas que inspecionassem a higiene das crianças e do ambiente escolar.

No que concerne à trajetória profissional de Socorro Lucena, optou-se por realizar divisão em três fases: 1- os primeiros passos na profissão; 2- encontrando um lugar na escola pública estadual e 3- firmando-se no coletivo educacional. A divisão proposta permite evidenciar os períodos de atuação profissional que foram relevantes na trajetória da biografada. Assim, serão apresentadas e discutidas apenas algumas de suas experiências profissionais, que passarão a ser evocadas em suas narrativas oralizadas, a fim de alcançar o objetivo proposto, que é investigar as contribuições educacionais da professora Maria Socorro Lucena Lima para a formação de professores no estado do Ceará. Na primeira fase, haverá destaque para o seguinte título: Os primeiros passos na profissão: 1968 a 1973 – Instituto Domingos Sávio, Colégio Menezes Pimentel e Ginásio Municipal Antônio Xavier de Oliveira (da escola particular ao ginásio municipal).

Desde 1968, a professora Socorro Lucena passou a residir na cidade de Juazeiro do Norte-CE. A docente trabalhava durante o dia e frequentava a Faculdade de Filosofia do Crato – hoje, URCA – à noite. Ela ensinava tanto na rede municipal como em escolas particulares. Então, Socorro Lucena passou a morar em Juazeiro do Norte, em uma casa pequena, com sua tia e primos, residia próximo ao trabalho, e dos espaços de romaria. Sobre este período, ela destaca como era o cotidiano:

[...] Éramos eu, minha prima e Vera e Marluce, nós três. Mas toda hora estava chegando gente. Deixavam as coisas lá e depois vinham buscar as coisas. Era perto da esquina da Igreja Matriz. A gente morava lá. E eu, de Barbalha, vindo interna, tinha vergonha de tudo! Mas depois, eu fui me acostumando. Minhas primas e minha Tia Crizantina

foram muito generosas ao me receber. (Maria Socorro Lucena Lima, 2018).

A cidade de Juazeiro do Norte é conhecida pela história de Padre Cícero, sendo uma terra característica de trabalho e fé, pois “[...] os fenômenos socioreligiosos de Juazeiro do Norte foram transformados a partir do contato direto com as(os) romeira(o)s e das vivências em romaria” (OLINDA, 2017, p. 242). Essas experiências executadas por meio da fé cristã católica, a romaria, formavam grandes agrupamentos de pessoas. “A espacialidade da romaria (espaço antropológico) é dotada de elementos simbólicos que se perpetuam e se transformam” (OLINDA, 2017, p. 242). Portanto, a romaria comporta um repertório de representações e é uma prática social produtora de cultura. Esses espaços e tempos significam muito para os sujeitos juazeirenses, que se utilizavam da fé do povo, que estava em romaria, para tentar oferecer serviços e ganhar algum dinheiro.

Em seu memorial de formação, a professora Socorro Lucena revela-nos que no final desse ano seu pai comprou uma casa para os filhos estudar: “[...] Cada um dos meus irmãos que terminava a oitava série vinha morar comigo. Uma época muito difícil, porque não tínhamos maturidade suficiente para morar longe dos pais” (LIMA, 2002).

Abaixo, vemos a inserção de Socorro Lucena nas escolas mediante uma experiência no magistério em que não teve identificação profissional.

Era contrato de substituto. Tem uns professores que estão de licença e você fica lá. A outra professora ensinava no jardim de infância. Lá fui eu para o jardim de infância, mas não me dei, de jeito nenhum! De jeito nenhum! Eu não tenho, assim, o menor jeito para menino pequeno. Preparava uma aula com cartazes, com tudo, e os meninos pegavam as cadeiras e saíam empurrando, e eu só faltava

pegar uma cadeira e sair empurrando também. Fiquei lá dois meses. Na primeira reunião de professores, eu disse: “D. Zuila, me tire daqui! Pelo amor de Deus, me tire, porque eu não sei mais o que fazer”. (Maria Socorro Lucena Lima, 2018).

Além da sua falta de aptidão para a docência com crianças, um incidente marcou sua trajetória:

Um menino estava na gangorra, o outro foi lá, empurrou ele, e o garoto furou a cabeça do menino. A mãe do menino acidentado disse que iria me processar. Eu disse: “D. Zuila, me tire, não tem jeito, eu não sei, ainda mais essa mulher aí”. Dona Zuila disse assim: “Pois está bem, eu vou criar (outra série)”. Ela era bem sonhadora, Zuila Moraes, e falou: “Pois eu vou criar uma quinta série. O que você faz na faculdade?” E eu disse: “Letras”. Ela retrucou: “Pois você vai dar aula de Inglês, você vai ser professora de Inglês”. Eu disse: “Pois eu quero!”. E pronto, me dei superbem com os adolescentes, dando aula de Português e de Inglês, e de noite indo para a Faculdade de Filosofia do Crato. (Maria Socorro Lucena Lima, 2018).

Nessa instituição, a biografada passou por experiências profissionais que transformaram seu percurso formativo, pois foi em Juazeiro do Norte que seu nome começou a ser reconhecido. Sua narrativa, logo a seguir, destaca a pessoa que a incentivou na sua formação docente e no desenvolvimento profissional, oferecendo cursos nas férias escolares, o que foi se tornando uma prática.

[...] Teve uma pessoa bem importante para mim, que foi a dona Zuila Moraes, que era a diretora daquela escola, Menezes Pimentel. Ela inventava coisas. Um dia, ela disse assim: “Eu arranjei uma bolsa para ir para o Rio de Janeiro, fazer um curso de três meses na escolinha Montessori do Brasil”. E eu disse: “Eu vou!”. Ela disse: “Quem quiser ir para o Rio de Janeiro, eu tenho a passagem e as minhas

filhas moram lá em Nossa Senhora de Copacabana. Vocês ficam na casa delas e levam só o dinheiro da comida, que o da passagem de ida e volta eu tenho [...]”. (Maria Socorro Lucena Lima, 2018).

Muitas mulheres foram responsáveis pela interiorização dos processos de formação de professores junto, na Educação de Juazeiro do Norte. A professora Zuila Moraes era uma das mulheres caririenses que teve protagonismo na Educação e assistência a crianças portadoras de deficiências. “Dona Zuila Moraes me ensinou o gosto pela educação continuada e de procurar novas experiências, conhecimento e sonhar com novos rumos para a escola”. (LIMA, 2002). Zuila Moraes, diretora do Colégio Menezes Pimentel (particular), foi figura de destaque não apenas na formação da professora Socorro Lucena, mas como uma das mulheres caririenses de protagonismo no cenário educacional e social.

O alcance da sua obra educacional aponta para a promoção social e educacional da juventude juazeirense, pois contribuiu e promoveu ações significativas direcionadas à organização do sistema de educação de Juazeiro, criando instituições, estimulando o intercâmbio interinstitucional e interestadual entre APAEs e demais instituições responsáveis pelo atendimento aos portadores de deficiência. Também incentivou a criação do Lions Clube, do Movimento Bandeirante e da instalação do primeiro curso de Língua Inglesa, com a fundação do Instituto Brasil-Estados Unidos. (LOPES; FIALHO; MACHADO, 2018, p. 252).

É notório que Zuila Moraes contribuiu ativamente para a educação juazeirense, sendo uma mulher pioneira e colaborando com a formação continuada das professoras da educação básica. A seguir, podemos ver Socorro Lucena em uma de suas viagens para realização de cursos de complementação.

Imagem 26 – Socorro Lucena no Rio de Janeiro

Fonte: arquivo pessoal Socorro Lucena.

Na fotografia acima, identificamos Socorro Lucena jovem, com 20 anos, no Rio de Janeiro, em Copacabana, ocasião na qual foi realizar um curso de aperfeiçoamento de sua formação continuada. Sua vestimenta – uma blusa de mangas compridas, saia e sapatos alinhados – era apropriada para o sertão cearense, mas não para o frio do Rio: “[...] Quando chegamos lá, perguntamos: ‘Onde é Nossa Senhora de Copacabana?’. Não sabíamos de nada. As roupas que eu levei não davam nem pra começar o frio que estava fazendo”. (LIMA, 16/10/2018).

Em outra ocasião, Socorro Lucena foi realizar um curso de aperfeiçoamento em São Paulo.

A única dificuldade era onde iria ficar, e a gente ficou na casa de uns parentes de Dona Zuíla dela, como agregados, e o povo nem queria saber da gente. Nós ficamos de novo, quarenta dias, em São Paulo. Eu disse: “Eu vou atrás de um emprego”. Agora, em São Paulo, aquilo não era vida pra mim, não. Eu procurei, procurei, procurei, procurei, procurei, mas não deu certo! Nada deu certo, parecia uma coisa. Eu fui fazendo a Faculdade no Crato, mas quando eu já estava com cursos fora, eu já estava fazendo a diferença em relação às outras professoras. (Socorro Lucena 2018).

As viagens da professora Socorro a empoderaram mediante os estudos, sendo estes um diferencial em sua formação, graças as oportunidades oferecidas por Dona Zuíla Moraes acerca dos cursos de capacitação, a biografada nos conta em seu Memorial de Formação o seguinte (LIMA, 2002):

No final da década de 1960 e início dos anos setenta, viajei muitas vezes ao Rio de Janeiro e a São Paulo, para participar de capacitações e estágios. Sempre na linha da educação infantil, a temática desses cursos versava sobre a Escola Nova, métodos de ensino (Montessori, Lubienska Faure), arte e jogos para crianças. O fato é que os cursos passaram a fazer parte dos meus hábitos e as férias eram sempre destinadas para isso, mesmo depois que deixei de lecionar na escola particular.

O Ginásio Municipal Antônio Xavier de Oliveira – com direção da professora Maria Assunção Gonçalves – foi uma das instituições onde Socorro Lucena trabalhou e que marcou a sua história no período. A diretora da instituição, inclusive, foi uma das pessoas relevantes na sua atuação docente, como revela em seus memoriais e em sua narrativa oralizada:

Com D. Assunção Gonçalves, participei dos primeiros passos do Ginásio Municipal Antônio Xavier de Oliveira. Com ela, aprendi que educação é ato de amor e que as adminis-

trações passam, mas a amizade fica, e é uma conquista que precisa ser realmente no cotidiano. (LIMA, 2002).

[...] Assunção Gonçalves (professora e artista). Com ela, pude constatar o princípio educativo das lições aprendidas naquele cotidiano. Havia uma efetivação de troca de experiências, de coragem, de ousadia, de participação coletiva feita com prazer e entusiasmo. (LIMA, 1998, p. 18).

Foi o tempo no qual foi criado o Ginásio Municipal, onde minha colega Socorro Gondim iria ser vice-diretora que me ofereceu as vagas das disciplinas de História e Geografia”. E eu disse: “Eu quero!”. Sem saber nada de Geografia. Lá fui eu estudar Geografia! (Risos). Eu falei: “Aqui, eu apareço! Tudo que o pessoal disser... Vamos marchar... Uma festa, quem vai fazer uma festa? Quem quer fazer?”. Foi quando eu comecei a aparecer no cenário educacional de Juazeiro do Norte. (Maria Socorro Lucena Lima, 2018).

Na narrativa acima, percebemos que a biografada participava ativamente da rotina da escola, obtendo, assim, reconhecimento e prestígio, sendo querida pela diretora da instituição e pela comunidade escolar. Foi nesse período que Socorro Lucena casou-se, em 1973. Acerca do casamento, mas a biografada evitou o assunto.

Conseguimos uma foto que retrata entrando na cerimônia do casamento pelo braço do seu pai, mesmo considerando que nossa pesquisa encofa principalemnte são sua formação docente e suas contribuições para o cenário educativo do Ceará.

Imagem 27 – Casamento de Socorro Lucena

Fonte: arquivo pessoal de Socorro Lucena.

A professora Socorro Lucena permaneceu na Escola Normal de Juazeiro do Norte até 1977, quando exerceu a função de supervisora, além de professora de Didática e Estágio, o que a levou a retornar à universidade, para cursar Pedagogia. Assim, habilitou-se em Administração escolar e Supervisão.

Em 1978, quando terminava o curso de Pedagogia na URCA, a professora Socorro assumiu uma disciplina como professora da universidade (Administração da Escola de 1º e 2º grau), experiência que a despertou para a possibilidade de ser uma professora no ensino superior. Acerca da Esco-

la Normal de Juazeiro do Norte, Socorro Lucena destaca D. Amália Xavier de Oliveira como relevante em sua formação e atuação docente.

D. Amália Xavier de Oliveira, fundadora e diretora. Com ela, aprendi a seriedade e o compromisso com a escola pública. Estávamos, nessa época, enfrentando os problemas para implementar a Lei n. 5.692 e as alterações dela decorrentes, dentro das condições que aquela escola oferecia. (LIMA, 2002).

Amália Xavier contribuiu efetivamente formando professoras ruralistas. “A participação dessa educadora no delineamento de ideias e práticas pedagógicas constituidoras de um modo próprio de pensar e fazer a formação de professores para o campo é inquestionável”. (NOGUEIRA, 2008, p. 8).

Socorro Lucena firmou-se no coletivo educacional, integrou a equipe de fundação da Escola Polivalente de Juazeiro do Norte, onde foi supervisora, vice-diretora e diretora, respectivamente, por 14 anos. Em seu Memorial de Formação (2002), a biografada revela a importância de ter trabalhado na instituição e qual o seu aprendizado dessa experiência profissional.

Aprendi no Polivalente a lutar pela sobrevivência, pelos professores e alunos da escola pública, e a conviver com aquela comunidade, enfrentando todas as adversidades que uma escola pública poderia ter [...], de não permitir que ela sofresse com a descontinuidade das políticas governamentais, e pudesse continuar fiel aos seus objetivos de ser uma escola orientada para o trabalho. [...] A convivência na escola pública, no dia a dia da sala de aula, levou-me a conhecer mais de perto a realidade e a sobrevivência das classe desfavorecidas de Juazeiro do Norte. [...] Conseguimos transformá-la na primeira escola pública de Juazeiro do Norte, com curso Técnico de Contabilidade,

reconhecido pelo Conselho de Educação do Ceará. (LIMA, 2002).

Na instituição, Socorro Lucena trabalhou em diferentes cargos, conforme nos expõe na narrativa abaixo:

[...] Assumi a Supervisão do Colégio Polivalente. Trabalhei muito para a implantação e reconhecimento dessa escola. Mais tarde passei a ser Vice diretora e depois assumi a Direção geral, mas não gostei. Achei muito pesado! Não fiquei nessa função. (Maria Socorro Lucena Lima, 2018).

Percebemos que a biografada, assim como relatou não ter habilidade e nem identificação com o cargo de professora da educação infantil, também demonstrou não ter gostado de atuar profissionalmente na área da gestão escolar.

No período em que trabalhou em Juazeiro do Norte, a biografada teve seus três filhos, como pode ser visto no registro fotográfico da família.

Imagem 28 – Família de Socorro Lucena



Fonte: arquivo pessoal de Socorro Lucena.

Na fotografia acima está a família construída por Socorro Lucena: seu filho primogênito, Valberto Filho; o pai dos meninos; seu filho caçula, Vagner; e sua filha, Ana Lourdes.

A professora Socorro, mesmo sem ter um curso de pós-graduação, foi selecionada e aprovada no concurso público para o cargo de professor, realizado no ano de 1986 (D.O 14.459 de 24 de novembro de 1986), atuando como professora de Estágio Supervisionado e Prática de Ensino nas licenciaturas e no curso de Pedagogia, na UECE, campus de Quixadá, na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central.

Salienta-se que na década de 1980, não havia as exigências de mestrado e doutorado para a efetivação de cargos públicos para professor do ensino superior. Assim, a biografada permaneceu durante cinco anos em Quixadá, de 1987 a 1991. “O momento mais bonito da minha vida profissional, pela revolução que desencadeou, acho até que me transformou em “outra Socorro””. (LIMA, 2002). Em Quixadá, Socorro Lucena conheceu a professora Verônica de Paula Gonçalves, que já lecionava na área de Sociologia e Políticas, tornaram-se amigas e, segundo a biografada, a professora Verônica teve um papel importante de transformação na formação de sua vida:

Ela mudou minha vida completamente, eu acho que eu sou duas pessoas, uma antes dela e uma depois dela (risos), porque eu era muito certa, muito de igreja, morava em Juazeiro, muito devota e pertencente à Pastoral da Saúde. Quando eu chego em Quixadá, está Verônica, completamente largada, e a gente foi morar na mesma casa, e ela dizia tudo que eu não tive coragem nem de falar e nem de pensar. (Maria Socorro Lucena Lima, 2018).

Dessa forma a Professora ia tecendo novas nuances da sua identidade docente, acrescentando e ressignificando experiências significativas. O coletivo docente foi mostrando caminhos de formação na educação superior.

Percebemos que Socorro Lucena mudou sua postura ao trabalhar em Quixadá-CE, na docência no ensino supe-

rior, visto que passou a conviver em outros contextos com variadas pessoas, recebendo, então, a influência da amiga, professora Verônica, como nos revela:

Ela teve uma influência muito grande em mim, né? Porque ela já tinha feito mestrado, já era marxista, já era toda emancipada, e eu, não, com aquela formação do interior. Então, ela tinha certo deboche, um humor, ela não tinha medo das palavras e aquilo me encantava. [...] Cheia de brincadeira, tudo que o povo dizia, ela levava na brincadeira... Mas era uma grande educadora. (Maria Socorro Lucena Lima, 2018).

Mediante a influência da amiga, Socorro Lucena passou a ser mais leve, no que tange à sua atuação docente em sala de aula, pois percebeu que não precisava ser séria para ser uma profissional competente. Assim, a relevância de Verônica Gonçalves em sua vida foi tanta que Socorro Lucena mencionou: “Tenho até um oferecimento na minha tese dedicado a três pessoas: à minha mãe, à minha filha e a ela” (LIMA, 02/03/2018). Segue a dedicatória abaixo:

A uma professora chamada Verônica Maria de Paula Gonçalves, que me ensinou a alegria como metodologia de vida e fez concreto o pensamento de Adélia Prado: “Desejo poder escrever um teatro muito engraçado, pra todo mundo rir até ficar irmão”. (LIMA, 2001).

A professora Socorro Lucena também revela como era a sua vivência na docência universitária, a qual possibilitou seu contato com a pesquisa:

Conhecimentos novos chegavam até mim decorrentes do intercâmbio com professores da capital e alunos militantes de partidos de esquerda. Abriram os horizontes para a pesquisa, para a pós-graduação e para a compreensão crítica e política da realidade, da escola e do trabalho docente. Vigorava naquela faculdade a teoria crítica. (LIMA, 2002).

Em relação à sua família, houve dificuldades, pois teve que deixar os filhos para trabalhar em outro município, sob os cuidados de babá, seu esposo e familiares.

Eu viajava toda semana de Juazeiro para Quixadá. Vinha na quarta e voltava no sábado. Três “meninos pequeno”, fiquei lá mais seis anos. Foi nesse tempo que transformaram as unidades do interior em faculdades. E eu me transferi para Fortaleza. (Maria Socorro Lucena Lima, 16/10/2018).

Sua filha Ana Lourdes, em sua narrativa, evoca sobre como era a sua relação com a profissão da mãe:

Eu lembro que, pequena, ela dizia assim: “O que você quer ser quando crescer?”. E eu dizia: “Qualquer coisa, menos professora”. Porque a gente via que ela sofria muito, trabalhava muito, viajava muito. Eu cansei de ir para reuniões de pais no lugar dela com meu irmão, porque ele é mais novo, 8 anos mais novo. Ela sempre esteve muito presente e ausente. Ela sempre esteve presente, porque estava lá com a gente, nos estudos, ajudando, mandando, comprando livro, facilitando, para que a gente se desenvolvesse profissionalmente, mas esteve muito ausente, porque sempre viajou. Ela foi pra São Paulo, para Quixadá, e ela ia para todos os lugares, e a gente ia junto, e não ia também. [...] A gente vivia em casa, mas sem ela, porque ela estava fazendo um curso, uma formação, mas ela não nos deixava só. A gente sempre ficava com muita gente, não éramos sozinhos em casa. (Ana Lourdes Lucena, 2019).

Pela narrativa de Ana Lourdes, é possível perceber as dificuldades e os desafios enfrentados por Socorro Lucena, pois ser mulher, casada, mãe e professora universitária, precisando viajar para trabalhar, tornava Socorro diferente da maioria das mulheres de seu tempo, que ainda se dedicavam à casa e ao matrimônio, com prioridade.

A professora Socorro Lucena cursou especialização lato sensu em Metodologia do Ensino Superior, sendo um

curso organizado pela UECE. Realizado entre 1989 e 1990, foi a ponte que levou a biografada à ligação com a Prof.^a Dr.^a Selma Garrido Pimenta, que a incentivou no prosseguimento de pesquisas voltadas para o Estágio Supervisionado.

Em 1994, Selma Garrido participou de um evento acadêmico ocorrido em Limoeiro do Norte, ocasião na qual estava na cidade. Naquele momento, ela apreciou um trabalho monográfico da professora Socorro Lucena, que foi sobre sua experiência docente em Quixadá, como professora de Estágio Supervisionado, com o título *O Estágio Supervisionado como Estratégia de Integração entre a Universidade e a Comunidade: uma reflexão sobre a experiência de minicursos*.

O encontro das duas ocorreu por meio de uma pergunta direcionada a Socorro Lucena por Selma Garrido, com interesse em sua pesquisa. Essa ligação entre elas fortaleceu a formação de Socorro Lucena, como a professora expõe: “Esta monografia foi a minha ligação com a professora doutora Selma Garrido Pimenta, cujo incentivo foi fundamental para minhas posteriores atividades de pesquisadora”. (LIMA, 2002).

No livro *O Estágio na Formação de Professores: unidade, teoria e prática?* (2012), de autoria de Selma Garrido Pimenta, a autora apresentou o momento do encontro:

Em uma dessas ocasiões, eu me deparei em Limoeiro do Norte-Ceará, com a professora Maria Socorro Lucena Lima de Sousa (1990), cujo questionamento me provocou e desafiou para estudar mais fundo a questão. Perguntava-se (e me) a professora: “O que é o Estágio? Um rito de iniciação profissional? Uma estratégia de profissionalização? Conhecimento da realidade? Momento de colocar na prática a teoria recebida? Um treinamento?”. (PIMENTA, 2012, p.20-21).

Deste modo, desde o acontecimento supracitado, a biografada vem seguindo a linha teórica, as sugestões e contribuições de Selma Garrido feitas na monografia de especialização, no curso de Mestrado Acadêmico em Educação na Universidade Estadual do Ceará, quando a professora foi sua coorientadora da dissertação e na orientação de sua tese de Doutorado Acadêmico em Educação, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP).

A colaboradora entrevistada, Josete Sales, que ingressou na Universidade Estadual do Ceará como docente na mesma seleção que Socorro Lucena, conta-nos sobre a biografada:

Socorro foi uma das primeiras pessoas que vinham chegando na universidade. Naquele época, não era exigido o título nem de doutora, nem de mestre para ingressar na universidade. Nós ingressamos com curso apenas de graduadas ou especialistas, mas ela foi uma das primeiras pessoas que investiu na própria carreira profissional, no desenvolvimento profissional. Então, de partida, ela já se engajou em programas de saída para a pós-graduação. Ela, de imediato, já fez um mestrado, já fez um doutorado. Então, a gente costuma dizer que ela é uma mulher com as malas na cabeça. Tanto vindo do Cariri para a Feclesc, da Feclesc para Fortaleza, de volta para o Cariri, do Cariri para São Paulo. Ela é uma mulher realmente cidadã do mundo, do planeta. [...] A vida dela era de trem, de ônibus, de avião. Ela tem também esse outro traço, não só de interiorizar as ações da universidade, mas de sair com muita desenvoltura para outros grandes centros de formação, no caso, Fortaleza, no caso, São Paulo. (Josete Sales, 2019).

Assim, a biografada participou ativamente na interiorização do Estágio Supervisionado. Seu interesse e a militância por ele permaneceram e estavam pautados na preocupação de suas atividades docentes, nas quais buscava articulação entre a teoria e a prática, ensino e pesquisa,

escola e universidade. Nessa perspectiva, trabalhou durante cinco anos em Quixadá, com a disciplina de Estágio Supervisionado.

[...] A Socorro pensa de imediato como é que esses estágios podem ocorrer de forma a atender vários municípios, além da sede da UECE, que ficava em Quixadá. Porque Quixadá, por exemplo, atende mais de 29 municípios da região. Socorro Lucena foi essa pessoa que interiorizou os estágios, e, interiorizando os estágios, acabou interiorizando e aproximando outras cidades e outras escolas da educação básica da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central-FECLESC. Outra iniciativa da Socorro Lucena, além de levar o nome da Feclesc a todos esses municípios do interior, através do estágio, foi também a facilidade que ela tinha de conversar com os professores e os gestores da educação básica. (Josete Sales, 2019).

Sendo assim, uma das contribuições educacionais para a formação de professores no estado do Ceará partiu das cidades interioranas, por meio dos estágios. “[...] A nossa estada lá, de 86 a 92, foi investindo nessa interiorização e articulação.” (Josete Sales, 2019).

Percebe-se que as suas conquistas, ascensão profissional e o reconhecimento nacional são oriundos da sua atuação, militância e, principalmente, das produções concernentes ao Estágio Supervisionado. A biografada relata a experiência de luta e conquistas: “Durante esses anos, eu fazia viagem de 8 horas para ir e 8 horas para voltar de Juazeiro do Norte a Quixadá, semanalmente” (LIMA, 2002, p.14), para impulsionar os estágios na formação de professores no interior do Ceará.

Segundo Pimenta, “[...] não se deve colocar o estágio como o ‘polo prático’ do curso, mas como uma aproximação à prática, na medida em que será conseqüente à teoria estu-

dada no curso, que, por sua vez, deverá se constituir numa reflexão sobre e a partir da realidade” (1997, p. 14). Portanto, o estágio possui relevância para a formação de professores, pois é um campo de conhecimento, “[...] uma atividade de pesquisa, componente curricular e eixo central nos cursos de formação de professores e apresenta os aspectos indispensáveis à construção da identidade, dos saberes e das posturas necessárias”. (PIMENTA; LIMA, 2017, p. 25).

Logo após o período exposto, Socorro Lucena foi transferida para a capital do estado do Ceará, Fortaleza, e, segundo ela relata em seu Memorial de Formação (LIMA, 2010), o envolvimento com as atividades de Estágio Supervisionado, junto à formação de professores, teve prosseguimento.

[...] Depois da minha transferência para Fortaleza, as atividades aconteceram de diferentes formas, tais como o desenvolvimento de projetos com a comunidade, a articulação de experiências interdisciplinares nesta área e a mobilização de um grupo de estudos em defesa de uma política de estágio na Universidade Estadual do Ceará. (LIMA, 2010, p. 07).

Em relação ao estágio, Pimenta (2002) elucida:

[...] Professores e alunos clamam por “mais prática”, uma vez que consideram os cursos “muito teóricos”. As aspirações por “mais prática”, frequentemente, têm sido direcionadas ao Estágio Supervisionado. Por isso, foi importante tomá-lo como o fenômeno a ser investigado. (p. 11).

Portanto, reconhecemos que o Estágio é um espaço de discussão e reflexão, sendo investigado por Socorro Lucena em suas pesquisas e, sobretudo, colocado nos seus projetos, planos de aula e currículo dos cursos de licenciatura, na formação de professores. Acerca do período exposto, a colaboradora entrevistada, Marina Cavalcante, disse:

Socorro já era simpatizante do estágio, já vinha com a experiência de estágio em minicurso lá em Quixadá, e nós criamos um grupo do qual ela foi coordenadora. Era um grupo de estudo e pesquisa, de formação de professores, funcionava na PROGRAD, era Gepeqe... eu não estou lembrada (parou para lembrar), mas era um nome assim, que cuidava dos estágios. Nesse tempo, o estágio não era legalizado, assim, estágio na graduação. E nós começamos a trabalhar juntas. E, juntas, nós também fizemos parceria com outros cursos de licenciatura. Trabalhamos com a Letras. Alunos da Pedagogia e Letras, alunos da Pedagogia e da Filosofia, alunos da Pedagogia e da História faziam estágio em conjunto. Então, eles iam em duplas para as escolas, a partir desse pensamento desse grupo que estudava Estágio e Didática, e a gente criou esse laço muito forte de amizade. (Marina Cavalcante, 2019).

Mediante a narrativa da colaboradora Marina, identificamos que o estágio foi a área a qual Socorro Lucena mais se dedicou na docência universitária, criando grupos de estudo e mobilizando estudantes. Abaixo, vemos a sua experiência e formação no curso de Mestrado Acadêmico em Educação, na UFC.

A professora Socorro Lucena realizou o Curso de Mestrado acadêmico em Educação na UFC, no período de 1993 a 1995, com a dissertação cujo título é *O Estágio Supervisionado como Elemento Mediador entre Formação Inicial do Professor e da Educação Continuada*, orientada pela Profa. Suzana Vasconcelos Jimenez. A pesquisa, concluída em 1995, promoveu a compreensão para além do aspecto metodológico do como fazer e apontou para o coletivo. O trabalho buscou a articulação e a relação entre a educação inicial e a formação contínua. Na perspectiva de Pimenta (1994), o estágio é uma atividade teórica instrumentalizadora da práxis.

No entanto, o período formativo da biografada foi marcado por grandes desafios e mudanças, tanto no que con-

cerne à vida pessoal quanto em relação à vida profissional, o que a fez pontuar, assim, em seu Memorial de Formação: “Essa foi uma época muito difícil de adaptação em Fortaleza e de grandes desafios pessoais, intelectuais e profissionais” (LIMA, 2002). O período:

Foi marcado por grandes mudanças: de residência (desloquei-me do interior do Ceará para a capital), de estado civil, e de trabalho (transferi-me de Quixadá para a Universidade Estadual do Ceará, em Fortaleza). (LIMA, 2002, p. 16).

Durante a sua formação no curso de Mestrado Acadêmico, a professora Socorro mobilizou um grupo de estudos em defesa de uma Política de Estágio na UECE. Um trabalho que se transformou em militância. Acerca do período, a entrevistada colaboradora Patrícia Holanda, colega de turma do Mestrado, revelou-nos a sua percepção sobre a biografada, enquanto aluna no curso de Pós-graduação. Segue abaixo:

Quando nós fizemos o mestrado juntas, ela, como aluna, era uma pessoa muito autêntica, muito perspicaz, muito criativa, ela não é diferente disso, entendeu? Você, para ser professor da Socorro, não pode dirigir a Socorro (risos), fazer uma pesquisa, orientar a Socorro, tem alunos que você não precisa. Como orientador, você precisa ter essa sensibilidade, tem aluno que você não dirige, porque é muito criativo; como tem muita autonomia, não precisa. Ela, por si... me emocionei (choro)... ela, por si, faz o próprio caminho dela. Ela escolhe a própria trajetória, e isso eu considero que os grandes intelectuais são assim, fazem a própria trajetória. Você não precisa ficar dizendo, vai para direita, vai para a esquerda. Ela cria! Ela criou o caminho e ela sempre dizia: “Eu crio o caminho ao caminho”. Isso é uma máxima dela. (Patrícia Holanda, 2019).

Apesar da entrevistada Patrícia Holanda possuir uma relação de afeto com a biografada, percebe-se, em sua narra-

tiva, que Socorro Lucena como discente do curso de Mestrado possuía autonomia na pesquisa e criatividade.

Nós trabalhamos muito dentro da Universidade, em vários projetos, e na época que estava em expansão a formação de professores. A gente teve uma longa caminhada sobre isso e sempre se apoiando, e apoiando os outros. A gente tinha uma rede, o que é muito bacana. Nós não só nos formávamos, mas os projetos que a gente fazia... as pessoas depois concorriam ao mestrado, passavam... concorriam ao doutorado. Então, assim, foi tudo muito bacana, nossa trajetória... Além da gente conseguir também participar da vida uma da outra, se apoiar nas questões familiares. Nós nos apoiamos muito! É uma pessoa que eu gosto muito e eu tenho como uma irmã. Como eu não tenho irmã, eu sou uma pessoa que só tem irmão, tenho dois irmãos, então, foi a irmã que a vida me deu. (Emocionada). (Patrícia Holanda, 2019).

Vemos que durante o curso de Mestrado Acadêmico em Educação, a professora Socorro Lucena atuou na formação de professores e na sua expansão, realizando projetos e participando de uma rede de apoio. A narrativa da entrevistada Patrícia Holanda nos mostra também que a relação de amizade estabelecida no mestrado com a professora Socorro estendeu-se ao longo da vida, fazendo Patrícia emocionar-se, ao falar sobre a amiga. No que concerne à experiência formativa no curso de doutorado, Socorro Lucena obteve aprovação em três seleções: UNICAMP (Universidade de Campinas), na FEUSP (Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo) e na UFC (Universidade Federal do Ceará). Contudo, ela optou pelo curso de Doutorado Acadêmico em Educação na FEUSP- Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Isso ocorreu em 1997.

O projeto de pesquisa submetido com título *A Formação Contínua do Professor: os caminhos e (des) caminhos*

da qualificação profissional ficou sob a orientação de Selma Garrido Pimenta. A pesquisa baseou-se na experiência de Socorro Lucena como professora formadora de professores, que tem sua maioria na rede municipal e estadual, sendo cursistas de pós-graduação *latu sensu* na Universidade Estadual do Ceará. “A conclusão do mestrado abria as portas para assumir disciplinas nas turmas dos cursos de pós-graduação *latu sensu*, como professora de Didática e disciplinas afins”. (LIMA, 2002).

A pesquisa sobre Formação Contínua me parecia um estudo árido, sem atrativos maiores que me motivassem. As minhas limitações de informações se deparavam com um emaranhado conceitual, sem contornos definidos. Onde estariam as semelhanças e diferenças entre educação permanente, formação, formação contínua, formação em serviço, qualificação e capacitação? Como estes conceitos foram vivenciados historicamente e como estariam redefinidos no contexto da sociedade atual? (LIMA, 2002).

Vemos que a pesquisa foi desafiadora para a biografada, devido à novidade dos estudos e novos conceitos a serem discutidos. Em relação à sua vida pessoal, ela explica: “[...] A vida em São Paulo, a grande metrópole, com meus três filhos adolescentes, me instigava a buscar caminhos de superação de barreiras e mecanismos de sobrevivência” (LIMA, 2018). Havia a saudade de sua família e de seus amigos. Como podemos ver na imagem:

Imagem 29 – Carta do pai de Socorro Lucena

Maria Socorro
 Que agraco de nosso Senhor -
 Jesus Cristo ti abençoi, junto -
 a tua familia, teu lar, e esta -
 missão bonita que abraçaste
 e aceitaste com tanto amor.
 aqui vamos Bem, só que este -
 vazio que deixaste é completado com
 a felicidade de teus filhos e o cumprimento
 de teus Deveres o que tanto nos -
 conforta.
 Um abraço e em cada um
 dos minutos
 Teu Pai - 20-3-97
 José de Oliveira Lima

Fonte: elaborada pela autora.

É possível ver a saudade do pai da professora Socorro Lucena e o orgulho de sua profissão. Sobre a vida familiar em São Paulo, a filha, Ana Lourdes (2019) destaca: “Ela, no doutorado, ia dar aula no fim do mundo, e a gente ficava sozinho em casa. A gente vivia em casa, mas sem ela.”

Imagem 30 – Selma Garrido e Socorro Lucena

Fonte: arquivo pessoal de Socorro Lucena.

No registro acima, Selma Garrido e Socorro Lucena comemoram a defesa de doutorado. Nota-se que as duas estão alegres e possuem ligação de amizade. Assim, o doutorado em Educação, cursado na Universidade de São Paulo-USP, possibilitou à Socorro Lucena relações profissionais e de amizade que permitiram a ela um crescimento pessoal. O período foi de descobertas e aprendizados desafiadores. Realizar uma tese não foi uma tarefa fácil.

Imagem 31 – Banca de Doutorado de Socorro Lucena

Fonte: arquivo pessoal de Socorro Lucena.

O registro fotográfico acima apresenta a banca de doutorado da professora Socorro. Estavam presentes sua orientadora de mestrado, Susana Jimenez, Alda Marin, Maria Rita e Fusari, que são professores pesquisadores da área de Educação bem conceituados e reconhecidos, nacionalmente, nos seus campos de atuação.

Imagem 32 – Comemoração da defesa de doutorado



Fonte: arquivo pessoal de Socorro Lucena.

O registro fotográfico mostra que as relações acadêmicas foram extrapoladas por Socorro Lucena e se transformaram em boas relações de amizade, que contribuíram direta ou indiretamente para o seu crescimento profissional de docente pesquisadora.

A professora fez o Pós Doutorado também na USP com Estágio na Universidade do Minho, em Braga – Portugal, com a orientação do Professor João Formosinho.

Junto à experiência de realização de sua pesquisa doutoral, a professora Socorro Lucena teve outras instâncias de ensino/aprendizagem e formação contínua, como pode ser visto a seguir, de maneira resumida: participação no Grupo de Pesquisa GEPEFE, da Professora Selma Garrido Pimenta, no qual junto à orientadora e colegas pesquisadores, a biografada pôde realizar estudos e discussões concernentes à

sua pesquisa, e também aprendizagens acerca das orientações. Segundo Lima, (2002) o grupo de pesquisa era como uma escola de orientação. Ela ainda realizou trabalho de campo na Escola Estadual José Jorge, em Osasco, bairro Quitaúna-São Paulo, para a participação na pesquisa “A Didática na Licenciatura: um estudo dos efeitos de um programa de curso na atividade docente de alunos egressos da FEUSP”. A professora Socorro Lucena também participou da monitoria e apresentação de trabalhos em eventos científicos.

A professora Socorro Lucena participou dos ENDIPES (Encontros Nacionais de Didática e Prática de Ensino) em variadas edições. Esses eventos passaram a fazer parte de sua agenda acadêmica e de seus orientandos de mestrado e doutorado, como recomendação. Em entrevista livre, a colaboradora entrevistada Josete Sales destaca a relação de Socorro Lucena com o Endipe:

[...] Depois do mestrado e doutorado, principalmente depois da proximidade dela com os grupos de pesquisa e de publicações com a professora Selma Garrido, a Socorro Lucena deixa de ser esse nome referência na UECE e no estado do Ceará e ela passa a ser um nome de referência nacional. Principalmente, no que diz respeito à Didática e às Práticas de ensino. E a Socorro milita, ela passa a militar, principalmente, nos Encontros Nacionais de Didática e Práticas de Ensino – ENDIPES. Então, se a gente pega, por exemplo, um histórico que foi ENDIPE, desde o início, Socorro Lucena sempre vai estar presente. Ou expondo trabalhos inicialmente, ou compondo mesas, editorial, enfim, ela milita mesmo, no campo da Didática e da Prática de Ensino. E os Endipes são esse campo de atuação dela. (Josete Sales, 2019).

Antes de ser professora da Universidade Estadual do Ceará, Socorro Lucena lecionou no Curso Pedagógico, antigo Curso Normal, duas disciplinas: Didática e Prática de En-

sino, em duas escolas públicas de Juazeiro do Norte, a Escola de Segundo Grau Governador Adauto Bezerra e o Centro Educacional Professor Moreira de Sousa.

Nessa perspectiva, Socorro Lucena ingressou na universidade por concurso, para lecionar essas mesmas disciplinas na Universidade Estadual do Ceará – Unidade de Quixadá, junto com outras professoras do curso de Pedagogia, dentre elas, Vânia Neves e Josete Sales, passando a participar dos ENDIPES (Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino) em diferentes estados do Brasil, de dois em dois anos. O evento reúne professores das disciplinas pedagógicas dos cursos de formação de professores, neles são discutidos pontos de relevância da Educação, da formação de professores e das políticas vigentes nesse campo para formadores e formandos.

No período de 11 a 14 de novembro de 2014, a professora Socorro Lucena atuou como coordenadora do ENDIPE, que teve por tema “A Didática e a Prática de Ensino nas Relações entre a Escola, a Formação de Professores e a Sociedade”. Esse evento teve como sede a cidade de Fortaleza – Ceará, sendo promovido pela Universidade Estadual do Ceará – UECE.

Diante dos desafios que a Educação vivencia na sociedade atual, o ENDIPE constitui-se como um indicativo de diálogo, que se propõe a olhar para o coletivo institucional e as políticas de educação, bem como os nexos que são feitos entre os diferentes interesses, que precisam ser refletidos e superados na caminhada dos educadores. É um espaço formativo, em torno do qual são debatidos processos de ensinar e aprender a profissão do magistério, na esperança de que juntos possamos contribuir para o debate e desvendar caminhos possíveis.

Ao retornar de São Paulo, a recém-doutora trabalhou em diversos projetos os quais são relatados aqui, brevemente.

te: Curso Magister; Curso da Polícia Militar e Polícia Civil. Além disso, ela atuou em aulas de pós-graduação, com orientações de monografias e dissertações, organizou eventos, desenvolveu assessorias, participou em bancas de concursos e defesas de dissertações e teses. Socorro Lucena ainda participou ativamente do projeto de criação do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da UECE. Como segue na narrativa abaixo:

Quando retornei do doutorado realizado em São Paulo, a professora Lúcia Helena Granjeiro me convidou para ficar à frente dos trabalhos de criação do Mestrado. Trabalhei um ano no projeto de criação do curso, e em 2004, iniciava a primeira turma com 12 alunos, em duas linhas de pesquisa: Didática e Política Educacional. Lúcia Helena Granjeiro... foi ela que incentivou a criação do Mestrado, foi ela que deu todas as condições. Nós fomos fazer todo o projeto do Mestrado para encaminhar para a Capes e começamos. Para a inauguração do mestrado, veio Selma Garrido. Então, eu já começo como coordenadora. Eu acho que é isso mesmo. (Maria Socorro Lucena Lima, 2019).

A história de criação do PPGE da UECE começa em 2002. Criado pela Resolução nº 2.486/2002 – CEPE/UECE, autorizado para funcionamento pela CAPES em 2003 e homologado por meio da Portaria do CNE nº 1.652/2004, iniciou-se em janeiro de 2004. No começo, o curso foi estruturado em duas linhas de pesquisa: Didática e Formação Docente; Política Educacional, Formação e Cultura Docente. Sua primeira turma ofereceu 12 vagas e tinha um corpo docente composto por 13 professores.

Na Avaliação Trienal 2010 da CAPES, referente ao período 2007-2009, o programa alcançou o conceito 4, assegurando condições para ser solicitado o curso de doutorado. Acerca da professora Socorro Lucena e sua História de cria-

ção do PPGE/UECE, o professor e colega de trabalho Albio Sales revelou:

O que eu vivi com Socorro Lucena e posso falar da sua atuação foi que me recordo mais diretamente agora nesse momento, as primeiras vivências da professora Socorro aqui, as primeiras de trabalho com ela ocorreram na época em que se estava montando o projeto do Mestrado em Educação aqui, no Centro de Educação. Esse projeto foi iniciado na gestão da diretora do centro, Lúcia Helena Granjeiro, e Socorro Lucena era quem estava à frente do projeto inicial. Foi ela quem trabalhou na redação do projeto e trouxe, inclusive, como alguém que tinha mais experiência, a orientadora dela da USP, Selma Garrido. Lembro também que veio uma pessoa do Comitê de Educação do MEC, e a partir daí, ela iniciou esse projeto. Por que estou falando desse projeto? Porque esse projeto está diretamente relacionado com a história de vida e formação da Socorro Lucena. Ela é uma pessoa que tem essa coisa muito... é... como é que eu diria... a história de vida e formação dela são duas coisas que não se descolam. A profissionalidade dela e a história de vida são muito relacionadas, e a atuação dela como profissional está diretamente relacionada com este modo de ver o mundo que ela traz a partir das suas vivências. (Albio Sales, 2019).

A narrativa do professor Albio Sales apresenta como uma das grandes contribuições educacionais da Professora Socorro Lucena a sua participação na criação do PPGE. Todavia, muitas foram suas produções escritas, como indica o quadro 5.

Quadro 5 – Produções escritas

| |
|--|
| COSTA, E. A. S. (Org.); LIMA, M. S. L. (Org.); MARTINS, E. S. (Org.) Diálogos Pedagógicos na Formação de Professores: articulações entre ensino, pesquisa e extensão. 1. ed. Fortaleza-Ce: IMPRECE, 2019. v. 1. 163p. |
| PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, M. S. L. Estágio e Docência. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2017. 310p |
| LIMA, M. S. L.; CAVALCANTE, M. M. D. (Org.); SALES, José Albio Moreira de (Org.) ; FARIAS, I. M. S. (Org.) . Didática e a Prática de Ensino na Relação com a Escola. 1. ed. , 2015. |
| FARIAS, I. M. S. (Org.) ; LIMA, M. S. L. (Org.) ; CAVALCANTE, M. M. D. (Org.) ; SALES, José Albio Moreira de (Org.) . Didática e a prática de ensino na relação com a formação de professores. 1. ed. , 2015. |
| SALES, José Albio Moreira de (Org.); FARIAS, I. M. S. (Org.); LIMA, M. S. L. (Org.) ; CAVALCANTE, M. M. D. (Org.) . Didática e a prática de ensino na relação com a sociedade. 1. ed. , 2015. |
| CAVALCANTE, M. M. D. (Org.) ; SALES, José Albio Moreira de (Org.) ; FARIAS, I. M. S. (Org.) ; LIMA, M. S. L. (Org.) . Didática e a prática de ensino: diálogos sobre a escola, a formação de professores e a sociedade. 1. ed. , 2015. |
| PAULA, F. V. (Org.) ; PEREIRA, N. S. (Org.) ; CAVALCANTE, M. M. D. (Org.) ; LIMA, M. S. L. (Org.) . Caminhos da Formação Docente: trajetórias e perspectivas. 1. ed. Fortaleza: EdUECE, 2013. v. 1. 162p . |
| LIMA, M. S. L.; CAVALCANTE, M. M. D. (Org.) ; CARNEIRO, I. M. S. P. (Org.) ; MARTINS, E. S. (Org.) . Didática e Formação Docente: do estágio ao cotidiano escolar. 1ª. ed. São Paulo: LP-Books, 2013. |
| LIMA, M. S. L.. Estágio e Aprendizagem da profissão docente. 1. ed. Brasília: Liber Livro, 2012. 171p . |
| LIMA, M. S. L.; PIMENTA, S. G. . Estágio e Docência. 7. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012. v. 1. 296p . |
| LIMA, M. S. L.; GOMES, M. de O. Professor Reflexivo no Brasil: gênero e crítica de um conceito. 7. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2012. v. 1. 261p . |
| SOUSA, A. L. L. ; SILVA, E. A. ; OLIVEIRA, M. J. ; CAVALCANTE, M. M. D. ; LIMA, M. S. L. . Pesquisa e Prática Pedagógica VI – Estágio Supervisionado. 1. ed. Fortaleza: , 2012. 76p . |

(continua)

(continuação)

| |
|--|
| PIMENTA, Selma Garrido ; LIMA, M. S. L. . Estágio e Docência. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010. 296p . |
| LIMA, M. S. L.; BARRETO, Marcília Chagas ; BRITO, Célia Maria Machado de ; SILVA, E. A. Pesquisa e Prática Pedagógica: Metodologia do Trabalho Científico. Fortaleza: RDS, 2009. v. 1. 85p . |
| PIMENTA, Selma Garrido ; LIMA, M. S. L. . Estágio e Docência. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008. 296p . |
| LIMA, M. S. L.; VASCONCELOS, Cristiano Lima de (Org.) ; GRANGEIRO, Manuela Fonsêca (Org.) . O Ensino Policial: trajetórias e perspectivas. 1. ed. Fortaleza: Editora UECE, 2006. v. 1. 208p . |
| LIMA, M. S. L.; GRANGEIRO, Manuela Fonseca (Org.). Lições de Estágio: desafios na formação de policiais. 1. ed. Fortaleza: Edições UECE, 2006. v. 1. 188p . |
| LIMA, M. S. L.; PIMENTA, Selma Garrido . Estágio e Docência. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005. v. 1. 295p . |
| LIMA, M. S. L.; PIMENTA, Selma Garrido . Estágio e Docência. 1. ed. São Paulo -SP: Cortez, 2004. v. 01. 296p . |
| SILVA, S. P. ; LIMA, M. S. L. ; ALMEIDA, A. M. B. Dialogando com a Escola. 2. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004. v. 1. 125p. |
| LIMA, M. S. L.. A Hora da Prática. 4. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004. v. 1. 131p. |
| LIMA, M. S. L.; SILVA, S. P. (Org.) . O Estágio Docente numa perspectiva interdisciplinar. 1. ed. Fortaleza: EDUECE, 2004. v. 1. 205p . |
| LIMA, M. S. L.; ALMEIDA, A. M. B. (Org.) ; SILVA, S. P. (Org.) ; CAVALCANTE, M. M. D. (Org.) ; CELISTRE, S. S. A. (Org.) ; RIOS, T. A. (Org.) . Dialogando com a Escola. 1. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. v. 1. 124p . |
| LIMA, M. S. L.; SALES, Josete de Oliveira Castelo Branco . Aprendiz da prática docente: a Didática no exercício do magistério. 1. ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002. v. 1. 106p . |
| LIMA, M. S. L.. A Hora da Prática: reflexões sobre prática de ensino e ação docente. 1. ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2001. v. 1. 115p . |
| LIMA, M. S. L.; GRANGEIRO, L. H. F. (Org.) ; MAGALHÃES, R. C. B. P. (Org.) . A Academia vai à Academia. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001. |

Fonte: Plataforma Lattes.

No que tange às produções escritas, estas foram o fio condutor para o reconhecimento da professora Socorro Lucena em âmbito nacional, no cenário educacional, principalmente, em relação ao estágio. Muitas de suas produções surgiram da parceria com outros autores, como no livro *Estágio e docência*, escrito com Selma Garrido Pimenta, que se tornou uma obra de referência acerca do estágio. A obra faz parte da coleção *Docência em Formação* e encontra-se na sua oitava edição. Seu público-alvo são estudantes e profissionais da área educacional. O livro integra a produção acadêmica e o trabalho nas escolas. Nestas, “por Estágio Curricular entende-se as atividades que os alunos deverão realizar durante o seu curso de formação, junto ao campo futuro de trabalho”. (PIMENTA, 1997, p. 21).

A oitava edição apresenta novas pesquisas atualizadas ao contexto da legislação educacional, tecnologias e programas educacionais, no caso, focalizando no posicionamento em relação ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Nesse contexto, o livro aborda também o estágio como pesquisa no curso em formação.

Salienta-se que suas contribuições mais conhecidas no cenário educacional cearense são as suas produções escritas – livros e artigos científicos – que são reconhecidos em âmbito nacional, assim como também a sua atuação nos cursos de Licenciatura e Estágio Supervisionado, com aulas, orientações, etc. Ademais, além das produções mencionadas, sua trajetória foi reconhecida com prêmios e títulos, listados no quadro 6.

Quadro 6 - Prêmios e títulos

| |
|---|
| 2018 |
| RECONHECIMENTO À PARTICIPAÇÃO, DESEMPENHO E CONTRIBUIÇÃO AO CURSO DE PEDAGOGIA E AO PROCESSO DE CRIAÇÃO DO CENTRO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ-UECE. |
| 2017 |
| COMENDA LEOPOLDINA GONÇALVES QUEZADO, CÂMARA MUNICIPAL DE AURORA-CE. |
| 2004 |
| AMIGO DO CENTRO DE FORMAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO DE PRAÇAS DA PMCE, POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO CEARÁ. |
| 1996 |
| AGRADECIMENTO SOLENE DA CÂMARA MUNICIPAL DE JUAZEIRO DO NORTE NO DIA INTERNACIONAL DA MULHER, CÂMARA MUNICIPAL DE JUAZEIRO DO NORTE. |
| 1991 |
| CONGRATULAÇÕES PELA PARTICIPAÇÃO NO VI ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, CÂMARA MUNICIPAL DE JUAZEIRO DO NORTE. |
| 1991 |
| COMENDA DE MÉRITO LEGISLATIVO: MEDALHA CIDADE DE JUAZEIRO, CÂMARA MUNICIPAL DE JUAZEIRO DO NORTE. |

Fonte: Plataforma Lattes.

O quadro mostra os prêmios e títulos que Socorro Lucena recebeu. Foram condecorações pelo reconhecimento de suas contribuições educacionais no estado do Ceará, o que sustenta a hipótese de que Socorro Lucena colaborou efetivamente para a educação no estado, em especial, na formação de professores. Em 2017, a professora Socorro Lucena recebeu homenagem na sua cidade de origem, Aurora-Ceará. No evento, seu discurso apresentou a sua trajetória.

Penso que é de coragem e persistência que é feita a inteligência do povo de Aurora. Essa homenagem é também para todos os aurorenses, homens e mulheres que, pelo fato de não disporem de uma grande herança, ou um grande capital, partem à procura de estudo e trabalho. Saímos para estudar nas casas dos outros, para morar na casa de estudantes, muitas vezes, sem a maturidade suficiente para enfrentar os desafios de um centro urbano maior. (LIMA, 22/07/2017).

Percebe-se que seu discurso faz homenagem aos aurorenses que partem à procura de estudo e trabalho e enfrentam desafios, com coragem e persistência.

Imagem 33 – Medalha Comenda de Mérito Legislativo recebida na Câmara Municipal da cidade de Juazeiro do Norte



Fonte: elaborada pela autora.

Imagem 34 – Medalha recebida na Câmara Municipal de Aurora-CE.

Fonte: elaborado pela autora.

Acima, vemos a Medalha recebida na Câmara Municipal de Aurora-CE, cidade de origem da professora Socorro Lucena. No dia 07 de dezembro de 1991, por solicitação do vereador Getúlio Grangeiro, a professora Maria Socorro Lucena Lima recebeu da Câmara Municipal de Juazeiro do Norte a Medalha Cidade de Juazeiro do Norte, pelos relevantes serviços prestados à comunidade educacional.

No dia 08 de março de 1996, a Câmara Municipal de Juazeiro do Norte e o Instituto José Marrocos de Pesquisas e Estudos Socioculturais de Juazeiro do Norte, em sessão solene, promoveram uma homenagem a mulheres que se destacaram em suas áreas de atuação profissional. Nesta ocasião, a professora Maria Socorro Lucena Lima foi homenageada pelos serviços prestados no campo da Educação da cidade.

Sobre esse evento, a biografada destaca um momento emocionante, ocorrido no decorrer da entrevista concedida a Rádio Progresso de Juazeiro do Norte, quando o repórter perguntou: “A que se deve seu sucesso, professora?”. A resposta veio prontamente: “A um plano de vida que minha mãe fez pra mim!”. “Depois da entrevista, minha mãe me abraçou para agradecer, dizendo: ‘Obrigada pelas palavras lindas que você disse comigo!’ (LIMA, 2019).

Imagem 35 – Socorro Lucena recebendo Medalha de Mulher Destaque em Juazeiro do Norte



Fonte: arquivo pessoal de Socorro Lucena.

Na fotografia, Socorro Lucena aparece com a Medalha de Mulher Destaque em Juazeiro do Norte.

Imagem 36 – Homenagem Mulher Destaque recebida na Câmara Municipal de Juazeiro do Norte



Fonte: acervo pessoal de Socorro Lucena.

A medalha acima e a mensagem de homenagem à professora Socorro Lucena deixou-a com o semblante feliz, como se observa na imagem.

Buscamos apresentar sua atuação docente no ensino superior do estado do Ceará para alcançar o objetivo proposto: compreender a formação educativa e as contribuições educacionais da professora Socorro Lucena no ensino superior. A professora participou da formação de professores, apresentando diferentes possibilidades de contribuição. Sendo assim, buscamos aqui focar nas suas contribuições na pós-graduação.

Iniciamos com as contribuições educacionais oriundas da atuação docente da professora Socorro Lucena na pós-graduação, nos cursos de mestrado e doutorado acadêmico em Educação, tendo em vista ela possuir relevância na participação de projetos e pesquisas voltados para a docên-

cia universitária e educação básica, atingindo, assim, os professores das mais variadas modalidades de ensino.

Para tanto, realizamos brevemente discussão acerca da formação de professores e o desenvolvimento profissional docente, que vem se reconfigurando e que tem papel crucial no processo de ensino-aprendizagem e na relação professor- aluno, indo, deste modo, ao direcionamento do ambiente escolar e universitário, corroborando com o exercer da “práxis”, em que teoria e prática se imbricam. A educação é prática social que ocorre nas diversas instâncias da sociedade. (PIMENTA, 1994).

Nessa conjuntura, é crucial enfatizar que a formação de professores necessita ser refletida no âmbito da atuação docente. Desta maneira, a formação está sendo requerida, “[...] está na boca de todos, [...] também no contexto empresarial (formação na empresa), social (formação para a utilização dos tempos livres), político (formação para a tomada de decisões), etc”. (GARCIA, 1999, p.11).

Portanto, é possível perceber que a necessidade de formação é uma característica da nossa sociedade contemporânea e capitalista. Os sujeitos que não estão inseridos em processos de formação, sejam escolares ou para o exercer de uma profissão, não conseguem obter boas vagas no mercado de trabalho, que está cada vez mais concorrido e competitivo. Logo, a formação também interfere na economia, no convívio social, nas relações humanas, dentre outros aspectos. (GARCIA, 1999).

Isto nos mostra que, em geral, as pessoas estão buscando mecanismos de formação e aperfeiçoamento pessoal e profissional. Seguindo essa perspectiva, o autor nos revela o conceito de formação:

“[...] Inclui para a dimensão pessoal de desenvolvimento humano global que é preciso ter em conta, face a outras

concepções eminentemente técnicas. [...] O conceito de formação tem a ver com a capacidade de formação, assim como a vontade de formação. Quer dizer, é o indivíduo, a pessoa, o responsável último pela ativação e desenvolvimento de processos formativos. Isto não quer dizer, já antes o afirmamos, que a formação seja necessariamente autônoma”. (GARCIA, 1999, p. 22).

Para que a formação ocorra, é preciso que o sujeito da formação possua interesse e que esta formação tenha um significado. Portanto, há a necessidade crescente de investimentos em formação, articulando a formação inicial com o desenvolvimento profissional, pois não basta adquirir uma profissão, é preciso se qualificar, em busca de conhecimentos. Assim sendo:

[...] A formação pode ser entendida como uma função social de transformação de saberes, saber-fazer ou do saber-ser que se exerce em benefício do sistema socioeconômico, ou da cultura dominante. A formação pode também ser entendida como um processo de desenvolvimento e de estruturação da pessoa que se realiza com o duplo efeito de uma maturação interna e de possibilidades de aprendizagem, de experiências dos sujeitos. (GARCIA, 1999, p. 19).

Neste entendimento, a formação deixou de ser estante – formação para alcance de obtenção de uma profissão – e passou a ser contínua, valorizando a experiência. Portanto, no que tange à formação de professores, “[...] desde a didática, diz respeito ao processo que o indivíduo percorre na procura da sua identidade plena de acordo com alguns princípios ou realidade sociocultural”. (GONZÁLES SOTO, 1989, p. 83).

Para Formosinho, “a formação é conceituada com a promoção da aprendizagem dos saberes profissionais inerentes ao desempenho docente.” (2015, p. 9). Ou seja, a forma-

ção docente está ligada diretamente com o desempenho dos professores, sendo, então, de suma relevância, por gerar impactos, sejam satisfatórios ou não, sobre o ensino e a aprendizagem. Por conseguinte, a relação formando-formador é crucial no processo de formação, pois “para que uma ação de formação ocorra, é preciso que se produzam mudanças através de uma intervenção na qual há participação consciente do formando e uma vontade clara do formando e do formador de atingir os objetivos explícitos. (GARCIA, 1999, p. 21).

Desta maneira, é crucial que na formação de professores, formadores e formandos sejam pautados por objetivos comuns, mesmo que aconteçam confrontos de ideias e posicionamentos, pois o debate em busca de organizar e chegar ao objetivo comum enriquece a aprendizagem, e para que assim ocorra, de fato, a produção de conhecimento por meio da pesquisa científica é necessária. Acerca dessa contribuição, o orientando da professora Socorro Lucena explicita:

Eu gosto da forma como ela trata, o carinho que ela tem pelos orientandos, com as pessoas que convivem no entorno dela [...]. Acho que isso é muito importante, é a questão da convivência dinâmica, estabelecendo um ambiente propício de ensino e aprendizagem. (Jeovane do Nascimento, 2019).

Nessa perspectiva, a formação de professores no ensino superior, mais precisamente na pós-graduação nos cursos de mestrado e doutorado acadêmico, é realizada pela professora Socorro Lucena de modo a contribuir com as dimensões ética e humana, incluindo outros elementos necessários à Educação de seus alunos e orientandos. O início dessas contribuições acontece por meio da relação interpessoal que os levam, formador e formando, a criarem vínculos que auxiliam na busca dos objetivos comuns, pois “[...] a formação mais significativa ocorre nos contextos de trabalho,

na escola, em boa parte através da aprendizagem com os pares” (FORMOSINHO, 1999, p. 10). Para Berbaum (1982), uma ação de formação corresponde a um conjunto de condutas, de interações entre formadores e formandos, que podem ter múltiplas finalidades explícitas ou não, e em relação às quais existe intencionalidade de mudança. (GARCIA, 1999, p. 21).

A formação tem intencionalidade de mudanças que são abordadas nas aulas de Socorro Lucena como um processo em transformação. Sendo assim, sugere-se que a formação de professores seja efetivada de maneira contínua; não é formar para ser professor, mas para exercer uma profissão docente que deve acompanhar as mudanças educativas, ou seja, para estar sempre em formação. Assim, os docentes precisam saber discernir quais são seus objetivos na formação e quais as possibilidades de atingi-los. Para isso, Socorro Lucena utiliza a metodologia do “Projeto de Vida”, como explicamos a seguir.

4 PROJETO DE VIDA: SUA MARCA FORMATIVA

A professora Socorro Lucena destaca-se e difere-se dos demais docentes do ensino superior e pós-graduação, dentre outras contribuições, pela formação por meio do Projeto de Vida, sua marca docente, que tem por finalidade o alcance de objetivos pré-definidos por seus orientandos.

Dentre os assuntos abordados pela professora Socorro Lucena em suas aulas, está, o debate sobre o ingresso da docência na Universidade pública. Debate ainda sobre local de estudo, dentre outros que são atribuídos e destacados pelos alunos e orientandos como as contribuições de Socorro Lucena para a formação educacional, conforme relata seu orientando de doutorado:

Passar em um concurso... Ela sempre ministra um conteúdo que tem que ministrar, mas sempre voltando para as situações do nosso cotidiano, o que que o professor precisa? Ele precisa planejar? Certo! Mas e aí, como é que faz o planejamento para uma aula de concurso, por quê? Porque ela utiliza muito o slogan dela onde ela diz que quem não tem um grande capital, tem que correr para o edital. Então, ela ensina a fazer um concurso, ela ensina para gente a fazer um planejamento. Ela ensina a gente a deixar bem claro qual o método que a gente utiliza naquela aula, qual o tipo de avaliação. Ela nos ensina a preparar uma aula para o concurso, orientar uma monografia, um trabalho de conclusão de curso. Construir e reconstruir,

né, um artigo, um texto, da forma mais didática possível. (Alexandre Holanda, 2018).

A professora Socorro Lucena mostra aos alunos e orientandos a necessidade de autoconhecimento, para saber e planejar um projeto a ser exercido. Ela acompanha seus alunos desde o curso de pós-graduação até o alcance do objetivo do aluno. Acerca do projeto de vida, a professora expõe:

Aprendi a pensar um Projeto de Vida no espaço familiar, vendo as anotações feitas por minha mãe nos seus cadernos de oração, no qual ela anotava seus pedidos e desejos. Ela era conhecida como “uma mulher que dava planos”. Foi com ela que aprendi a traçar caminhos de formação e de profissão, tanto para mim, como para meus irmãos. Assim, fui construindo uma perspectiva de planejamento, plano e projeto. Então, levei essa postura para as aulas de Didática. E como professora desse componente curricular, que circula por todos os cursos de Licenciatura, eu sempre trazia para a sala de aula provocações para o debate, com temas que envolviam a formação e a profissão magistério. Fui me aprofundando nessa caminhada, juntando informações e, com o tempo, meus projetos foram se estendendo para outras instâncias da vida: saúde, amigos, finanças, viagens, etc. Dessa forma, o conteúdo didático restrito às ações ligadas ao plano de ensino presentes na disciplina foi crescendo. (Maria Socorro Lucena Lima, 2019).

É possível perceber a capacidade de transformar em experiências significativas os acontecimentos que geralmente ocorrem no cotidiano, tendo como horizonte um projeto pessoal e coletivo. Acerca disso, um orientando de Socorro relata:

Em relação ao Projeto de Vida, quando nós estamos sendo orientados pela professora Socorro, é bem interessante, porque ela abre as portas da academia para a gente. Ela

fala as coisas que são positivas na academia, as coisas que não se deve fazer na academia. Além de sempre mostrar o caminho das pedras, de como se comportar em uma banca, uma banca de orientação, uma banca de concurso, dos dois lados, como um possível candidato e como um possível avaliador. Então, esse tipo de orientação da professora Socorro... talvez só ela, na UECE, seja assim. Não conheço outros professores que saiam da esfera acadêmica e que se tornem amigos do orientando. (Bergson Siqueira, 2018).

Nessa compreensão, a professora Socorro Lucena trabalha em sua formação com o Projeto de Vida, que inclui as competências dos alunos para além do ambiente escolar e acadêmico, preocupando-se com o projeto pessoal, trazendo também, em suas aulas, a preocupação concernente à organização do espaço local dos estudos, e outras pautas que, comumente, não são utilizadas pela maioria dos docentes e orientadores de teses e dissertações.

Considero que contribuiu muito para a minha formação, porque ela trabalhava a teoria conjugada com a prática, atrelada, sempre tendo como foco as situações que a gente vivenciava no cotidiano escolar, as experiências, a partir do que ela também vivenciou. (Jeovane do Nascimento, 2019).

Para o desenvolvimento do Projeto de Vida, a professora Socorro Lucena utiliza a mandala, que é uma de suas marcas para organização dessa proposta, como podemos ver abaixo, na figura, a mandala feita por um de seus orientandos de doutoramento e utilizada em uma aula no Programa de Pós-graduação em Educação- PPGE-UECE.

Imagem 37 – Mandala de Formação- PPGE-UECE



Fonte: elaborada pela autora.

É possível identificar uma mandala de formação utilizada na disciplina da linha de pesquisa A – Formação, Didática e Trabalho Docente, do curso de Mestrado Acadêmico em Educação. Na ocasião, foi pedido pelo doutorando visitante Hamilton Perninck Vieira, que os alunos finalizassem a aula com palavras-chave da discussão realizada acerca de Paulo Freire e suas contribuições educacionais. Foram escolhidas pelos discentes as palavras: humanização, conscientização, diálogo e dialogicidade.

Mandala é uma palavra sânscrita (uma das mais antigas línguas clássicas da Índia) e remete etimologicamente a círculo, significando precisamente centro, circunferência. Assim, percebemos que a formação se refere a múltiplas dimensões, todavia, na presente pesquisa, centramos foco na formação de professores. No que concerne ao termo formação, em geral, o autor (KLAFKI,1990) nos aponta que esta possui três dimensões: conhecimento, moral e estética. So-

corro Lucena engloba tais dimensões em sua prática formativa, como se observa:

[...] Sempre nas orientações com a professora Socorro, ela faz a mandala, ela tem a didática da mandala, que a gente coloca o nosso projeto. O nosso projeto acadêmico, o nosso projeto familiar, projeto de vida. Então, tudo isso aí está interligado. A gente na academia fazendo um doutorado, um mestrado, não podemos nos desligar do nosso projeto pessoal com a família, com os amigos, porque tudo é importante, seria uma simbiose, tudo junto. (Bergson Siqueira, 2018).

Consideramos o “Projeto de Vida” uma das principais metodologias de trabalho da professora Socorro Lucena, que foi a mais citada para colaborar com a formação de professores no estado do Ceará. Inicialmente, não havia hipótese da realização dessa sessão sobre o Projeto de Vida, todavia, após análise das entrevistas, verificou-se a necessidade de maior explanação da temática, visto que o Projeto de Vida foi considerado a maior marca da prática docente da professora Socorro Lucena, narrada pelos seus alunos.

O Projeto de Vida é uma técnica construída ao longo do desenvolvimento de sua trajetória docente, desta maneira, reunindo diferentes elementos de sua formação educacional, que considera aspectos como a formação humana, formação pessoal, relação interpessoal, organização de vida e de estudos, dentre outros aspectos. Portanto, considera-se que uma das contribuições mais enfáticas da professora Socorro Lucena seja o Projeto de Vida, pois nota-se o seu cuidado no desenvolvimento das habilidades e competências dos alunos, para que estes alcancem a execução do Projeto de Vida por eles elaborado. Portanto, a temática merece maior visibilidade para a seara educacional.

Os alunos buscam alcançar projetos e/ou planos de vida em algum momento, seja na busca de realização pessoal ou no alcance de uma meta profissional, deste modo, constitui-se o “Projeto de Vida”, e este ganha relevância para os indivíduos. É a verdadeira práxis, o trabalho dos conteúdos produzidos socialmente e de maneira contextualizada, no imbricamento com a vida do aluno. Uma educação mais humana e sensível, que toca os que passam pela educadora, fazendo-a referência na docência do estado.

A utilização da sua metodologia formativa em um contexto educacional nos remete a contribuições educacionais que repercutem na formação de professores, que formam outros professores, sendo, então, necessário o seu estudo e entendimento. Para clarificar essa questão, Alexandre acrescenta:

Ela sempre deixou bem claro que para você ser um professor pesquisador, você precisaria ter um plano de vida, então, ela sempre procurou olhar para a minha formação, me ajudando a traçar esse plano de vida, onde a gente estabelece um projeto e traça algumas metas e tenta alcançar, porque, no planejamento, a gente só escreve, só pressupõe, e no projeto, não, a gente põe é em prática. Então, assim, quando eu cheguei a conviver, a passar por esse processo formativo com a professora Socorro, no qual ainda estou hoje, eu não me considerava um professor, eu me considerava um técnico, eu era um mero passador de slides, era um mero reprodutor de conceitos prontos, e a professora me ensinou a exercer o ensino com pesquisa, a realmente ser um professor reflexivo. Eu acho que se consegue constatar na prática dela tudo que ela prega, de acordo com as teorias que ela adota. Com sua filosofia, ela mostra na prática que é possível, e ela também me ensinou, contribuiu muito para eu gostar da profissão docente (Alexandre Holanda, 2018).

É notório nas narrativas dos seus orientandos a presença das contribuições da professora Maria Socorro Luce-

na Lima para a formação docente. Dentre as características narradas sobre a professora estão as aprendizagens adquiridas junto a ela, por meio das vivências, orientações acadêmicas e do Estágio Supervisionado. Muitos dos alunos se entusiasmam com esse enfoque e, dessa forma, vivenciam o planejamento numa visão ampliada e interdisciplinar, envolvendo os momentos da ação didática e das diferentes instâncias da vida.

Sobre o planejamento, precisamos compreender a relação da sua relevância com a prática educativa, pois sem o ato de planejar, o trabalho docente perde o sentido. Deste modo, é preciso haver um direcionamento, com objetivos definidos, para que o processo de ensino-aprendizagem e ação docente aconteçam. Portanto, na prática educativa, é necessário ter organização e planejamento, por meio das ações didáticas. Existe, assim, a necessidade do ato de planejar tanto na vida profissional dos professores quanto também nos aspectos da vida pessoal.

Assim sendo, a prática do planejamento, conforme Farias (2014, p. 2011) “[...] é ato; é uma atividade que projeta, organiza e sistematiza o fazer docente, no que diz respeito aos seus fins, meios, forma e conteúdo”. Consideramos, assim, o planejamento utilizado pela professora Socorro Lucena como algo inserido em uma perspectiva transformadora, conforme seu orientando pontua, pois busca superar o tecnicismo, ou seja, a padronização da prática docente.

Nesta perspectiva, o trabalho docente e a formação de professores é, de acordo com Nóvoa (1992, p.4), “mais do que um lugar de aquisição de técnicas e de conhecimentos, [...] é o momento-chave da socialização e da configuração profissional”. Portanto, o professor em sua atuação precisa reconhecer o ser e o vir-a-ser como projeto de vida. Sobre o Projeto de Vida desenvolvido por Socorro Lucena, percebemos

que os orientandos da professora apresentam a influência da docente, que planeja a sua vida de maneira colaborativa, logo, por meio do planejar, ela exerce a transformação que não deixa a prática docente estagnada. Nóvoa (1992), inclusive, ressalta a relevância do processo de investigação interligado às práticas educativas planejadas.

Sobre a reflexão acerca do trabalho docente, Schon (2000) a propõe como uma das formas de solucionar as problemáticas que só são encontradas no cotidiano da escola, situações que ultrapassam os conteúdos programáticos abordados na formação desenvolvida na universidade, que requerem improvisação do professor.

Nessa perspectiva, é necessário considerar o espaço da prática educativa como essencial, que é “[...] um traço cultural compartilhado que tem relações com o que acontece em outros âmbitos da sociedade e de suas instituições”. (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 43).

Deste modo, acerca da sua atuação docente e formação, a professora Socorro Lucena nos apresenta a relevância dos seus pares:

Preciso dizer que esta história não seria a mesma, se não fossem os amigos, de profissão e coração, que estiveram mais perto de mim, nas escolas onde trabalhamos, no dia a dia, vivendo juntos os mesmos desafios, alegrias, tristezas e oportunidades de crescimento: Socorro Gondim, Emília Mendes, Rejane Grangeiro, Waneida Bezerra e Maria José dos Santos Silva (Mazé) e Maria do Socorro Macedo Pinto. Minha reverência à cidade de Juazeiro do Norte, terra que me deu espaço para construir minha vida profissional, às pessoas que me deram a oportunidade de exercer minha profissão e acreditaram no meu trabalho: D. Zuila Morais, D. Assunção Gonçalves, D. Joaquina Gonçalves de Santana (D Quinha), D. Amália Xavier de Oliveira e Dr. Raimundo Santana, e D. Alacoque Bezerra. Sem esquecer o incentivo para minha entrada e permanência no ensino superior:

José Boaventura de Sousa e José Bendimar. A eles, minha eterna gratidão, pelo incentivo para fazer o concurso da UECE, e por mostrarem as possibilidades de abrir caminhos com palavras de coragem para não desistir. (Maria Socorro Lucena Lima, 2019).

Ao refletir e discutir acerca das contribuições da professora Maria Socorro Lucena Lima para a formação docente, podemos associar suas narrativas ao pensamento de Nóvoa (1992, p.4), ao afirmar que a formação de professores, “mais do que um lugar de aquisição de técnicas e de conhecimentos, [...] é o momento-chave da socialização e da configuração profissional”. Portanto, vemos que a socialização da professora Socorro Lucena com seus pares nos âmbitos do trabalho, seja na universidade ou nas escolas, marca a sua formação e o seu modo de atuação profissional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizarmos a biografia da professora Maria Socorro Lucena Lima, mulher e professora cearense, nascida no município de Aurora, que possui mais de 50 anos de vida atuando no magistério e na área da educação no estado do Ceará, percebemos que sua vida traz à tona discussões concernentes à formação de professores, história da educação e das mulheres. Esse livro problematizou como a trajetória educativa, de formação e a atuação profissional de Maria Socorro Lucena Lima podem contribuir para a formação de professores no Ceará.

Isso nos direcionou a investigar as trajetórias de formação e atuação profissional de Socorro Lucena para compreender suas contribuições educativas. Tínhamos a hipótese de que as obras escritas da professora Socorro Lucena acerca do estágio a tornaram reconhecida nacionalmente e que influenciaram a área da Educação, resultando em contribuições para a formação de professores no ensino superior do Ceará, ao embasarem-se teoricamente em seus escritos.

Entendemos que Socorro Lucena é uma educadora que contribuiu sobremaneira para a formação dos professores cearenses não apenas por seus escritos, de referência nacional, sobre Estágio Supervisionado, mas, principalmente, pela sua metodologia denominada Projeto de Vida, porque esta toca os alunos de tal maneira, relacionando

indissociavelmente conhecimentos científicos, técnicos e operacionais de forma contextualizada e humanizada, fazendo a professora Socorro inesquecível, admirada e respeitada como docente referência na formação de professores.

As memórias e os relatos orais nos oportunizaram relevantes evidências acerca das contribuições desenvolvidas por Socorro Lucena para o cenário educacional cearense. Desta forma, a obra fomentou discussão acerca de seu percurso formativo, desde sua formação familiar até sua atuação profissional docente.

Baseada nos princípios de trabalho e educação, recebendo incentivo familiar para os estudos, tendo como maior incentivadora a sua mãe, D. Lourdes Lucena, que a direcionava para as instituições de educação formal e que a encaminhava para a vida profissional, com o intuito de Socorro Lucena receber uma boa educação e contribuir com a formação de seus irmãos. Sua formação só foi possível pelo estímulo materno, que traçou para a filha mais velha o caminho acadêmico.

Seu percurso de formação escolar teve início no Grupo Escolar Monsenhor Vicente Bezerra, aos cinco anos. Socorro Lucena estudou na instituição de 1954 a 1958, com educação pautada pela vertente da educação tradicional e religiosa, característica no Brasil, na década de 1950. Em seguida, Socorro Lucena foi aprovada no Exame de Admissão e frequentou o Ginásio Paroquial Menino Deus, do ano de 1959 a 1964, de 9 a 15 anos; e no Colégio Beneditino N. Sr^a. de Fátima (1965-1967), de 15 a 17 anos, onde cursou o Normal (com habilitação no Magistério), mediante a educação religiosa e tradicional, em Barbalha-CE, dirigida pelas irmãs beneditinas.

Toda essa trajetória foi direcionada pela sua mãe e aceita, sem objeção, por Socorro Lucena, que se dedicava

aos estudos, valorizando o esforço da mãe. Afinal, estudar era a possibilidade de ascender socialmente e, ao mesmo tempo, de se libertar dos afazeres domésticos com a casa, cozinha, além de retirá-la da obrigação de auxiliar na criação dos irmãos mais novos, como era de costume acontecer com as moças mais velhas das famílias pobres.

Sua atuação profissional iniciou-se na escola doméstica enquanto cursava o Curso Normal Pedagógico no Colégio Nossa Senhora de Fátima, em Barbalha-CE. Ademais, seu nome foi ficando reconhecido no cenário educacional, ao mudar-se para a cidade de Juazeiro do Norte-CE. Nesse município cearense, a professora atuou em escolas públicas e privadas, como o Instituto Domingos Sávio, Colégio Menezes Pimentel e Ginásio Municipal Antônio Xavier de Oliveira. Dentre as instituições de ensino, Socorro Lucena chegou a lecionar na primeira Escola Normal Rural do Brasil, hoje: Centro Educacional Professor Moreira de Sousa.

No Ensino Superior, Socorro Lucena cursou Licenciatura em Letras, na Faculdade de Filosofia do Crato (1968–1971), e em Pedagogia (1976 – 1978), na mesma instituição (hoje: Universidade Regional do Cariri – URCA).

Estudou especialização em Metodologia do Ensino Superior na FAFIDAM (1989 – 1990), cursou Mestrado Acadêmico em Educação na UFC (1993 – 1995) e Doutorado Acadêmico em Educação USP (1996 – 2001), além de pós-doutorado também na USP (2005 – 2007). É importante destacar que a formação em nível superior e de pós-graduação de Socorro Lucena foi concomitante à sua atuação como mãe e professora, tendo que articular e conciliar educação, o trabalho e a atenção com a família. Foi uma das docentes pedagogas da UECE pioneiras, no estado do Ceará, a ir cursar doutorado fora do estado.

Ingressou na UECE por meio de concurso público, em 1986. Desde então, vem trabalhando com a formação de professores e com o Estágio Supervisionado na formação docente, implantando-o em várias faculdades vinculadas à UECE, no interior do estado. Também foi pessoa fundamental na constituição do Mestrado Acadêmico em Educação da UECE, professora fundadora do curso e primeira coordenadora, possibilitando formar maior número de docentes cearenses no âmbito de pós-graduação.

O estudo, mediante a biografia de uma mulher nordestina, cearense, professora universitária, considerou o contexto histórico, familiar, educacional, social e econômico em que ela estava inserida. Na interrelação da sua história de vida com o cenário educativo cearense, a pesquisa apresentou como foi o percurso transcorrido por uma menina pobre e interiorana para galgar alto nível de escolarização, bem como demonstrou que as contribuições de Socorro Lucena para o cenário educacional perpassaram por sua atuação em várias instituições escolares, consolidando-se por seus escritos acadêmicos e por sua metodologia didática denominada Projeto de Vida.

Nessa perspectiva, não tivemos intenção de reconstituir toda a sua história de vida e experiências pessoais, visto que foram muitos os acontecimentos ao longo de seus 70 anos de vida, formação e atuação docente. Diante disso, buscamos centrar foco na sua formação, atuação profissional como professora e contribuições educacionais, especialmente, para o ensino superior do estado do Ceará. Os acontecimentos e fatos narrados foram investigados com compromisso, no entanto, reconhecemos que não existe uma narrativa única e inquestionável, pois não buscamos a verdade absoluta dos fatos inseridos em um contexto histórico e social, mas apenas uma narrativa deles.

Demonstramos como uma professora galgou prestígio e visibilidade social dentro do campo educacional, mais especificamente na formação de professores e no Estágio Supervisionado no Ceará, sem a pretensão de uma história laudatória, o que foi difícil, por não encontrar ninguém disposto a fazer comentários negativos sobre a Biografada. Afinal, entendemos que como pessoa, Socorro possui na sua história de vida defeitos e qualidades, erros e acertos, mas muitos desses não nos foi possível identificar, já que o foco era a educação – formação e atuação.

Observou-se a sua menor habilidade para trabalhar no ensino infantil, maior desenvoltura com os adolescentes, mas uma verdadeira identificação com os jovens e adultos da educação superior – lócus que propiciou o desenvolvimento de suas principais obras e do trabalho com o Estágio Supervisionado e com o Projeto de vida.

A sua atuação profissional como docente contribui para a formação de professores e pesquisadores, especialmente, ao se preocupar não apenas com a formação educacional, mas sobretudo com o projeto de vida de seus orientandos e ex- alunos, projeto este que engloba aspectos da vida em diferentes instâncias, como pessoal, familiar, espiritual, intelectual, dentre outras.

Socorro Lucena teve seu trabalho reconhecido tanto por seus orientandos como por seus colegas de trabalho. Isso também ocorreu por meio de premiações com medalhas e convites para participar de eventos e bancas, até em outros países, como em Portugal. O reconhecimento nacional, para além das fronteiras cearenses, de Maria Socorro Lucena Lima, partiu de suas obras, que se tornaram referência no campo do Estágio Supervisionado, principalmente pela sua parceria na escrita com Selma Garrido Pimenta.

Embora Socorro Lucena tenha atuado nos mais diferentes níveis de ensino e cargos na área da Educação, como professora da educação básica, diretora, coordenadora pedagógica, foi na docência universitária que seu nome ficou sendo reconhecido em âmbito nacional. A pesquisa possui a limitação de não poder ser generalizada, já que trata de um contexto específico do Ceará, no entanto, foi a partir de uma vida única e singular que se pôde, ao lançar luz sobre a história da educação cearense, ampliar a compressão sobre a educação feminina, especialmente das pobres interioranas, e da formação de professores no estado, já que o individual e o coletivo são indissociáveis.

Foram percebidas algumas barreiras que existiam para uma criança do interior prosseguir nos estudos, por conta do caráter elitista da educação cearense, nessa época. Sugere-se o desenvolvimento de outras pesquisas com foco na educação de mulheres e na história da formação de professores em outros estados para que possam desenvolver comparações e elucidações de naturezas mais amplas.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. *O fascínio do vivido ou o que atrai na história oral*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2003. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6697/1394.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 5 jul. 2019.
- ALBERTI, V. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo, Contexto, 2005. p. 22-25.
- ALBERTI, V. *Manual de história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ALMEIDA, J. S. Mulheres na educação: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, D. *O legado educacional do século XX no Brasil*. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2014. p. 22-29.
- ALMEIDA, J. S. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Fundação UNESP, 1998.
- AZEVEDO, C. B; STAMATTO, M. I. S. Teoria historiográfica e prática pedagógica: as correntes de pensamento que influenciaram o ensino de história no Brasil. *Antíteses*, v. 3, n. 6, jul./dez, 2010.
- AURORA. Secretaria do Município. *Município*. Disponível em: <https://www.aurora.ce.gov.br/omunicipio.php> Acesso em: 29 set. 2018.
- BOSI, E. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1987.

BOSI, E. *O Tempo Vivo da Memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOTELHO, C.L. *Seca: visão dinâmica, integrada e correlações*. Fortaleza: ABC Fortaleza, 2000. 300 p.

BURKE, P. (Org.). *A escrita da história*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

BURKE, P. *A Revolução Francesa da Historiografia: a Escola dos Annales 1929- 1989*. Tradução de Nilo Odália. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1991.

BURKE, P. *O que é História Cultural?* Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, 191 p.

BURKE, P. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

CAVALCANTE, M. M. D. *Entrevista concedida a Francisca Mayane Benvindo dos Santos*. Fortaleza, 03 set. 2019. Duração: 42 min.

CARINO, J. A biografia como fonte para história da Educação: subsídios para um debate necessário. *Educação e Filosofia*, v. 14, n. 27/28. 2000. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/740>. Acesso em: 20 jun. 2018.

CARINO, J. A. A biografia e sua instrumentalidade educativa. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 20, n. 67, p.153-182, 1999.

CAVALCANTE, M. J. M. ESCOLA, REFORMA E MODERNIDADE: por onde tem andado e o que tem achado a História Educacional do Ceará. In: CAVALCANTE, M. J. M. (Org.). *His-*

tória e memória da educação no Ceará. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2002. p. 2-7.

DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.

DELORY-MOMBERGER, C. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. *Educ. rev., abr.*, v. 27, n. 1, p. 333-346, 2011, Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 5 jun. 2019.

DELORY-MOMBERGER, C. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal: EDUFRN, São Paulo: PAULUS, 2008.

DOSSE, F. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.

DOSSE, F. *História e Ciências Sociais*. Bauru, SP: Edusc, 2004.

ESQUISANI, R. S. S. Entre percursos, fontes e sujeitos: pesquisa em educação e uso da história oral. *Educação e Pesquisa*, v.38, n. 1, p. 217-228, mar. 2012.

FARIAS, I. M. S. [eal]. *Didática e docência: aprendendo a profissão*. 4. ed. Brasília: Liber livro, 2014.

FRANCO, M. A. R. S. *Pedagogia e prática docente*. São Paulo: Cortez, 2012.

FERREIRA, M. M; AMADO, J. *Usos & Abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FREITAS, L. C de. *Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática*. Campinas, SP: Papirus, 1995.

FENELLON, D. Pesquisa em História: perspectivas e abordagens. In: FAZENDA, I. (Org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p.17-25.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A. FINGER, M. (Org.). *O Método (auto) biográfico e a Formação*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 122-125.

FREIRE, P. *Professora sim, tia, não: cartas a quem ousa ensinar*. [S.l.]: Olho d'água, 1993.

FREIRE, P. *Ação Cultural para Liberdade e Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREITAS, M. C. de; BICCAS, M. de S. *História social da educação no Brasil (1926-1996)*. São Paulo: Cortez, 2009.

FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. São Paulo: Artmed, 2009.

FIALHO, L. M. F; MACHADO, C. J.; SALES, J. A. M. Tráfico de drogas, briga de gangues e homicídios em série: a biografia de um jovem em conflito com a lei. *Projeto História*, São Paulo, n. 51, p. 64-98, dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/20411>. Acesso em: 7 jan. 2019.

FLORENCIO, L. R. S. *Faculdade de Filosofia do Crato-FFC: representações sobre a interiorização do ensino superior*. 2012. 102f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

FURLANI, L. M. T. A parceria e a aproximação na relação professor-aluno na universidade. In: ALMEIDA, I. R; PLACCO, V. M. N. S. (Orgs.). *As relações interpessoais na formação de professores*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

FORMOSINHO, J. (coord.). *Formação de professores, aprendizagem profissional e ação docente*. Porto: Porto ed., 1999.

FIGUEIREDO, J. B. A. Educação contextualizada, didática ecorrelacional e a convivência com a seca no semiárido nordestino. In: RODRIGUES, R.M; VASCONCELOS J. G (Orgs.). *et al. História, Literatura e Educação*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 299 p.

GARCÍA, C. M, *Formação de professores para uma mudança significativa*. Porto: Porto ed., 1999.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HOLANDA, A. C. *Entrevista concedida a Francisca Mayane Bemvindo dos Santos*. Fortaleza, 13 nov. 2018. Duração: 1h20min.

HOLANDA, P. H. C. *Entrevista concedida a Francisca Mayane Bemvindo dos Santos*. Fortaleza, 09 ago. 2019. Duração: 25min.

JUCÁ, G. N. M. *A oralidade dos velhos na polifonia urbana*. Fortaleza: Premium, 2011.

YAZBEK, A. C. *10 lições sobre Foucault*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

KLAFKI, W. La importância de las Teorías Clásicas de la Educación para una Concepción de la Educación General Hoy. *Revista de Educación*, n. 291, 1990.

LE GOFF, J. *História e Memória*. 5. ed. Campinas, SP: FGV, 2003.

LE GOFF, J. *História e nova história*. Tradução de Carlos da Veiga Ferreira. Lisboa: Teorema, 1986.

LEVI, G. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p.167-82.

LIMA, M. S. L. *Entrevista concedida a Francisca Mayane Bemvindo dos Santos*. Fortaleza, 21 mar 2019. Duração: 1h.

LIMA, M. S. L. *Entrevista concedida a Francisca Mayane Benvido dos Santos*. Fortaleza, 02 mar. 2018. Duração: 45 min.

LIMA, M. S. L. *Entrevista concedida a Francisca Mayane Benvido dos Santos*. Fortaleza, 16 out. 2018. Duração: 1h 15 min.

LIMA, M. S. L. *Memorial de Formação*. Fortaleza: UECE, 1987a.

LIMA, M. S. L. *Memorial de Formação Circunstanciado*. Fortaleza: UECE, 2011 a.

LIMA, M. S. L. *A hora da prática: reflexões sobre o Estágio Supervisionado e ação docente*. 2. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

LORIGA, S. *O pequeno X: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LOPES, T. M. R.; FIALHO, L. M. F.; MACHADO, C. J. dos S. Mulheres educadoras do Cariri cearense no fomento à inclusão (1970-1990). *Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPI*, Teresina, ano 23, n 38, p. 240-263, jan./jul. 2018.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. *In: PRIORE, M. (Org.). História das Mulheres no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 443-481.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LUCENA, R. *Entrevista concedida a Francisca Mayane Benvido dos Santos*. Fortaleza, 10 set. 2019. Duração: 20 min.

MAGALHÃES JUNIOR, A. G. De Eva a Maria: os ideais de formação católica feminina na primeira metade do século XX no Brasil. *In: CAVALCANTE, M. J. M. (Org.). História e memória da educação no Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2002.

MEIHY, J. C. S. B; HOLANDA F. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MEIRELES, S. *Entrevista concedida a Francisca Mayane Benvido dos Santos*. Fortaleza, 12 mai.o 2019. Duração: 50 min.

MELO, B. R. S. *Entrevista concedida a Francisca Mayane Benvido dos Santos*. Fortaleza, 12 mar. 2019. Duração: 36 min.

NASCIMENTO, F. J. *Entrevista concedida a Francisca Mayane Benvido dos Santos*. Fortaleza, 20 fev. 2019. Duração: 55 min.

NOGUEIRA, D. L. *Amália Xavier e a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte*: registros sobre a constituição de uma cultura docente para a educação no campo. 2008. 123f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) – Centro de educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008.

NÓVOA, A. O passado e o presente dos Professores. *In: NÓVOA, A. (Org.). Profissão Professor*. 2 ed. Porto: Porto Ed., 1992.

OLINDA, E. M. B. Histórias de vida produzidas em romaria: desafios, descobertas e (re) elaborações. *In: OLINDA, E. M. B. Pesquisa (auto) biográfica em educação: afetos e transformações*. Fortaleza: UECE, 2017.

PERROT, M. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: Edusc, 2005.

PIMENTA, S. G. LIMA, M. S. L. *Estágio e Docência*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

PIMENTA, S. G. *O Estágio na Formação de Professores: unidade, teoria e prática?* 11. Eed. São Paulo: Cortez, 2012.

RODRIGUES, R. M. Biografia e Gênero. *In: FIALHO, L. M. F, VASCONCELOS, J. G, SANTANA, J. R. (Orgs.). Biografia de Mulheres*. Fortaleza: EdUECE, 2015.

ROSEMBERG, F. Mulheres educadas e a educação de mulheres. In: PINSKY C. B, PEDRO J. M. *Nova História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012.

SALES, J. A. M. *Entrevista concedida a Francisca Mayane Benvindo dos Santos*. Fortaleza, 01 nov. 2019. Duração: 1h.

SALES, J. O. C. B. *Entrevista concedida a Francisca Mayane Benvindo dos Santos*. Fortaleza, 12 set. 2019. Duração: 28 min.

SANTOS, S. M. d.; ARAÚJO, O. R.. História oral: vozes, narrativas e textos. *Cadernos de história da educação*, v. 6, n. 6, jan./dez. 2007. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/282/289> Acesso em: 18 jun. 2018.

SCHMIED-KOWARZIK, Wolfdietrich. *Pedagogia Dialética de Aristóteles a Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

SHACTAE, Andréa Mazurok. O mosteiro da Ressurreição na representação de um monge: a história de um mosteiro beneditino na leitura de um de seus fundadores. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 3, n. 3, p.108-131, mar. 2003.

SHÖN, D. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SOUSA, A. L. L. *Entrevista concedida a Francisca Mayane Benvindo dos Santos*. Fortaleza, 21 mar. 2019. Duração: 40 min.

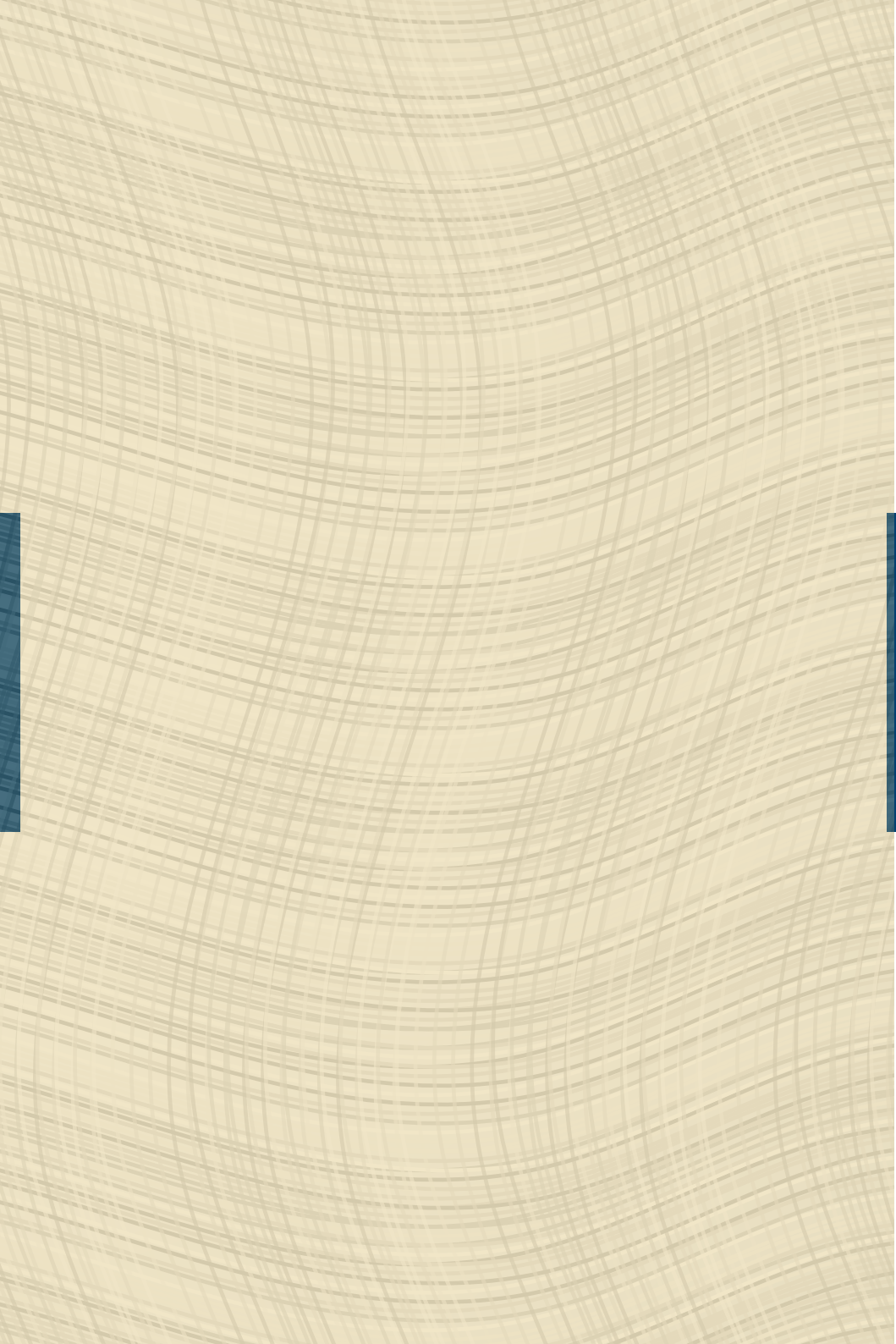
SOUSA, R. F. de. *História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX: ensino primário e secundário no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2008.

STEIN, E. *A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça*. Bauru, SP: Edusc, 1999.

THOMPSON, P. *A voz do passado*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIEIRA, S. L. *História da Educação no Ceará: sobre promessas, fatos e feitos*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

VILAS-BOAS, Sergio. *Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2014.



DECLARAÇÃO DE REVISÃO DO VERNÁCULO

Declara-se, para constituir prova junto à Coleção Práticas Educativas, vinculada à Editora da Universidade Estadual do Ceará (EdUECE), que, por intermédio do profissional infra-assinado¹, foi procedida a correção gramatical e estilística do livro intitulado **Maria Socorro Lucena Lima: educadora cearense referência na formação de professores**, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos do novo Acordo Ortográfico Lusófono, vigente desde 1º de janeiro de 2009.

Fortaleza-CE, 04 de agosto de 2021.

Felipe Aragão de Freitas Carneiro

Felipe Aragão de Freitas Carneiro



DECLARAÇÃO DE NORMALIZAÇÃO TÉCNICA

Declara-se, para constituir prova junto à Coleção Práticas Educativas, vinculada à Editora da Universidade Estadual do Ceará (EdUECE), que, por intermédio do profissional infra-assinado, foi procedida a normalização técnica do livro intitulado **Maria Socorro Lucena Lima: educadora cearense referência na formação de professores**, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos das normas vigentes decretadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Fortaleza-CE, 04 de agosto de 2021.

Felipe Aragão de Freitas Carneiro

Felipe Aragão de Freitas Carneiro

¹ Número do registro: 89.931.

COLEÇÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS

01. FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Assistência à criança e ao adolescente infrator no Brasil*: breve contextualização histórica. Fortaleza: EdUECE, 2014. 105 p. ISBN: 978-85-7826-199-3.
02. VASCONCELOS, José Gerardo. *O contexto autoritário no pós-1964*: novos e velhos atores na luta pela anistia. Fortaleza: EdUECE, 2014. 63 p. ISBN: 978-85-7826-211-2.
03. SANTANA, José Rogério; FIALHO, Lia Machado Fiuza; BRANDENBURG, Cristine; SANTOS JÚNIOR, Francisco Fleury Uchôa (org.). *Educação e saúde*: um olhar interdisciplinar. Fortaleza: EdUECE, 2014. 212 p. ISBN: 978-85-7826-225-9.
04. SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula (org.). *Golpe de 1964*: história, geopolítica e educação. Fortaleza: EdUECE, 2014. 342 p. ISBN: 978-85-7826-224-2.
05. SILVA, Sammia Castro; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia Machado Fiuza (org.). *Capoeira no Ceará*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 156 p. ISBN: 978-85-7826-218-1.
06. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; PETIT, Sandra Haydée; SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques (org.). *Tudo que não inventamos é falso*: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética. Fortaleza: EdUECE, 2014. 488 p. ISBN: 978-85-7826-219-8.
07. PAULO, Adriano Ferreira de; MIRANDA, Augusto Ridson de Araújo; MARQUES, Janote Pires; LIMA, Jeimes Mazza Correia; VIEIRA, Luiz Maciel Mourão (org.). *Ensino de História na educação básica*: reflexões, fontes e linguagens. Fortaleza: EdUECE, 2014. 381 p.
08. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; PAZ, Sandra Regina (org.). *Políticas, currículos, aprendizagem e saberes*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 381 p. ISBN: 978-85-7826-245-7.
09. VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério; FIALHO, Lia Machado Fiuza (org.). *História e práticas culturais na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 229 p. ISBN: 978-85-7826-246-4.
10. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CASTRO, Edilson Silva; SILVA JÚNIOR, Roberto da (org.). *Teologia, História e Educação na contemporaneidade*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 160 p. ISBN: 978-85-7826-237-2.
11. FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério (org.). *Biografia de mulheres*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 163 p. ISBN: 978-85-7826-248-8.

12. MIRANDA, José da Cruz Bispo de; SILVA, Robson Carlos da (org.). *Entre o derreter e o enferrujar: os desafios da educação e da formação profissional*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 401 p. ISBN: 978-85-7826-259-4.
13. SILVA, Robson Carlos da; MIRANDA, José da Cruz Bispo de (org.). *Cultura, sociedade e educação brasileira: teceduras e interfaces possíveis*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 324 p. ISBN: 978-85-7826-260-0.
14. PETIT, Sandra Haydée. *Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afrodescendente e tradição oral africana na formação de professoras e professores – contribuições do legado africano para a implementação da Lei nº 10.639/03*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 253 p. ISBN: 978-85-7826-258-7.
15. SALES, José Albio Moreira de; SILVA, Bruno Miguel dos Santos Mendes da (org.). *Arte, tecnologia e poéticas contemporâneas*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 421 p. ISBN: 978-85-7826-262-4.
16. LEITE, Raimundo Hélio (org.). *Avaliação: um caminho para o descortinar de novos conhecimentos*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 345 p. ISBN: 978-85-7826-261-7.
17. CASTRO FILHO, José Aires de; SILVA, Maria Auricélia da; MAIA, Dennys Leite (org.). *Lições do projeto um computador por aluno: estudos e pesquisas no contexto da escola pública*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 330 p. ISBN: 978-85-7826-266-2.
18. CARVALHO, Maria Vilani Cosme de; MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Psicologia da educação: teorias do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão*. 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2015. 269 p.
19. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CACAU, Josabete Bezerra (org.). *Juventudes e políticas públicas*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 247 p. ISBN: 978-85-7826-298-3.
20. LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de (org.). *Didática e prática de ensino na relação com a escola*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 245 p. ISBN: 978-85-7826-296-9.
21. FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de (org.). *Didática e prática de ensino na relação com a formação de professores*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 145 p. ISBN: 978-85-7826-293-8.
22. SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias

- (org.). *Didática e prática de ensino na relação com a sociedade*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 213 p. ISBN: 978-85-7826-294-5.
23. CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena (org.). *Didática e prática de ensino: diálogos sobre a escola, a formação de professores e a sociedade*. EdUECE, 2015. 257 p. ISBN: 978-85-7826-295-2.
 24. VASCONCELOS, José Gerardo; RODRIGUES, Rui Martinho; ALBUQUERQUE, José Cândido Lustosa Bittencourt de (org.). *Contratualismo, política e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 73 p. ISBN: 978-85-7826-297-6.
 25. XAVIER, Antônio Roberto; TAVARES, Rosalina Semedo de Andrade; FIALHO, Lia Machado Fiuza (org.). *Administração pública: desafios contemporâneos*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 181 p.
 26. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CASTRO, Edilson Silva; CASTRO, Jéssyca Lages de Carvalho (org.). *(Auto)Biografias e formação docente*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 229 p. ISBN: 978-85-7826-271-6.
 27. FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula; MARTINHO RODRIGUES, Rui (org.). *História, literatura e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 299 p. ISBN: 978-85-7826-273-0.
 28. MAGALHÃES JUNIOR, Antonio Germano; ARAÚJO, Fátima Maria Leitão (org.). *Ensino & linguagens da História*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 371 p. ISBN: 978-85-7826-274-7.
 29. NUNES, Maria Lúcia da Silva; MACHADO, Charliton José dos Santos; VASCONCELOS, Larissa Meira de (org.). *Diálogos sobre Gênero, Cultura e História*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 175 p. ISBN: 978-85-7826-213-6.
 30. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade II*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 471 p. ISBN: 978-85-8126-094-5.
 31. MARINHO, Maria Assunção de Lima; ARAÚJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues; ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra (org.). *Economia, políticas sociais e educação: tecendo diálogos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 194 p. ISBN: 978-85-7826-317-1.
 32. FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACIEL, Francisco Cristiano Góes (org.). *Polifonia em juventudes*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 234 p. ISBN: 978-85-7826-299-0.
 33. SANTANA, José Rogério; BRANDENBURG, Cristine; MOTA, Bruna Germana Nunes; FREITAS, Munique de Souza; RIBEIRO, Jú-

- lio Wilson (org.). *Educação e métodos digitais: uma abordagem em ensino contemporâneo em pesquisa*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 214 p. ISBN: 978-85-7826-318-8.
34. OLINDA, Ercília Maria Braga de; SILVA, Adriana Maria Simião da (org.). *Vidas em romaria*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 438 p. ISBN: 978-85-7826-380-5.
 35. SILVA JÚNIOR, Roberto da (org.). *Educação brasileira e suas interfaces*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 158 p. ISBN: 978-85-7826-379-9.
 36. MALOMALO, Bas'Ílele; RAMOS, Jeannette Filomeno Pouchain (org.). *Cá e acolá: pesquisa e prática no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 238 p.
 37. FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Assistência à criança e ao adolescente "infrator" no Brasil: breve contextualização histórica*. 2. ed. Fortaleza: EdUECE, 2016. 112 p. ISBN: 978-85-7826-337-9.
 38. MARQUES, Janote Pires; FONSECA, Emanuelle Oliveira da; VASCONCELOS, Karla Colares (org.). *Formação de professores: pesquisas, experiências e reflexões*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 194 p. ISBN: 978-85-7826-407-9.
 39. SILVA, Henrique Barbosa; RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; CARVALHO, Alanna Oliveira Pereira (org.). *A democratização da gestão educacional: criação e fortalecimento dos Conselhos Municipais de Educação no Ceará*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 144 p. ISBN: 978-85-7826-367-6.
 40. SILVA, Lucas Melgaço da; CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima; OLIVEIRA, Roberta Lúcia Santos de (org.). *Estudos em educação: formação, gestão e prática docente*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 425 p. ISBN: 978-85-7826-433-8.
 41. SILVA JÚNIOR, Roberto da; SILVA, Dogival Alencar da (org.). *História, políticas públicas e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 183 p. ISBN: 978-85-7826-435-2.
 42. VASCONCELOS, José Gerardo; ARAÚJO, Marta Maria de (org.). *Narrativas de mulheres educadoras militantes no contexto autoritário brasileiro (1964-1979)*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 104 p. ISBN: 978-85-7826-436-9.
 43. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade III*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 456 p. ISBN: 978-85-7826-437-6.
 44. PORTO, José Hélcio Alves. *Escritos: do hoje & sempre poesias para todos momentos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 124 p. ISBN: 978-85-7826-438-3.

45. FIALHO, Lia Machado Fiuza; LOPES, Tania Maria Rodrigues; BRANDENBURG, Cristine (org.). *Educação, memórias e narrativas*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 179 p. ISBN: 978-85-7826-452-9.
46. FIALHO, Lia Machado Fiuza; TELES, Mary Anne (org.). *Juventudes em debate*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 355 p. ISBN: 978-85-7826-453-6.
47. ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra; SANTOS, Geórgia Patrícia Guimarães dos; CAVAIGNAC, Mônica Duarte (org.). *Educação em debate: reflexões sobre ensino superior, educação profissional e assistência estudantil*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 243 p. ISBN: 978-85-7826-463-5.
48. SILVA, Lucas Melgaço da; CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima (org.). *As voltas da avaliação educacional em múltiplos caminhos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 425 p. ISBN: 978-85-7826-464-2.
49. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; MARTINS, Elcimar Simão (org.). *Ensino médio: políticas educacionais, diversidades, contextos locais*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 235 p. ISBN: 978-85-7826-462-8.
50. NUNES, Maria Lúcia da Silva; TEIXEIRA, Mariana Marques; MACHADO, Charliton José dos Santos; ROCHA, Samuel Rodrigues da (org.). *Eu conto, você conta: leituras e pesquisas (auto)biográficas*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 235 p. ISBN: 978-85-7826-506-9.
51. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Diálogos transdisciplinares*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 142 p. ISBN: 978-85-7826-505-2.
51. ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra (Org.). *Serviço Social: uma profissão, distintos olhares*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 278 p. ISBN: 978-85-7826-478-9.
52. VASCONCELOS, José Gerardo; XAVIER, Antônio Roberto; FERREIRA, Tereza Maria da Silva (org.). *História, memória e narrativas biográficas*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 191 p. ISBN: 978-85-7826-538-0.
53. SANTOS, Patrícia Fernanda da Costa; SENA, Flávia Sousa de; GONÇALVES, Luiz Gonzaga; FURTADO, Quezia Vila Flor (org.). *Memórias escolares: quebrando o silêncio...* Fortaleza: EdUECE, 2017. 178 p. ISBN: 978-85-7826-537-3.
54. CARVALHO, Scarlett O'Hara Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo. *O pedagogo na Assistência Social*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 122 p. ISBN: 978-85-7826-536-6.
55. FIALHO, Lia Machado Fiuza; LOPES, Tania Maria Rodrigues (org.). *Docência e formação: percursos e narrativas*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 198 p. ISBN: 978-85-7826-551-9.

56. LEITE, Raimundo Hélio; ARAÚJO, Karlane Holanda; SILVA, Lucas Melgaço da (org.). *Avaliação educacional: estudos e práticas institucionais de políticas de eficácia*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 242 p. ISBN: 978-85-7826-554-0.
57. CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima; SILVA, Lucas Melgaço da; ARAÚJO, Karlane Holanda (org.). *Avaliação da aprendizagem: a pluralidade de práticas e suas implicações na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 380 p. ISBN: 978-85-7826-553-3.
58. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares (org.). *Pesquisa em ensino e interdisciplinaridades: aproximações com o contexto escolar*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 178 p. ISBN: 978-85-7826-560-01.
59. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade IV*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 346 p. ISBN: 978-85-7826-563-2.
60. MUNIZ, Cellina Rodrigues (org.). *Linguagens do riso, práticas discursivas do humor*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 186 p. ISBN: 978-85-7826-555-7.
61. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Talvez em nome do povo... Uma legitimidade peculiar*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 340 p. ISBN: 978-85-7826-562-5.
62. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Política, Identidade, Educação e História*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 172 p. ISBN: 978-85-7826-564-9.
63. OLINDA, Ercília Maria Braga de; GOLDBERG, Luciane Germano (org.). *Pesquisa (auto)biográfica em Educação: afetos e (trans)formações*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 445 p. ISBN: 978-85-7826-574-8.
64. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *O desafio do conhecimento histórico*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 130 p. ISBN: 978-85-7826-575-5.
65. RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; FAÇANHA, Cristina Soares; COELHO, Tâmara Maria Bezerra Costa (org.). *Costurando histórias: conceitos, cartas e contos*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 182 p. ISBN: 978-85-7826-561-8.
66. BRANDENBURG, Cristine; SILVA, Jocyana Cavalcante da; SILVA, Jáderson Cavalcante da (org.). *Interface entre Educação, Educação Física e Saúde*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 211 p. ISBN: 978-85-7826-576-2.
67. FARIAS, Isabel Maria Sabino de; JARDILINO, José Rubens Lima; SILVESTRE, Magali Aparecida; ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de (org.). *Pesquisa em Rede: diálogos de formação em contextos coletivos de conhecimento*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 171 p. ISBN: 978-85-7826-577-9.

68. MOREIRA, Eugenio Eduardo Pimentel; RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; MARQUES, Cláudio de Albuquerque (Autores). *Implantação e atuação do Sistema de Monitoramento e avaliação do Programa Seguro-Desemprego: estudo de caso*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 340 p. ISBN: 978-85-7826-591-5.
69. XAVIER, Antônio Roberto; FERREIRA, Tereza Maria da Silva; MATOS, Camila Saraiva de (org.). *Pesquisas educacionais: abordagens teórico-metodológicas*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 271 p. ISBN: 978-85-7826-602-8.
70. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; COSTA, Hercilene Maria e Silva (org.). *Entrelugares: Tecidos Sociopoéticos em Revista*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 273 p. ISBN: 978-85-7826-628-8.
71. MACHADO, Maria do Livramento da Silva (org.). *Jovens bailarinas de Vazantinha: conceitos de corpo nos entrelaces afroancestrais da dança na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 337 p. ISBN: 978-85-7826-637-0.
72. MACHADO, Maria do Livramento da Silva (org.). *Jovens bailarinas de Vazantinha: conceitos de corpo nos entrelaces afroancestrais da dança na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 337 p. ISBN: 978-85-7826-638-7 (E-book).
73. SANTOS, Maria Dilma Andrade Vieira dos. *Jovens circenses na corda bamba: confetos sobre o riso e o corpo na educação em movimento*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 227 p. ISBN: 978-85-7826-639-4.
74. SANTOS, Maria Dilma Andrade Vieira dos. *Jovens circenses na corda bamba: confetos sobre o riso e o corpo na educação em movimento*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 227 p. ISBN: 978-85-7826-640-0 (E-book).
75. SILVA, Kricia de Sousa. *“Manobras” sociopoéticas: aprendendo em movimento com skatistas do litoral do Piauí*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 224 p. ISBN: 978-85-7826-641-7.
76. SILVA, Kricia de Sousa. *“Manobras” sociopoéticas: aprendendo em movimento com skatistas do litoral do Piauí*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 224 p. ISBN: 978-85-7826-636-3 (E-book).
77. VIEIRA, Maria Dolores dos Santos. *Entre acordes das relações de gênero: a Orquestra Jovem da Escola “Padre Luis de Castro Brasileiro” em União-Piauí*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 247 p. ISBN: 978-85-7826-647-9.
78. XAVIER, Antônio Roberto; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo (Autores). *História, memória e educação: aspectos conceituais e teórico-epistemológicos*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 193 p. ISBN: 978-85-7826-648-6.

79. MACHADO, Charliton José dos Santos (org.). *Desafios da escrita biográfica: experiências de pesquisas*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 237 p. ISBN: 978-85-7826-654-7.
80. MACHADO, Charliton José dos Santos (org.). *Desafios da escrita biográfica: experiências de pesquisas*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 237 p. ISBN: 978-85-7826-653-0 (E-book).
81. OLIVEIRA, Mayara Danyelle Rodrigues de. *Rabiscos rizomáticos sobre alegria na escola*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 210 p. ISBN: 978-85-7826-651-6.
82. OLIVEIRA, Mayara Danyelle Rodrigues de. *Rabiscos rizomáticos sobre alegria na escola*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 210 p. ISBN: 978-85-7826-652-3 (E-book).
83. SOUZA, Sandro Soares de. *Corpos movediços, vivências libertárias: a criação de confetos sociopoéticos acerca da autogestão*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 275 p. ISBN: 978-85-7826-650-9.
84. SOUZA, Sandro Soares de. *Corpos movediços, vivências libertárias: a criação de confetos sociopoéticos acerca da autogestão*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 275 p. ISBN: 978-85-7826-649-3 (E-book).
85. SANTOS, Vanessa Nunes dos. *Sociopoetizando a filosofia de jovens sobre as violências e a relação com a convivência na escola, em Teresina-PI*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 257 p. ISBN: 978-85-7826-664-6.
86. SANTOS, Vanessa Nunes dos. *Sociopoetizando a filosofia de jovens sobre as violências e a relação com a convivência na escola, em Teresina-PI*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 257 p. ISBN: 978-85-7826-662-2 (E-book).
87. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral (org.). *Gênero e cultura: questões políticas, históricas e educacionais*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 281 p. ISBN: 978-85-7826-673-8.
88. XAVIER, Antônio Roberto; MALUF, Sâmia Nagib; CYSNE, Maria do Rosário de Fátima Portela (org.). *Gestão e políticas públicas: estratégias, práticas e desafios*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 197 p. ISBN: 978-85-7826-670-7.
89. DAMASCENO, MARIA NOBRE. *Lições da Pedagogia de Jesus: amor, ensino e justiça*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 119 p. ISBN: 978-85-7826-689-9.
90. ADAD, Clara Jane Costa. *Candomblé e Direito: tradições em diálogo*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 155 p. ISBN: 978-85-7826-690-5.
91. ADAD, Clara Jane Costa. *Candomblé e Direito: tradições em diálogo*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 155 p. ISBN: 978-85-7826-691-2 (E-book).

92. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva (Autores). *Tudo azul com dona Neuza: Poder e Disputa Local em 1968*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 141 p. ISBN: 978-85-7826-670-7.
93. XAVIER, Antônio Roberto; MALUF, Sâmia Nagib; CYSNE, Maria do Rosário de Fátima Portela (org.). *Gestão e políticas públicas: estratégias, práticas e desafios*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 197 p. ISBN: 978-85-7826-671-4 (E-book).
94. GAMA, Marta. *Entrelugares de direito e arte: experiência artística e criação na formação do jurista*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 445 p. ISBN: 978-85-7826-702-5.
95. GAMA, Marta. *Entrelugares de direito e arte: experiência artística e criação na formação do jurista*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 445 p. ISBN: 978-85-7826-703-2 (E-book).
96. LEITINHO, Meirecele Calíope; DIAS, Ana Maria Iorio (org.). *Discutindo o pensamento curricular: processos formativos*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 203 p. ISBN: 978-85-7826-701-8.
97. BEZERRA, Milena de Holanda Oliveira; GADELHA, Raimunda Rosilene Magalhães; CARNEIRO, Stânia Nágila Vasconcelos; FERREIRA, Paulo Jorge de Oliveira (org.). *Educação e saúde: vivendo e trocando experiências no Programa de Educação pelo Trabalho (PET)*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 233 p. ISBN: 978-85-7826-713-1 (E-book).
98. SUCUPIRA, Tânia Gorayeb; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO; Lia Machado Fiuza. *Quilombo Boqueirão da Arara, Ceará: memórias, histórias e práticas educativas*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 151 p. ISBN: 978-85-7826-687-5.
99. RIBEIRO, Luís Távora Furtado; SILVA, Samara Mendes Araújo; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura (org.). *Debates em História da Educação e Formação de Professores: perspectivas da educação contemporânea*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 300 p. ISBN: 978-85-7826-724-7 (E-book).
100. BRANDENBURG, Cristine; SILVA, Jocyana Cavalcante da (org.). *Práticas de ensino: semeando produções científicas parceiras*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 179 p. ISBN: 978-85-7826-725-4.
101. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral (org.). *Exercício da escrita (auto)biográfica*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 398 p. ISBN: 978-85-7826-723-0 (E-book).
102. SILVA; Adryel Vieira Caetano da; NASCIMENTO; Jordana Marjorie Barbosa do; VIEIRA, Livia Moreira Lima; LOPES, Thaynara Ferreira; CARVALHO, Rhanna Emanuela Fontenele Lima de

- (org.). *25 Anos de PET Enfermagem: uma trajetória de pesquisa, conhecimento e promoção de saúde*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 215 p. ISBN: 978-85-7826-745-2 (E-book).
103. SILVA, Maria do Socorro Borges da. *De “mulher-maravilha” a “cidadã persi”*: professoras capulana do educar em direitos humanos. Fortaleza: EdUECE, 2019. 109 p. ISBN: 978-85-7826-753-7.
104. COSTA, Hercilene Maria e Silva; ADAD, Shara Jane Holanda Costa (org.). *Círculo de cultura sociopoético: diálogos com Paulo Freire sempre!*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 190 p. ISBN: 978-85-7826-741-4 (E-book).
105. MELO, Deywid Wagner de; MOTA, Maria Danielle Araújo; MAKIYAMA, Simone (org.). *Letramentos e suas múltiplas faces: experiências do PIBID na UFAL*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 458 p.
106. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; MACIEL, Maria José Camelo; OLIVEIRA, Antonio Marcone de (org.). *Pedagogia do trabalho: a atuação do pedagogo na educação profissional*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 214 p. ISBN: 978-85-7826-774-2.
107. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; MACIEL, Maria José Camelo; OLIVEIRA, Antonio Marcone de (org.). *Pedagogia do trabalho: a atuação do pedagogo na educação profissional*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 214 p. ISBN: 978-85-7826-775-9 (E-book).
108. LEITE, Luciana de Lima Lopes. *Ocupar é reexistir! Práticas artísticas como tática de resistência nas ocupações do coletivo ocupArthe, em Teresina (2014)*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 266 p. ISBN: 978-85-7826-779-7 (E-book).
109. GOMES, Wagner. *Ensino de História e interdisciplinaridade: reflexões epistemológicas*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 185 p. ISBN: 979-65-86445-00-8. (E-book).
110. MELO, Deywid Wagner de; MOTA, Maria Danielle Araújo; MAKIYAMA, Simone (org.). *Letramentos e suas múltiplas faces: experiências do PIBID na UFAL*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 458 p. ISBN: 978-65-86445-05-3. (E-book).
111. ALVES, Danielle Coelho; VALE, Erlenia Sobral do; CAMELO, Renata Albuquerque (org.). *Instrumentos e técnicas do Serviço Social: desafios cotidianos para uma instrumentalidade mediada*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 411 p. ISBN: 978-65-86445-01-5.
112. NUNES, Maria Lúcia da Silva (org.). *Paisagens da história da educação: memórias, imprensa e literatura*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 216 p. ISBN: 978-65-86445-07-7.
113. MORAES, Ana Cristina de; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura; RODRIGUES, Cicera Sineide Dantas (org.). *Arte, docência*

- e práticas educativas: experiências e contextos*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 656 p. ISBN: 978-65-86445-25-1. (E-book).
114. SILVA, Maria do Socorro Borges da; FARIAS, Emerson de Souza. *Educação e direitos humanos de crianças e adolescentes*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 110 p. ISBN: 978-65-86445-29-9 (E-book).
115. VIANA, Patrícia Ferreira de Sousa; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. *A sociopoética como inovação metodológica na pesquisa em saúde bucal coletiva, com jovens em formação*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 186 p. ISBN: 978-65-86445-34-3. (E-book).
116. OLINDA, Ercília Maria Braga de; PAZ, Renata Marinho (org.). *Narrativas autobiográficas e religiosidade*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 421 p. ISBN: 978-65-86445-43-5. (E-book).
117. ARAÚJO, Conceição de Maria Sousa. *Ensinar e aprender filosofia numa perspectiva ética*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 236 p. ISBN: 978-65-86445-48-0. (E-book).
118. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; LACET, Juliana Aparecida Lemos. *Maria Camélia Pessoa da Costa: educação como missão de vida*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 216 p. ISBN: 978-65-86445-55-8 (E-book).
119. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; LACET, Juliana Aparecida Lemos. *Maria Camélia Pessoa da Costa: educação como missão de vida*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 216 p. ISBN: 978-65-86445-51-0.
120. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; LIMA, Joana D'arc de Sousa; BRITO, Antônia Edna. *Práticas educativas: múltiplas experiências em educação*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 558 p. ISBN: 978-65-86445-62-6 (E-book).
121. RIBEIRO, Luís Távora Furtado; SILVA, Samara Mendes Araújo; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura (org.). *Formação e experiências docentes: práticas pedagógicas em diferentes contextos e cenários: perspectivas da educação contemporânea*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 475 p. ISBN: 978-65-86445-70-1 (E-book).
122. CARVALHO, Maria Vilani Cosme de; MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de (Org.). *Psicologia da educação: teorias do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão*. 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2021. 277 p. ISBN: 978-65-86445-69-5. (E-book).
123. SILVA, Hebelyanne Pimentel da. *Uma década de prosa: impressos e impressões da professora e jornalista Maria Mariá (1953-1959)*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 289 p. ISBN: 978-65-86445-71-8. (E-book).

124. LIMA, Caciano Silva. *Sociopoética no Brasil: uma pesquisa com Educadores Museais*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 193 p. ISBN: 978-65-86445-79-4. (E-book).
125. LIMA, Caciano Silva. *Sociopoética no Brasil: uma pesquisa com Educadores Museais*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 193 p. ISBN: 978-65-86445-80-0.
126. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima; ARAÚJO, Talita Medeiros de (Org.). *Pedagogia jurídica no Brasil: questões teóricas e práticas de um campo em construção*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 453 p. Isbn: 978-65-86445-88-6.
127. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima; ARAÚJO, Talita Medeiros de (Org.). *Pedagogia jurídica no Brasil: questões teóricas e práticas de um campo em construção*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 453 p. Isbn: 978-65-86445-89-3 (E-book).
128. CARVALHO, Scarlett O'Hara Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Irmã Maria Montenegro: uma vida dedicada à educação*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 166 p. ISBN: 978-65-86445-95-4. (E-book).
129. SANTOS, Francisca Mayane Benvindo dos; FIALHO, Lia Machado Fiuza; SALES, José Albio Moreira de. *Maria Socorro Lucena Lima: educadora cearense referência na formação de professores*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 183 p. ISBN: 978-65-86445-98-5. (E-book).